



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

XII Legislatura

Número: 82

III Sessão Legislativa

Horta, quarta-feira, 19 de outubro de 2022

**Presidente:** *Deputado Luís Garcia*

**Secretários:** *Deputados Tiago Branco e Marco Costa*

### Sumário

*Os trabalhos tiveram início às 10 horas e 04 minutos.*

Após a chamada dos/as Deputados/as, os trabalhos iniciaram-se com a [Sessão de perguntas ao Governo Regional com resposta oral](#), apresentada pela Representação Parlamentar do PAN, pelo Sr. Deputado Pedro Neves (PAN).

Usaram da palavra os/as seguintes Srs./Sras. Deputados/as: Carlos Freitas (PSD), Rui Martins (CDS-PP), José Pacheco (CH), António Lima (BE), Paulo Estevão (PPM), Vílson Gomes (PS), Nuno Barata (IL), José Ávila (PS), Sandra Dias Faria (PS), José Gabriel Eduardo (PS), Vasco Cordeiro (PS), bem como a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (*Berta Cabral*).

De seguida, deu-se continuidade à discussão, que teve início no dia anterior, sobre a [Anteproposta de Lei n.º 14/XII – “Alteração ao Código do Imposto de Rendimento das Pessoas Singulares, vulgo CIRS, para](#)

isenção da remuneração complementar regional”, apresentada pela Representação Parlamentar do PAN.

Participaram no debate os/as seguintes Srs./Sras. Deputados/as:

Carlos Silva (*PS*), Paulo Estêvão (*PPM*), António Vasco Viveiros (*PSD*), Vasco Cordeiro (*PS*), Nuno Barata (*IL*) e Rui Martins (*CDS-PP*).

Em votação final global, a Anteproposta de Lei foi aprovada.

Posteriormente, o Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 64/XII – “Funcionamento de cantinas e bufetes escolares” apresentado pelos Grupos Parlamentares do PSD/CDS-PP/PPM, baixou à Comissão para parecer, a requerimento do proponente, o qual foi aprovado por unanimidade. Por fim, iniciou-se o debate relativamente ao Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 58/XII – “Quinta alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 28/99/A, de 31 de julho, alterado pelos Decretos Legislativos Regionais n.º 41/2003/A, de 6 de novembro, 2/2007/A, de 24 de janeiro, 1/2010/A, de 4 de janeiro e 4/2020/A, de 22 de janeiro, que aprova o estatuto do Serviço Regional de Saúde dos Açores (organização e funcionamento dos serviços de saúde da Região Autónoma dos Açores)”, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PS.

Após a apresentação da iniciativa feita pelo Sr. Deputado Tiago Lopes (*PS*), usaram da palavra os/as seguintes Srs./Sras. Deputados/as: Ana Quental (*PSD*), Pedro Neves (*PAN*), Alexandra Manes (*BE*), Gustavo Alves (*PPM*), João Bruto da Costa (*PSD*), Catarina Cabeceiras (*CDS-PP*), Carlos Furtado (*PSD*), Nuno Barata (*IL*), bem como o Sr. Secretário Regional da Saúde e Desporto (*Clélio Meneses*).

*Os trabalhos terminaram às 19 horas e 35 minutos.*

**Presidente:** Muito bom dia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, vamos dar início aos nossos trabalhos com a chamada tem a palavra o Sr. Secretário faz favor?

**Secretário:** Bom dia.

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os/as seguintes Deputados/as:*

***Partido Socialista (PS)***

**Ana Luísa Pereira Luís**

**Andreia Martins Cardoso da Costa**

**Berto José Branco Messias**

**Carlos Emanuel Rego Silva**

**Célia Otelinda Borges Pereira**

**Francisco Manuel Coelho Lopes Cabral**

**Joana Pombo Sousa Tavares**

**João Vasco Pereira da Costa**

**José António Vieira da Silva Contente**

**José Gabriel Freitas Eduardo**

**José Manuel Gregório de Ávila**

**Manuel José da Silva Ramos**

**Maria Isabel Góis Teixeira**

**Maria Valdemira Gouveia Andrade Carvalho**

**Mário José Dinis Tomé**

**Marta Ávila Matos**

**Patrícia Maria Melo Miranda**

**Rodolfo Paulo Silva Lourenço da Franca**

**Rui Filipe Vieira Anjos**

**Sandra Micaela Costa Dias Faria**

**Tiago Alexandre dos Santos Lopes**

**Tiago** Dutra da Costa Rodrigues **Branco**

**Vasco** Alves **Cordeiro**

**Vilson** Filipe da Costa Ponte **Gomes**

*Partido Social Democrata (PSD)*

**Alberto** Pacheco da **Ponte**

**Ana** da Ascensão Moniz Arruda **Quental**

**António** Vasco Vieira Neto de **Viveiros**

**Carlos** Eduardo da Cunha **Freitas**

**Délia** Maria **Melo**

**Elisa** Lima **Sousa**

**Flávio** da Silva **Soares**

**João** Luís **Bruto da Costa** Machado da Costa

José **Joaquim** Ferreira **Machado**

**Luís** Carlos Correia **Garcia**

**Luís** Carlos Cota **Soares**

**Marco** José Freitas da **Costa**

Maria **Guilhermina** Ourique Moniz **Silva**

Maria **Salomé** Dias de **Matos**

**Nídia** Manuela de Sousa Lopes **Inácio**

**Paulo** Alberto Bettencourt da **Silveira**

**Paulo** Duarte **Gomes**

**Ricardo** Beato Gomes **Vieira**

**Sabrina** Marília Coutinho **Furtado**

**Vitória** Alexandra Correia **Pereira**

*Partido Popular (CDS/PP)*

**Catarina** Oliveira **Cabeceiras**

**Rui** Miguel Oliveira **Martins**

*Bloco de Esquerda (BE)*

**António** Manuel Raposo **Lima**

**Alexandra** Patrícia Soares **Manes**

*Partido Popular Monárquico (PPM)*

**Gustavo** Valadão **Alves**

**Paulo** Jorge Abraços **Estêvão**

*CHEGA (CH)*

**José** Eduardo Cunha **Pacheco**

*Iniciativa Liberal (IL)*

**Nuno** Alberto **Barata** Almeida Sousa

*Partido Pessoas-Animais-Natureza (PAN)*

**Pedro** Miguel Vicente **Neves**

*Independente*

**Carlos** Augusto Borges Rodrigues **Furtado**

**Presidente:** Obrigado, Sr. Secretário.

Estão presentes 54 Sras. e Srs. Deputados, o que significa que temos quórum.

Declaro aberta a Sessão, pode entrar o público.

Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Nesta manhã, vamos entrar no ponto 2 da nossa Agenda, Sessão de perguntas ao Governo Regional com resposta oral, apresentada pela Representação Parlamentar do PAN.

O tema é a estratégia regional para a energia.

Tenho, definido pela Conferência de Líderes, um tempo global de 3 horas, com os seguintes objetos: mobilidade, energias renováveis e não renováveis e mitigação do impacto da crise energética.

O proponente e os demais Grupos Parlamentares têm direito a duas perguntas por objeto e as Representações Parlamentares têm direito a fazer uma pergunta sobre cada objeto.

Como é habitual, apenas o proponente tem direito à réplica.

Cada pergunta tem os Srs. Deputados, 3 minutos para a fazerem.

E o Senhor Secretário ou os membros do Governo dispõem de 5 minutos para a resposta, sendo que à réplica também dispõem apenas de 3 minutos.

Vamos dar início a esta Sessão de Perguntas. Para a primeira pergunta tem a palavra, o Sr. Deputado Pedro Neves. Faça o favor.

**(\*) Deputado Pedro Neves (PAN): Obrigado, Sr. Presidente.**

**Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:**

O PAN traz a esta Casa, uma Sessão de Perguntas relativamente à energia, devido à sua importância, não só pela lei termodinâmica, mas sim por aquilo que se está a passar a nível mundial.

E tudo é energia, se formos a ver, desde aquilo que nós gastamos ou daquilo que nós podemos receber, ou daquilo que nós até podemos restringir e ter algum cuidado relativamente, obviamente, no desperdício energético. Esse desperdício não é só apenas pelas infraestruturas, mas também a forma como nós vemos e gastamos a energia.

Mas, obviamente que o Governo tem um papel extremamente preponderante relativamente a energia dos Açores, tanto aquela que ela recebe, como aquela que ela produz. Nós não produzimos, obviamente, hidrocarbonetos, temos a

sorte de produzir apenas energias renováveis e isso, sem dúvida, que é algo que tem que ser alavancado agora e a curto prazo. E porquê? Basta olhar, a nível mundial, para os graves problemas energéticos devido à sua dependência da Rússia. Portugal tinha a sorte que não tínhamos tanto essa tendência, como outros países europeus, mas mesmo assim, mesmo após a guerra, Portugal ainda recebeu da Rússia, em maio, gás russo.

Apesar disso, tinha obviamente a Nigéria com um acordo anual de recebimento de gás, Trinidad e Tobago, Estados Unidos, Argélia. Mas o mais importante é que está a falhar, tanto que houve uma reunião de urgência ontem, da Comissão Europeia, onde foi dito que vai haver, obviamente, para que não haja uma competição, competição entre países e aí haja uma escalada de preços do gás, que haja um acordo de solidariedade.

Esse acordo de solidariedade quer dizer o quê? Quer dizer que se um país não conseguir a quantidade de gás suficiente, os outros países vão ajudar nessa quantidade de gás.

Por isso, e isto é uma pergunta retórica, não é pergunta que eu quero fazer ainda, será que nós vamos também ter um acordo de solidariedade com o nosso país, neste caso do continente? Isto porque, quando estivermos à míngua, não acredito que o continente, vá-se preocupar muito com a quantidade de energia, neste caso de gás, que nós iremos receber. E, obviamente, que todos vão achar que temos que ter alternativas. Essas alternativas vão ser ditas há mais de uma década, muito pouco foi feito, tanto pelo Governo anterior e porque quero dizer também, peço desculpa a todos, por este Governo estar a ir devagarinho, passos muito pequeninos, apesar de ter as ideias, são muito boas, mas falta passar do papel à ação e eu vou fazer uma pergunta, tendo em conta que tem que haver uma mitigação relativamente ao aumento de energia, que vai haver. Aliás, saiu nas notícias (não sei se foi hoje ou ontem) que vai haver um aumento da eletricidade já em janeiro, nos Açores, se há alguma mitigação da parte do Governo, se vai

haver algum apoio às famílias para que não haja, obviamente um aumento drástico relativamente, tanto à eletricidade, bem como ao combustível de todas as famílias?

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Para responder, tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Pedro Neves, eu agradeço muito a sua pergunta e, inclusivamente, o próprio debate sobre esta matéria, porque é sempre uma matéria importante e nesta altura, ainda mais pelas razões todas conhecemos e pelas razões que também acabou de referir na sua intervenção inicial.

E ao intervir na sua intervenção inicial, referiu, e muito bem, que felizmente, os Açores estão um pouco defendidos de toda esta crise energética internacional, por razões que também referiu porque na verdade, nós dependemos, não tanto do gás, mas de energia de combustíveis fósseis e também de energia renováveis. As nossas fontes de energias naturais são as energias renováveis. Há muitos anos, para não dizer décadas, que o Governo dos Açores percebeu que era necessário fazer a máxima utilização possível das energias renováveis nos Açores, por razões óbvias, que tinham nessa altura mais a ver com a autonomia energética das regiões porque ainda não se falava tanto nas questões relacionadas com a transição energética, mas hoje percebemos que, quer por uma razão, quer pela outra nós temos que, cada vez mais, que potenciar as energias renováveis nos Açores.

É isso que se faz há longo tempo e temos que continuar, naturalmente, com essa estratégia acentuando-a, como disse, embora tenhamos que ter em conta



e eu não estou aqui, nem para defender o governo anterior, mas estou aqui para justificar este Governo, a crise a crise pandémica teve, efetivamente, um efeito muito grande em toda a economia e a energia não ficou à margem disso e, portanto, quer ao nível dos investimentos em energias renováveis, desde 2019 até agora, há uma influência, direta da crise pandémica e agora da crise internacional e da inflação, mas isto não significa que isso não seja uma razão acrescida para se investir nesta matéria, mas não deixa de ser um constrangimento.

Não tenhamos dúvidas com a inflação ao preço que está, com as empreitadas ao preço que estão, com a dificuldade de fornecimento e de instruções nas cadeias de abastecimento, há uma quantidade de dificuldades neste momento que impactam diretamente com os investimentos, sejam eles de que natureza forem e também com os investimentos de natureza elétrica ou energética, como é o caso.

E, portanto, isto para dizer o seguinte: nós da nossa parte, temos a necessidade de gás butano, felizmente, não mais do que isso e tem havido um grande esforço de eletrificação das famílias e das empresas no sentido de deixar de utilizar o gás butano e passar para a eletrificação. Isso através de todos os incentivos que são conhecidos, também não vamos agora esgotá-los todos nessa matéria agora no primeiro ponto, mas é evidente que o pró energia que o Solenerge, com a quantidade de incentivos têm sido sempre no sentido da eletrificação e depender cada vez menos do gás butano e, portanto, nesse aspeto há que continuar e, se calhar, acelerar esse caminho para que, se a crise se acentuar, não termos aqui uma dificuldade ainda maior, em termos de gás butano.

Em termos de energias renováveis, o esforço tem sido, como eu disse, ao longo de muito tempo, está a ser feito, estão projetados grandes investimentos a esse nível, ao nível das energias renováveis. Nós temos feito grandes investimentos também em termos de procurar, incentivar as famílias, como

eu disse há pouco, através dos sistemas de incentivos e é esse o caminho que temos que seguir, tentando, obviamente, fazer o mais rapidamente possível, mas com os constrangimentos que a situação atual nos traz.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária.

Sr. Deputado Pedro Neves, para a réplica, tem a palavra faz favor.

(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sra. Secretária:

Primeiro, quero pedir desculpa a todos os deputados, porque eu troquei os objetos. A minha pergunta era relativamente, não à mobilidade e nós temos o objeto da mobilidade. Acho que safei-me metendo também o combustível, obviamente, das viaturas das famílias, mas tendo em conta também a resposta da Sra. Secretária, eu só queria dizer que não é só os constrangimentos existentes por causa da guerra e devido ao abastecimento ou a falta de aprovisionamento dos combustíveis fósseis, que nós temos que olhar para as energias renováveis. Basta olhar para o programa eleitoral do PSD, em 2020, eu conheço-o bastante bem porque estive a ler, além de que verifiquei que havia, obviamente, uma temática que era extremamente importante, que era tudo muito digital e tudo muita energia renovável, mas a Sra. Secretária está-me a dizer, à partida, que só agora com os constrangimentos, é que vai haver um investimento cada vez maior, porque basta olhar para o primeiro orçamento e não havia assim uma robustez tão grande de energia renovável.

Não é só por causa da guerra, é mesmo porque a gente precisava bastante antes, porque se não estamos, obviamente, dependentes de terceiros, relativamente aos combustíveis e hidrocarbonetos e isso de estarmos completamente dependentes de terceiros, sem dúvida lhe tira-nos, obviamente, um pilar dos mais importantes, que é a nossa autonomia.

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado. Para responder tem palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Srs. Membros do Governo:

Naturalmente, Sr. Deputado, eu estou de acordo consigo, é preciso acelerar, é preciso fazer mais. Mas, nós também não temos estado parados. É preciso lembrar que a questão do Corvo, com os temas que se fez de autonomia financeira, eletrificação. A questão da Graciosa, que é a ilha modelo com vários investimentos, com programas de incentivos e de apoio do LIFE IP Climaz.

Temos os investimentos da EDA, em termos de energias renováveis, que neste momento têm previsto até 2026 um programa de investimentos de 180 milhões de euros, só em energias renováveis. Portanto, há aqui um trabalho a fazer e que está a ser feito, mas que obviamente não aparece nem dá resultados no dia seguinte, 180 milhões de euros é de facto um investimento muito robusto e EDA é de facto o braço armado do investimento em energias renováveis.

O Governo Regional cria as políticas, o Governo Regional tem alguns programas, mas a verdade é que nós temos uma empresa de eletricidade que é quem faz o grosso dos investimentos em energias renováveis na nossa Região, desde sempre não agora, mas desde sempre. Ou com protocolos com o Governo Regional, ou por iniciativa direta da própria empresa, são inúmeros os investimentos previstos em energias renováveis.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigado, Sra. Secretária Regional.

Para colocar uma questão, tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Freitas.

**(\*) Deputado Carlos Freitas (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente. Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Relativamente ao plano de mobilidade elétrica, este resulta do Decreto Legislativo Regional n.º 21/2019/A, de 8 de agosto, consiste num sistema de incentivos financeiros à aquisição de veículos elétricos e pontos de carregamento.

A Região aconselha estes incentivos financeiros desde 2020. É verdade que em 2021 sofreram melhorias, nomeadamente no aumento da comparticipação, também na possível elegibilidade de veículos elétricos ligeiros adquiridos por leasing e também uma majoração para pessoas com deficiência.

Não podemos esquecer, e como disse a Sra. Secretária, agora há pouco, que este plano estratégico, em termos de transição energética na Região, decorreu em plena crise pandémica, situação pela qual criou também alguns entraves para a concretização das metas que estavam estipuladas, como vem confirmado também no relatório do Tribunal de Contas.

E assim, gostaria de perguntar à Sra. Secretária, o que é que o Governo Regional está a pensar em termos concretos para reverter estes resultados, por forma a cumprir o grande objetivo deste Plano em termos estratégicos para os Açores?

Obrigado.

**Vozes de alguns deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Para responder, tem a palavra a Senhora Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas, faça favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Srs. Membros do Governo:

Efetivamente, a Região tem, desde 2020, um programa de incentivos à aquisição de veículos elétricos que foi aprovado em abril de 202 e alterado já

em 2022 para atribuir uma majoração de 3900 para 4550 euros por veículo elétrico adquirido apoiado nesse caso, e essa alteração não abrangeu apenas esta majoração, esta alteração do valor, mas abrangeu também a locação financeira, os leasings que antes não estavam abrangidos e verificou-se que havia necessidade de para incrementar a aquisição de vidros elétricos, avançar também para a situação de abranger os veículos em situação de leasing e também uma majoração para pessoas com deficiência.

Como o Sr. Deputado aqui referiu, é óbvio que isto apanha, mais uma vez, a crise pandémica. Eu penso que ninguém quer recordar isso, mas a verdade é que isso foi uma realidade que nos afetou a todos e efetivamente, os valores previstos no plano de mobilidade, que eram bastante ambiciosos, diga-se de verdade e que foi foram aprovados em 2020, não foram atingidos. O próprio Tribunal de Contas reconhece isso, o próprio Tribunal de Contas 2020, o sistema de incentivos.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS): 2019!**

**A Oradora:** 2019 o Plano 2020, 2020 os sistemas de incentivos e 2021 a alteração.

O próprio Tribunal de Contas reconhece isso. Levanta a questão, mas ele próprio reconhece que em 2020 não são cumpridas as metas, por força de uma situação que era alheia a todos nós e em 2021 a situação melhorou, há mais 80% de veículos adquiridos, do que em 2020. Portanto, em 2020 foram apoiados 149 veículos, em 2021, 269 veículos. Mas a verdade é que fica muito aquém das metas que estavam no próprio plano.

E fica aquém por todas estas razões, mas também por uma outra que a gente não pode escamotear e tem que referir, que é, não há efetivamente uma confiança suficiente, por parte das pessoas, para adquirirem veículos elétricos, se não em determinadas circunstâncias.

Por outro lado, também o preço conta. O preço de uma viatura elétrica ainda não atingiu a maturidade suficiente para, não digo ser competitivo, mas para o apoio dado anular ou ajudar a tomar a decisão de mudar de uma viatura de combustão interna, para uma viatura elétrica ou híbrida plug-in.

Portanto, há aqui um conjunto de circunstâncias, umas exógenas, outras que têm a ver com os próprios hábitos de consumo, com a própria forma de pensar e isto não é só em Portugal, nem é só nos Açores, é um pouco mais geral. A tecnologia tem que evoluir um pouco mais, mas a verdade é que também os incentivos, porventura, terão que ser um pouco majorados e a tecnologia tem que ajudar a baixar o preço das viaturas elétricas. Tem que haver aqui um encontro de posições.

O próximo PO 2030, tem previstos objetivos estratégicos nesse sentido, ainda não são conhecidos, exatamente, quais são os contornos da daquilo que se vai poder propor, em termos de incentivos, mas estamos a acompanhar com todo o cuidado aquilo que se está a passar com a aprovação e com os desenvolvimentos do PO 2030, para podermos ter aqui um apoio mais robusto à mobilidade elétrica.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS, PP, PPM e Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Sr. Deputado Rui Martins, tem a palavra, faça o favor.

**(\*) Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A mobilidade elétrica não é por estes dias, propriamente, uma novidade e, sobretudo, naquilo que concerne a planos e orçamentos e até nos orçamentos a esta parte, já nos anteriores executivos, estava inscrita essa aposta, fosse na

instalação de postos de carregamento, fosse no anúncio de incentivos para aquisição de veículos elétricos.

No entanto, o que consideramos sempre é que um bocadinho à semelhança do passado na República, em que houve uma aposta na altura numa rede de uma rede nacional de carregamento que era bastante dispersa no território e que não acompanhava aquilo que era a própria autonomia dos veículos, ou seja, isso veio-se a provar como um investimento ruinoso, porque quando efetivamente começaram a aparecer veículos no mercado e começou a haver a alguma aquisição, ou seja, começávamos a ver nas estradas, efetivamente alguns veículos elétricos, já essa rede de carregamento estava obsoleta e basicamente foi dinheiro deitado ao lixo.

E nessa altura, o que nós considerávamos é que perdemos uma oportunidade na Região Autónoma dos Açores, mas isto até no panorama nacional, enquanto aposta, não estou a apontar o dedo exclusivamente aqui ao Governo Regional dos Açores, porque considero que isto também passa por ser uma aposta nacional e aí consideramos que o facto dos Açores serem, por si, uma região de ilhas verdes, deveríamos ter feito parte dessa prova de conceito, ou seja, numa altura em que havia investimento tanto público, como privado, a tentar provar o conceito em que os veículos tinham baixas autonomias e que, se calhar, numa região como os Açores e até apontando, por exemplo, à Graciosa ou às Flores, que são ilhas que têm elevadas taxas de produção de energias renováveis, em que faria todo o sentido, mesmo com baixas autonomias dos veículos haver esse investimento, neste caso até nacional, para provar que era possível as comunidades serem cada vez mais verdes e fazer efetivamente da Região Autónoma dos Açores um exemplo daquilo que é a sustentabilidade, neste caso ambiental, energética e do ponto de vista da mobilidade.

Por isso, nesse particular, consideramos que houve uma perda de tempo, efetivamente, e foi uma oportunidade perdida. E nesse particular, o que lhe

pergunto, Sra. Secretária, tem a ver com aquilo que será e que também que é neste momento, pensa-se que poderá ser o futuro, até porque a tecnologia está em grande desenvolvimento é a mobilidade a hidrogénio e, neste particular, pergunto se vê como grande potencial incluir a região nestes modelos e nestas provas de conceito, no momento em que ainda se desenvolve tecnologia e que nós pudéssemos aproveitar até os períodos de vazio da energia geotérmica, porque a produção de hidrogénio é efetivamente dispendiosa,

**Presidente:** Agradeço que termine,

**O Orador:** Termina já, Sr. Presidente.

Nos locais onde a energia elétrica seja dispendiosa de produzi, mas nós tendo energia geotérmica, podendo haver, nos períodos de vazio, produção de hidrogénio, se considera que poderá ser um filão a apostar e incluir a região nestas provas de conceito e em contribuir para, no fundo, na aposta e na prova de que estas tecnologias poderão funcionar em comunidades, sobretudo, como a nossa, em que se quer cada vez mais verde e limpa.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Para responder, tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas. Faça favor.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada, Sr. Presidente.

Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Rui Martins, agradeço a pergunta, aproveitava também para uma vez que há bocado, falámos dos veículos elétricos, mas não falámos dos pontos de carregamento e a sua pergunta também me leva a dizer alguma coisa sobre esse assunto, porque eu acho que é efetivamente importante, tocou no ponto, é verdade que não temos ainda muitos veículos, mas também há pouco esqueci-me de dizer que, ao todo, já apoiámos 655 veículos elétricos, desde 2015.



E, em termos de pontos de carregamento, temos 40 pontos de carregamento espalhados por todos os Açores. Temos pontos de carregamento em todos os concelhos dos Açores. Esses 47 pontos significam 108 tomadas de carregamento e estão previstos ao abrigo do LIFE IP Climaz a instalação de mais 40 pontos de carregamento também em toda a região.

O que devo dizer também é que os 47 que fazem parte de um programa regional do orçamento regional, continuamos disponíveis e em parceria com várias entidades, sobretudo entidades institucionais, hotéis etc., para instalar pontos de carregamento para motivar as pessoas, nesse caso, os clientes dessas instituições para poderem utilizar estes pontos de carregamento público. Porque pontos de carregamento privados, há, obviamente, muitos mais, mas estes nem nós temos obrigação de ter essa estatística.

Em relação à questão do hidrogénio, obviamente, ela até está no programa do Governo, é óbvio que este Governo Regional está interessado em acompanhar toda a evolução tecnológica que possa existir ao nível da produção de energia, seja o hidrogénio, seja mesmo os combustíveis limpos, os combustíveis verdes, os combustíveis que agora se fala, da amónia, etc. Portanto, estamos interessados em acompanhar isto tudo, mas concretamente em relação ao hidrogénio, nós temos uma candidatura ao INTERREG Mac, com a Madeira e com as Canárias, para acompanhar essa matéria e desenvolver uma estratégia regional para o hidrogénio. Portanto, estamos a dar os passos que são possíveis dar, dentro da evolução tecnológica que hoje existe, ao nível deste tipo de energias.

Muito obrigada.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS, PP, PPM e Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigado, Sra. Secretária Regional.

Tem a palavra para colocar uma questão, o Sr. Deputado José Pacheco.

(\*) **Deputado José Pacheco (CH):** Obrigado, Sr. Presidente, bom dia.

Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A questão da energia, no seu global, é sempre uma questão pertinente, porque na algibeira das pessoas faz muita diferença.

É conta da luz, é a conta da do combustível, é uma grande parte do orçamento de uma família que se vai embora e que não é aplicado noutras coisas que deviam ser aplicadas.

E quanto a isso, não podemos fugir. Os tempos modernos obrigam-nos a ter uma mobilidade, a ter muito mais que um carro em casa, porque hoje, e bem, tanto, o marido, como a esposa trabalham e até os filhos já vão para a universidade, acabam por ter um carrito, etc.

Isto é o que temos e quanto a isso, não podemos fugir.

Também é certo que as energias renováveis, que não só por uma preocupação ambiental, mas também esta mesma preocupação do peso financeiro que isto tem nas famílias, andamos há décadas a marcar passo. Tinha 15 anos, estudava eletricidade e já se falava de

Energia – eu tenho 51 – já se falava, (olha precisamente ao contrário!) já se falava da geotermia e do potencial geotérmico que as nossas ilhas têm.

A verdade ... quer dizer uma coisa, Sr. Deputado?

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** O senhor não sabe o que é que está a dizer!

**O Orador:** Pois, não sei.

A verdade é que quando eu estudava.

*(Aparte inaudível do Deputado Vasco Cordeiro)*

**O Orador:** Ó Sr. Deputado, o senhor deixa-me falar?

O senhor dirigiu-se à minha pessoa... eu peço é que descontem o tempo.

A geotermia que andou a marcar passo uma data de anos, depois, timidamente, vai trabalhando.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Timidamente?!

**O Orador:** Eu recordo-me que os meus professores (e que não está a funcionar como devia) já diziam que tínhamos um potencial enorme para usar energia geotérmica. Tínhamos um potencial em várias ilhas para usar.

Eu suponho, não é que tenha feito esse trabalho de investigação, que perdemos até algum apoio da União Europeia para isso, a verdade é que nós continuamos dependentes dos combustíveis fósseis, algo completamente errado e continuam os açorianos a pagar esta fatura.

Quanto a mobilidade, o que é importante aqui saber é, os pontos de carregamento são meia dúzia. Se todos fossemos comprar um carro, os que estamos aqui sentados e tínhamos que fazer fila, como já se vê em muitos sítios. O apoio à aquisição das viaturas elétricas que já baixou o valor. Hoje uma viatura elétrica já não é aquela distância que havia do início, até porque, contas bem feitas, sai muito mais barato ter um carro elétrico num espaço temporal, porque poupa-se uma série de coisas, desde as mudanças de óleo, etc.

Nós andamos aqui a falar de coisas que não há compromisso. Nós temos que firmar aqui um compromisso com isto, com as novas energias e este compromisso tem que ser feito pelo Governo Regional. Tem que dizer a partir de agora, o nosso foco é isto, é cada vez mais nós acabarmos com a mobilidade, enfim, combustíveis fósseis.

Mas, eu também não vejo tanto isso, eu vejo é outra coisa, nós dependermos daquilo que são os apoios comunitários. Não, o compromisso faz-se com a nossa vontade.

**Presidente:** Sr. Deputado, agradeço que termine.

**O Orador:** E a minha pergunta, e já termino obrigado Sr. Presidente, é o que nós vamos fazer em relação às famílias? Ou, o Governo Regional pretende fazer, daqui para a frente, como compromisso na aquisição de viaturas

elétricas. Se este é o caminho, o que é que o Governo Regional pretende fazer?

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Para responder, tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas. Faça o favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado José Pacheco, agradeço a questão que coloca, obviamente, que eu acompanho naquilo que nós gostaríamos de fazer, andar mais rápido, dependermos menos de energias fósseis, termos mais capacidade de produção, de energia e de eletricidade de fontes renováveis. Mesmo assim, gostava de dizer que, neste momento, as fontes renováveis de produção de eletricidade, nós temos eletricidade produzida por fontes renováveis da ordem dos 40% em toda a região. Se formos a São Miguel, temos muito mais do que isso, porque exatamente a geotermia, tem um peso muito superior na ilha de São Miguel, em termos relativos, do que quando se reparte pelas ilhas todas, o valor relativo passa para 40%.

Isto só para dizer que, os investimentos têm sido feitos à medida das possibilidades e também da extração do fluxo possível, é verdade.

A Terceira, tem uma experiência que está a desabrochar. Já estão em ponderação relativamente a alguns furos, mas também em São Miguel, nós sabemos bem que o início da geotermia teve essas contingências de crescimento e, portanto, não se pode desistir ou não se deve, tudo depende da ponderação técnica que é feita, obviamente, mas isto é um processo, e esse processo tem vindo a seguir. Concordo, gostaríamos todos que fosse mais rápido, mas mesmo assim não são muitas das regiões insulares e periféricas,

com sistemas elétricos pequenos e independentes como nós temos que dependem já de 40% de energia renovável.

Portanto, também temos que reconhecer aquilo que é nosso. Eu só estou a dizer isso para o nosso ego, para a nossa autoestima coletiva, como açorianos não são muitos os arquipélagos e as regiões com sistemas tão pequenos e independentes porque quanto mais pequeno é o sistema, maior é a dificuldade de introduzir energia renovável na rede, por causa da oscilação e da estabilização da rede.

E, portanto, isto agora está-se a conseguir com o investimento em baterias. Mas enquanto não houve investimento em baterias, havia todo o cuidado e durante muito tempo, também lhe devo dizer, que a geotermia não era considerada uma energia garantida e, ao não ser considerada uma energia garantida, era preciso ter sempre de reserva a chamada energia estática garantida, que era feita com grupos termoelétricos, portanto, todo o processo tecnológico e de evolução da própria regulamentação europeia foi evoluindo e foi nos permitindo também caminhar mais rapidamente neste processo.

Mas isto só para dizer que, apesar de tudo, a nossa fotografia é esta 4060, a nível das nove ilhas dos Açores.

Em relação aos pontos de carregamento que era concretamente a questão, eu devo dizer que, quando uma família decide adquirir um veículo elétrico, tem que fazer todo o possível para carregá-lo nas horas de vazio na sua habitação. Os pontos de carregamento públicos serão exatamente porque há pouca autonomia, ainda, dos veículos e das baterias, poder ter à mão e ir a qualquer outro ponto da ilha e ter a certeza que pode voltar, porque qualquer circunstância que lhe fale de bateria tem um ponto de carregamento natural. Mas, eu estou de acordo consigo, há poucos pontos de carregamento, há a 47, há 40 para instalar e há muito mais a fazer

nessa matéria e nós através, como eu disse há pouco, do LIFE IP Clímax, vamos instalar mais 40.

Em relação aos apoios à aquisição de viaturas, os apoios neste momento são, como se referiu há pouco, 4550€. O problema é que o próprio preço da viatura é muito elevado ainda, comparativamente à mesma gama veículos de combustão interna e como o preço é maior, a confiança das pessoas ainda não é grande em termos de autonomia, há aqui fatores que se conjugam e que instalam algum receio na sociedade em geral, porque Sr. Deputado, se eu perguntar aqui quem é que tem um veículo elétrico? Eu gostava de saber quantos são. Eu começo por mim, não tenho.

Pronto, isto é só para dizer...

Eu perguntei, já agora, quem é que tem?

**Deputado Nuno Barata (IL):** Eu, como a maioria dos açorianos, não posso ter! Não tenho dinheiro para isso, nem com os apoios!

**A Oradora:** Aí é que está, quando uma pessoa tem um vínculo de combustão interna e faz a opção...

*(Diálogo na Câmara)*

Quando uma pessoa tem um veículo e faz a opção de mudar, provavelmente aí vai pensar. Mas, enquanto o veículo vai dando e a tecnologia não evoluiu muito, está à espera que apareça novos modelos, novas tecnologias mais económicas e mais baratas.

**Presidente:** Agradeço que termine, Sra. Secretária,

**A Oradora:** Aqui a resposta foi que ninguém tem, é isso que resulta daqui e, portanto, ninguém tem, porque não há essa confiança ainda, mas eu estou convencida que com a tecnologia a evoluir, isto não evolui regularmente, isso evolui por patamares e o próximo patamar vai ser, seguramente uma grande, evolução ao nível dos veículos elétricos. Eu estou segura disso, porque a evolução não se faz numa linha contínua, faz-se por patamares e, portanto, assim que for restabelecida uma confiança suficiente, **Presidente:** Tem que terminar, Senhora Secretária.

**A Oradora:** ... eu tenho a certeza que nós vamos dar um salto muito significativo nessa matéria, até porque os açorianos já estão habituados, como eu dizia há pouco, a um clima de apostar nas energias renováveis. Há muitos anos que isso está na mente e no comportamento dos açorianos. Há muitos anos que os açorianos vivem com isso.

E, portanto, Sr. Deputado José Pacheco, eu estou de acordo consigo nessa matéria, queremos todos andar mais depressa.

**Presidente:** Sra. Secretária, tem de terminar.

**A Oradora:** Vamos andar, temos de terminar o nosso caminho. O PO 2030 também era uma das questões que colocava, certamente trará novidades nessa matéria, que nos vai ajudar a fazer essa evolução, tal qual como deseja e como nós também desejamos. Muito obrigada.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP): Muito bem!**

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS, PP, PPM e Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem agora a palavra o Sr. Deputado António Lima, faça o favor.

**(\*) Deputado António Lima (BE):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A questão da mobilidade enquadrada que está nesta sessão de perguntas ligada à energia, naturalmente que acaba por estar muito focada nas questões da mobilidade elétrica ou das novas formas de mobilidade que naturalmente a transição dos combustíveis fósseis exigem políticas para essa transição, seja a mobilidade elétrica, quer sejam outros tipos de mobilidade que possam surgir.

Já foi aqui referida uma auditoria do Tribunal de Contas sobre a implementação do plano da mobilidade elétrica da região e uma das questões que o Tribunal de Contas levanta e dúvidas relativamente à sua

implementação, insuficiências, no que diz respeito à transição para a mobilidade elétrica nos transportes públicos.

Bem, sabemos que existem dificuldades até que são apontadas, e com razão pelo Tribunal de Contas, nessa transição os elevados preços desses veículos, o facto de a tecnologia ser recente e outros fatores, normalmente também ligados a tecnologia e à confiança, como referia a Sra. Secretária sobre esta matéria.

No entanto, também como estávamos aqui a falar, a mobilidade na região não pode estar totalmente dependente da mobilidade individual, porque em primeiro lugar, ela é cara, mesmo os carros movidos a combustíveis fósseis são caros. Os carros elétricos são muito caros, infelizmente, a energia elétrica para quem tem que carregar em postos de carregamento é muito cara. Para além disso, como é óbvio, nem toda a gente tem condições de habitabilidade, condições na sua habitação para conseguir carregar o veículo em casa.

Ou seja, o transporte público é e deve ser também uma forte componente na transição energética, seja naturalmente incentivando utilizar os transportes públicos que já existem, como naturalmente baixando o preço, melhorando aquelas que são as carreiras e a forma de organização dos nossos transportes que, deixe que lhe diga, Sra. Secretária, estão parados no tempo, mas não estão parados no tempo há 20 anos, estão parados no tempo há 50 anos e não evoluem. Não evoluem, por mais que se debata, por mais que se fale no assunto, mas esse é outro debate.

Mas, no que diz respeito efetivamente à transição para veículos elétricos no transporte público, seja o transporte coletivo, mas também seja outras formas de transporte público, nomeadamente os chamados táxi e outro tipo de transporte público, o que eu gostaria de perceber é, perante a auditoria do tribunal de Contas, as questões que são levantadas, o que é que o Governo pretende implementar para que essa essas dificuldades que foram apontadas, sejam ultrapassadas? Para que o transporte público seja efetivamente não só



mais atrativo para a generalidade das pessoas, baixando custos com o transporte. Os Açores e os açorianos pagam muito, mas muito, com transportes, ...

**Presidente:** Agradeço que termine, Sr. deputado.

**O Orador:** Termina já.

... da falta de qualidade que tem os transportes públicos na região, recorrem muito mais ao transporte individual e essa é uma medida efetivamente que com um investimento público que pode chegar a muita gente e muita gente que não tem que não tem capacidade financeira e dificilmente terá nos próximos anos para aceder a um veículo elétrico.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Sra. Secretária Regional, faça o favor para responder.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado António Lima, eu penso que ao fazer a pergunta, de alguma maneira, induziu a própria resposta. Se à falta de confiança na compra de veículos individuais elétricos, imagine a falta de confiança que existe na para aquisição de autocarros elétricos. Numas ilhas como as nossas, com a nossa orografia, com as nossas distâncias, que não são muito elevadas, mas a orografia é contra a tecnologia que hoje existe em termos de autocarros elétricos. Para não falar no preço, porque também quando se fala que os transportes, coletivos de passageiros estão obsoletos e é uma rede antiga e que responde ou não ao mercado, essa é a parte que nós não temos a certeza. É preciso nós percebermos que os hábitos dos açorianos estão muito centrados no transporte individual e não se mudam hábitos de um dia para o outro. Quando nós falamos de mobilidade elétrica, ou mesmo sem ser elétrica, em zonas urbanas ou zonas metropolitanas, estamos de acordo que o

sistema, e já existe alguns veículos elétricos introduzidos, quer na Graciosa, quer em Ponta Delgada na mobilidade urbana, elétrica, coletivo de passageiros, mas na zona urbana, quando já se fala em ir ao nordeste, à Ribeira Grande ou do Topo às Velas e por aí fora, nós já estamos a ver o que é ter a confiança suficiente num autocarro elétrico para fazer estes percursos. Se não há num automóvel ligeiro, muito menos num autocarro elétrico.

Portanto, isto é um processo, o próprio Tribunal de Contas refere

Isso, obviamente que levanta a questão, isto é, de 2020. Naturalmente, já houve introdução de alguns veículos coletivos, desde aí, nomeadamente como eu referi, na Graciosa ou em Ponta Delgada.

Mas, a questão, colocar-se-ia sempre na mesma, porque nunca estamos no patamar que gostaríamos de estar, mas porque é um processo e é um processo que vai levar algum tempo, porque também passa pela tal confiança das pessoas e passa pela possibilidade económica das empresas, que também não têm, porque as empresas que não tiverem mercado também não têm possibilidades económicas. Há aqui uma relação que, por mais que haja políticas públicas, nunca serão exclusivamente públicas.

E, portanto, nesse aspeto, estamos cá, estamos apostados, em incrementar, obviamente, o transporte público de passageiros. Estamos apostados em implementar o transporte público de passageiros, de preferência com veículos elétricos, mas não tenho dúvida nenhuma que é um processo que ainda levará algum tempo, mas que, de forma contínua, teremos progressos e é isso que mais

importa.

Muito obrigada.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Para colocar uma questão, tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estevão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Bem, eu devo dizer que não tenho uma imagem negativa em relação a esta matéria, como o Sr. Deputado Pedro Neves apresentou, quer em relação ao passado, quer em relação ao que está projetado para o futuro.

É preciso ter em conta que, de facto, a região avançou muito nesta matéria nos últimos anos, mesmo tendo em conta as dificuldades que significam termos nove sistemas independentes, que não são comunicantes, que isso significa uma dificuldade acrescida, mas os números são muito significativos, mesmo quando comparados a nível a nível nacional e internacional e em nosso benefício.

Veja-se que, por exemplo, no âmbito das renováveis, estamos a falar já e se não fosse a avaria na central geotérmica do Pico Vermelho, estamos a falar só em São Miguel de uma autonomia através das renováveis na ordem dos 50%, muito mais do que isso, já 51% em 2017.

**Deputado Carlos Silva (PS):** E 2022?

**O Orador:** E por isso, as perspetivas naquela matéria são perspetivas otimistas. Veja-se, por exemplo, na Graciosa que em 2021 estamos com 64% de energias renováveis ou, por exemplo, nas Flores, que estamos com 59% de energias renováveis. São valores muito significativos, são valores muito significativos nesta matéria e é preciso ter em conta e é preciso ter em conta e também já temos no Corvo, veja-se bem, que era a ilha tinha sido abandonada, em termos de renováveis e já tivemos em 2021, pela primeira vez, também a entrada no clube das ilhas que produzem as renováveis.

Eu estou a falar nesta matéria e a primeira pergunta que faço, estou a contextualizar os avanços, do ponto de vista daquela que é a temática da energia e também fazendo referências aos claros avanços que existem nesta matéria.

É preciso ter em conta também que a EDA prevê um investimento para o Plano, prevê um investimento muito significativo no âmbito do plano estratégico plurianual, de cerca de 360 milhões de euros, de 2022 a 2026. Repito, o número 360 milhões de euros. É muito significativo e isto irá aumentar muito significativamente os resultados que estamos a obter nesta matéria, ao longo destes anos.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** É verdade!

**Deputado Carlos Silva (PS):** A Sra. Secretária não está confiante!

**O Orador:** Por isso tenho otimismo em relação ao futuro, em que estão a ser dados passos muito importantes...

**Presidente:** Agradeço que termine, Sr. Deputado.

**O Orador:** ... um investimento de 360 milhões de euros, que é algo absolutamente esmagador. Por isso, a minha questão mais concreta no âmbito desta temática é a seguinte, Sra. Secretária, do ponto de vista das medidas que têm sido tomadas no âmbito da mobilidade, gostava e que estão planeadas, gostava que me enumerasse o conjunto de medidas que estão previstas para implementar a mobilidade elétrica, aumentar o seu impacto.

Muito obrigado.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Sr. Deputado António Lima pede a palavra para?

Faça o favor, tem a palavra para interpelação.

(\*) **Deputado António Lima (BE):** Sr. Presidente, a interpelação prende-se com a condução dos trabalhos e com o objeto desta sessão de perguntas.

Esta sessão de perguntas é sobre estratégia regional para a energia com três objetos: mobilidade, energias renováveis e não renováveis, mitigação do impacto da crise energética. O Sr. Deputado Pedro Neves reconheceu, enganou-se e é normal, acontece e introduziu um tema no primeiro objeto, que não era a mobilidade. Toda a gente até aqui falou de mobilidade, o sr.

Deputado Paulo Estêvão fala da energia e de produção de energia no geral, no tema da mobilidade. Bem sei que depois tentou fazer uma pergunta sobre o assunto, mas não pode, julgo eu, num tema que está delimitado, falar do que se bem entende, porque senão nós deixamos de ter objetos e falamos do que do que entendemos, do que nos apetece, porque eu também tenho e certamente os outros deputados tem outros temas a abordar, mas se há regras, então é para cumprir.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Estêvão pede a palavra para uma interpelação. Faça o favor.

(\*) **Deputado Paulo Estevão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para referenciar o seguinte, no ponto de vista da condução dos trabalhos nesta matéria, é meu entendimento que os grupos parlamentares na primeira pergunta e têm-no feito ao longo dos anos, há um enquadramento geral do tema, da temática que estamos a referenciar e a partir daí, há um conjunto de questões que se podem colocar. O que eu perguntei foi as medidas que o Governo tem se implementar no âmbito da mobilidade elétrica. Fiz um enquadramento sobre a temática, uma vez que é a primeira pergunta e considero que é lícito e que se está a respeitar o Regimento.

O Sr. Deputado António Lima acha que não deve ser essa propósito. Discordo, aceito aquela que é a sua opinião nesta matéria, mas considero que este enquadramento, na primeira questão, é uma prática habitual nesta Casa e considero que faz todo o sentido.

Por isso, as questões foram efetivamente sobre a mobilidade e o enquadramento que fiz foi um enquadramento sobre a temática que estávamos aqui a discutir no âmbito destes três objetos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Para responder à questão colocada, tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):**

Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Paulo Estevão, indo diretamente à questão que me colocou, sobre as medidas atualmente em vigor para incremento da mobilidade elétrica nos Açores, vou voltar a algumas que já falámos aqui, mas para elencar, penso que neste momento, faz sentido elencá-las todas. Tem a ver com o incentivo à aquisição de veículos elétricos, como referimos, no valor de 4550€ por veículo elétrico, pode abranger locação financeira e tem uma majoração para pessoas com deficiência.

Portanto, esta é uma medida que poderá vir a ser incrementada com o PO 2030, mas neste momento é o sistema de incentivos existente.

Por outro lado, a implementação de uma rede pública de pontos de carregamento, como já referi, temos 47 pontos instalados, que significam 108 tomadas de ligação à rede. Com 40 previstos, ao abrigo de um programa europeu, o LIFE IP ClímaZ, também serão aqui adquiridos e instalados em todas as ilhas dos Açores para abastecimento público de veículos elétricos.

Ainda no âmbito do IP ClímaZ, foram adquiridas 2 viaturas elétricas que vão integrar os serviços da Secretaria Regional, uma delas já está na Graciosa.

A Graciosa é a nossa ilha modelo e, portanto, também em relação à Graciosa, devo dizer que o projeto tem vindo a ter muito bons desenvolvimentos. A graciólca, para não querer não estar agora aqui a falar em produção, mas trouxe efetivamente uma percentagem enorme, como aqui já foi referido, de energias renováveis a ilha Graciosa, mas falemos então das bicicletas elétricas, do mini autocarro que já está em operação, dos novos pontos de

carregamento na ilha, que também na ilha Graciosa há uma exceção de apoio aos rent, a cars e taxis, que se pretende que se pretende alargar e, além disso, estamos ao nível da mobilidade, a fazer um estudo para a possibilidade de instalação de depósitos de hidrogénio nos portos, logo que isso seja possível. E há bocado, quando se falou do hidrogénio, não referi a essa questão, mas está previsto no programa do Governo e está previsto nós estudarmos a localização quando se faz o reordenamento dos portos, para essa possibilidade, quer em São Miguel, Praia da Vitória e Faial, porque fundamentalmente é para os navios de grande porte que vêm a estes portos.

A instalação de postos de transformação também para os navios de cruzeiro e de capotagem insular para poderem ser ligados à energia elétrica, neste momento, em termos de mobilidade elétrica e não de outras fontes de energia. E também, relativamente aos transportes aéreos, estão previstas a instalação de unidades nos aeroportos, para que as aeronaves quantos estão parqueadas possam estar ligadas à eletricidade e não ter aquela unidade que nós sabemos de ground power que hoje faz o abastecimento das AE, que a termodinâmica, quando se faz o carregamento das aeronaves quando estão parqueadas.

Portanto, tudo isto é no sentido de aumentar significativamente a disponibilização, porque é isso que compete às entidades públicas, de meios, de instrumentos para que as outras entidades privadas, públicos ou famílias possam aceder à rede elétrica e carregamento dos seus equipamentos, sejam eles viaturas, sejam navios, sejam aeronaves.

Além disso, queria lembrar, talvez ainda não falámos aqui, mas queria sublinhar que estão previstas e já se realizaram algumas, 75 ações de sensibilização por toda a região, com vista a, não só mobilidade elétrica, mas também a eficiência energética. Portanto, tudo englobado naturalmente naquilo que nós chamamos transição energética e essas 75 ações energéticas fazem parte de um projeto que se designa – Açores na rota da energia -,

grande parte delas financiada pelo a LIFE IP Clímaz, mas também outras em protocolo com ADN, que é a Agência Nacional de Energia.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Vílson Ponte Gomes.

(\*) **Deputado Vílson Gomes (PS):** Obrigado, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Eu peço a palavra, Sr. Presidente, para intervir neste debate.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Não é um debate!

**O Orador:** Na sessão de perguntas e obrigado pela sua ajuda, em que discutimos aqui está regional para a energia e num contexto também de grande aflição para as famílias e para as empresas açorianas.

Desde logo, porque no momento desta natureza, as respostas são urgentes e o combate à crise energética e assume, é, sem sombra de dúvidas, um momento de grande importância para a região, para o país e para a Europa.

Assistimos aqui a vários esclarecimentos da Sra. Secretária Regional em que eu fico até sem saber que respostas o Governo Regional pode dar nesta matéria, porque em todas as matérias que abordou, disse que as pessoas não têm confiança no incentivo que a região tem para a compra de veículos elétricos. Também disse que não havia confiança nas pessoas para o transporte público rodoviário. Ou seja, há aqui uma clara desconfiança e eu penso que essa desconfiança é na falta de respostas que o governo regional nesta matéria.

**Deputado Carlos Silva (PS): Muito bem!**

**O Orador:** Portanto, eu acho que nessa altura de grande aflição e de grande necessidade de responder a estes desafios, dizendo aqui a esta Casa que não há confiança das pessoas nestas matérias é claramente uma falta de respostas que o governo tem para atenuar esta crise energética.



E, neste ponto essencial e também quando falamos na transição energética, falamos também da questão que foi aqui levantada pelo Sr. Deputado Rui Martins, do CDS, em que falou do hidrogénio verde, ou seja, na mobilidade, que possa ser também introduzida nesses veículos que são movidos a hidrogénio verde.

Eu não encontro nenhuma estratégia que o Governo tenha no programa do Governo e agradecia, se a Sra. Secretária pudesse também elencar e identificar, em que página é se encontra no programa do Governo, a estratégia que o Governo diz que tem, pela sua voz, que há uma estratégia para o hidrogénio verde na região e para nós seria suficientemente interessante perceber o esclarecimento nesta matéria.

Dizer também que foi para o plano de 2021 que o Partido Socialista apresentou nesta Casa um estudo, uma rubrica que pudesse ser introduzida no orçamento para haver um estudo de viabilidade para introdução do hidrogénio verde, em que foi chumbada pela maioria nesta Casa. Ou seja, há aqui um contrassenso que convém esclarecer que diz que tem um estudo no programa do governo e ao mesmo tempo, há uma proposta do Partido Socialista para, digamos, alavancar esse tal estudo que a Secretária veio trazer aqui para essa casa, que eu penso que seria importante perceber em que medida é que se encontra no programa do Governo.

Passando para a questão da mobilidade que está aqui em causa, os incentivos para aquisição de veículos elétricos para muitas famílias...

**Presidente:** Agradeço que termine.

**O Orador:** Termina, Sr. Presidente.

...para muitas famílias, muitas empresas há aqui uma necessidade de reforçar ou então enquadrar os incentivos porque nem todos podem ter acesso a um veículo elétrico e nem todos têm acesso à sua mobilidade.

E, portanto, deixo aqui a questão, o transporte público é a chave também, a par da racionalização do transporte individual, para esta transição energética

e, por isso mesmo, que medida é que o Governo Regional tem adotado e o que é que vai fazer para que o transporte público possa ser potenciado para aliviar também o custo de vida das famílias, neste momento tão desafiante e tão preocupante em que atravessamos.

Obrigado.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra para responder a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas. Faça favor.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Vílson Gomes, eu penso que confundiu muitas coisas, vários conceitos, várias questões e isso dificulta-me a resposta, ...

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Ainda não chegámos às taxas, Sra. Secretária!

**A Oradora:** ... dificulta-me porque, obviamente, que dizer que as pessoas não têm confiança...O senhor tem um tem um veículo elétrico? Essa é a questão. É a questão que se coloca a si, é a questão que se coloca a todos os açorianos, não é confiança das pessoas nos transportes públicos, é a confiança das pessoas num veículo elétrico para utilizarem ainda não chegaram a esse nível e os preços? Portanto, sobre isso estamos esclarecidos.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Não estamos não!

**A Oradora:** Vamos às questões que eu tentei descortinar no meio dessa amálgama toda de argumentos.

A questão do hidrogénio, já referi, nós fazemos parte de uma candidatura ao INTERREG MAC com a Madeira e com as Canárias para a estruturação de uma estratégia de utilização e desenvolvimento do hidrogénio.

Todos sabemos que a tecnologia está a evoluir, que não há hidrogénio aqui disponível, do ponto de vista da utilização imediata, como energia massificada e, portanto, nós estamos neste momento a trabalhar a acompanhar. É isso que é possível fazer. É isso que estamos a fazer. Fizeram os senhores, enquanto estavam no Governo, fazemos nós agora.

Eu acho que não vale a pena, Sr.. Deputado Vílson Gomes, e vou-lhe dizer isto, tentar encontrar umas divergências para criar um facto político. O Governo anterior deu seguimento a uma política energética renovável que vinha do Governo, antes desse, e nós estamos a dar seguimento a uma política de acordo com a evolução tecnológica, que não depende do governo, depende da tecnologia, da ciência e da evolução geral do mundo. Então, não vale a pena estar a tentar encontrar, para ter aqui um momento de glória, porque isso só lhe traz confusão...

**Deputado Carlos Silva (PS):** Confusão é o que a senhora tem feito!

**A Oradora:** ... e foi aquilo que pus aqui, pus aqui uma pergunta que é uma amálgama de argumentos. A verdade é que o Governo anterior fez o tudo o que pôde para aumentar a integração de energias renováveis e mobilidade elétrica na região. E a verdade é que este Governo está a fazer tudo o que pode, com instrumentos que tem, e está a fazer muito, para, com os instrumentos que tem, continuar a integrar, cada vez mais, energias renováveis no nosso sistema energético regional. Essa é a realidade. Não há ruturas, não há fissuras, não vale a pena estar a tentar encontrar, fizeram, ou não fizeram, nós estamos todos, dentro dos instrumentos que temos, dentro da tecnologia existente, dentro daquilo que é possível, do ponto de vista das políticas públicas, fazer o máximo para combater a situação que vivemos hoje e para acelerar a transição energética. Não tenham dúvidas sobre isso!

**Deputados Flávio Soares e João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Transição energética é o ponto número.

E, já agora, a transição energética, como sabe, a maior parte da energia vai 30% para os transportes rodoviários, vai 30% para a produção de eletricidade e o resto é que vai para os outros consumos.

**Deputado Carlos Silva (PS):** Falta 40!

**A Oradora:** Portanto, nós temos que apontar todas as nossas forças nestes dois sectores, na mobilidade elétrica rodoviária e na produção de energia. E quando fizermos isso, estamos no caminho certo e é isso que estamos a fazer e é isso que estamos a dar continuidade. Não vale a pena tentar encontrar aqui situações para tentar fazer um número. Não vale a pena! Nós estamos todos apostados transição energética o mais rapidamente possível.

E, portanto, o que lhe quer dizer é que se o PO 2030 permitir, vamos incrementar os incentivos. É isso que, do ponto de vista político, podemos fazer. Vamos fazer, como estamos a fazer, as ações de sensibilização para avançarmos com a tal questão de alteração de mentalidades e de posturas ...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** ... e quanto mais isso avançar e acompanhar mais, nós teremos pessoas a acompanhar a nós e às políticas públicas para caminharmos no sentido da transição energética, onde a mobilidade elétrica tem um peso muito significativo.

Portanto, é isso que estamos a fazer, é isso que eu julgo que todos os açorianos desejam e que nós desejamos também aqui nesta sala. Muito obrigada.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS, PP, PPM e Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Tem a palavra o Sr. Deputado Nuno Barata.

(\*) **Deputado Nuno Barata (IL):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Já quase que a minha pergunta estava prejudicada por perguntas anteriores, mas sem antes fazer aqui duas ou três considerações, que me parece importante serem feitas.

A mobilidade elétrica não tem que ser em si um objetivo de se não se cumprir, há aqui problemas de lesa-pátria. Até parece que as recomendações do Tribunal de Contas vêm dizer que não se cumpriu os objetivos e que isso nos vai levar todos a viver cada vez pior.

Não, o Tribunal de Contas, o que veio dizer foi que não se cumpriram os objetivos daquele Plano.

O Plano era arrojado, era ambicioso? Era, sim senhor. Admitamos! O Plano foi cumprido naquilo que o Governo anterior tinha como metas para cumprir? Acho que foi!

O Tribunal de Contas foi abusivo na leitura que fez? Também acho que foi!

Há todo aqui uma série de coisas que nós temos que nos centrar porque parece que há aqui ... A Sra. Secretária usou uma expressão bastante feliz esta manhã e que nos deve levar a todos a pensar um pouco, é que nós devemos, o nosso coletivo deve, de facto, orgulhar-se daquilo que já fizemos nessas ilhas, quer para a mobilidade elétrica, quer para a produção de energias renováveis (mas isso vamos mais logo, quando chegarmos ao segundo objeto). Mas, em relação à mobilidade elétrica, há uma questão que nós temos que ter sempre em mente, que é a falta de confiança do mercado na mobilidade elétrica. Nós não podemos, por decreto, por incentivos, obrigar o mercado a acreditar que aquilo é possível. Por mais que se dê! A não ser que se ofereça as viaturas a 100%! É dado, é tudo dado, o senhor pega lá e vá-se embora para casa e vai andar a 100%! Há que ter um bocadinho de respeito também pelo mercado, que o mercado também faz a sua avaliação 4500€, eu faço a avaliação de uma viatura elétrica, que ao fim de 10 anos, vale zero, eu não quero uma viatura elétrica para nada! Eu não vou comprar uma viatura elétrica E não vou comprar uma viatura elétrica porque não me posso dar ao

luxo, de ao fim de 10 anos, meter essa viatura no lixo ou vendê-la para a sucata, ponto final! Vou continuar a ter uma viatura tradicional com 30 anos, que se aguenta por mais 10. Vai durar 40! Bem bom, é um ato de boa gestão! Não posso ter uma viatura elétrica como outros não poderão.

E, portanto, vai sempre muito difícil nós arranjam os sistemas de incentivos que levem as pessoas a fazer essa transição por obrigação, isso não pode ser. Temos que deixar o mercado se ajustar à oferta e a oferta se ajustar no mercado, porque se não, vamos andar aqui a fingir que estamos a arranjar soluções para uma coisa que não tem solução nenhuma. Eu percebo a importância da mobilidade elétrica numa região como a nossa, que, ainda por cima, para poder e não querendo entrar no segundo objeto, para poder fazer um aumento de produção em energias renováveis, precisa de consumos durante as horas mortas, ou seja, precisava que toda a gente carregasse muitos equipamentos durante a noite para o investimento em renováveis ser rentável, ao ponto de podemos aumentar esse investimento em renováveis.

E, portanto, eu percebo essas questões todas, só que elas têm, têm que ter o seu tempo, têm que têm o seu movimento próprio para ganhar a sua notoriedade e o seu mercado.

**Presidente:** Agradeço que termine.

**O Orador:** Mas a pergunta que faço, Sra. Secretária, e porque tem a ver muito com a mobilidade dos açorianos que cada vez mais dependem e são quase obrigados a ter viatura própria para se poderem movimentar, a pergunta que faço é, no quadro das novas concessões de transportes públicos, algumas delas já estão muito atrasadas, sra. Secretária, também lembro isso, há contratos que estão a ser prorrogados de forma administrativa, que não deviam estar, há concessões que estão caducadas há quase 2 anos, a pergunta que faço é, vai ser introduzido algum mecanismo para que as empresas concessionárias nas rotas mais curtas recorram a esse tipo de viaturas ou não?

**Presidente:** Muito obrigado Sr. Deputado.

Tem a palavra a Sra. Secretária Regional de Turismo, Mobilidade e Infraestruturas para responder. Faça o favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*):

Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Nuno Barata, devo dizer que subscrevo na generalidade aquilo que referiu e agradeço-lhe, porque às vezes tenta-se depois fazer alguma confusão com aquilo que é dito.

**Deputado João Bruto da Costa** (*PSD*): Muito bem!

**A Oradora:** É evidente que a confiança vem do mercado, não vem de a nem de b, nem de c, vem da movimentação coletiva de uma procura e de uma oferta que nós não dominamos e que temos que aguardar que os tempos venham a favor dos nossos desejos e virão certamente.

E, portanto, certamente caminhamos nesse sentido. O sentido é esse ...

**Deputada Andreia Cardoso** (*PS*): Mas não pode ser!

**A Oradora:** ... que as políticas públicas podem incentivar o de incentivar o mercado? Sim, mas como disse, e bem, nem 100%, às vezes isso poderia resultar, porque também temos 100% noutras energias, noutros sistemas de incentivos e não são 250 mil açorianos que lá vão.

Portanto, isso é assim mesmo, há sempre quem adira e quem não adira, é um processo como referi, há pouco.

Em relação à pergunta em concreto e aos transportes terrestres de passageiros, é óbvio que o facto de a situação estar a arrastar-se durante alguns anos, e disse bem, com situações de concessão prorrogadas, que é aquilo que nós recebemos até agora, bem ou mal, estamos a fazer paulatinamente o lançamento de concursos públicos para os transportes terrestres em várias ilhas, deixando para o final São Miguel e Terceira, que são mais complexas, para

podemos fazer um estudo mais rigoroso de interoperabilidade e de bioética e de procurar servir o melhor possível os açorianos, embora também aí a verdade é que há uma cultura tradicional de utilização do transporte público e as pessoas continuam muito agarradas a essa comodidade, porque é no sentido da comodidade e do da qualidade de vida que isso traz às pessoas que utilizam o transporte individual.

Em relação ao apoio de aquisição de veículos elétricos por parte do Governo ou incentivos comunitários, só poderão ser. Efetivamente o custo de um autocarro elétrico, comparativamente a um custo de um autocarro a de combustão interna é abismal, além de que, a nossa orografia também lá está, não permite que, com a tecnologia atual, se consiga fazer todos os percursos e, portanto, dá menos otimização da frota.

Ao nível da mobilidade urbana, de transportes coletivos de passageiros, já foram introduzidos alguns minibus movidos a energia elétrica, na Graciosa, em Ponta Delgada. É um processo também, irá seguindo.

No PO 2030, na medida 2.8, creio, nós esperamos poder criar um sistema de incentivos que tenha aí enquadramento e que possa de alguma forma ajudar nessa transição também de veículos de combustão para veículos movidos a eletricidade.

Mas não há dúvida que é preciso que as duas coisas se conjuguem. É preciso que se conjugue a tecnologia, é preciso que se conjugue o preço e é preciso que se conjugue o apoio, mas que obviamente nunca será de montante a levar as pessoas a transitarem todas, nem isso é desejável, será sempre um processo gradual.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária.

Vamos avançar para a segunda pergunta deste objeto, para tal dou a palavra ao Sr. Deputado Pedro Neves.



(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Obrigado, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sra. Secretária, antes de fazer a pergunta, queria apenas dizer que enganei-me, obviamente, sobre o objeto e depois o Bloco de Esquerda agarrou naquilo que era o mais importante, sobre a nossa disponibilidade em termos de transportes públicos. E, apesar do Bloco de Esquerda estar a falar sobre transportes públicos, a nível elétrico, mas também não podemos esquecer que os transportes públicos, mesmo que não sejam elétricos, conseguem reduzir, obviamente, o transporte individual, e é neste aspeto que nós sabemos que existe um grande problema na nossa rede de transportes intermunicipais e eu não vou fazer a pergunta se a Sra. Secretária Regional (como fez a pergunta), se já tem um veículo elétrico, porque não é relevante sequer. Não funciona para a maioria dos açorianos, os transportes públicos. Por isso é que tem que ter o transporte individual.

Depois temos o Sr. Deputado Nuno Barata que diz que o mercado é que manda. Sim, o mercado manda, mas temos que dar obviamente disponibilidades, da parte do Governo, sensibilidade, adaptabilidade e publicação sobre o que é que é um veículo elétrico.

E isso não acontece e não acontece porquê? Essa é a pergunta. Primeiro, não há disponibilidade de carregamentos, a quantidade de carregamentos 40 é sem dúvida, eu tenho vergonha alheia sobre essa quantidade. Não estamos a dizer aos açorianos para veículos elétricos, essa é a primeira.

Segundo, não há uma parceria correta com as câmaras municipais. Falo eu, pessoalmente, que não posso ter um veículo elétrico, porque não posso carregar na minha casa e a tarifa é extremamente cara.

Ajuda? Não ajuda! Ninguém vai ter um veículo elétrico.

Depois tem uma situação, o Governo é obrigado a dar essa sensibilização sobre o que é que é ter um veículo elétrico sobre eficiência energética.

Olhemos para a anteproposta do orçamento de 2023 e temos 25 mil euros, 25 para os parques, 25 mil euros para sensibilização de ter eficiência energética. E também falou sobre quer que as casas tenham, obviamente, mais que não tenham gás, tenham energia elétrica, têm os parques 44 mil euros de combate à pobreza energética.

E, obviamente, se tem um orçamento desses, apesar da sua retórica, que eu gosto bastante, mas os números não acompanham os seus argumentos, porque se nós tivermos, obviamente, apenas 25 mil euros de sensibilidade, não há confiança, absolutamente de ninguém.

Por isso eu pergunto, e o exemplo tem que ser dado do Governo e da administração pública, em 2021, o orçamento do PAN inseriu e foi aprovado que em cada duas viaturas do Governo e da administração pública, uma era veículo elétrico. Está a ser cumprido? Eu acredito que sim, diga-me quantas viaturas é que já foram obviamente trocadas para veículos elétricos na administração pública e no Governo?

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Para responder, tem a palavra a Sra. Secretária do Turismo e faça o favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Pedro Neves, eu penso que tudo aquilo que disse aqui, de alguma maneira, nós já reiteramos isso, já falámos nisso, estamos de acordo com isso. É possível, é um processo, temos que continuar, temos que acompanhar, temos de sensibilizar. Já referi que estão previstas 75 ações de sensibilização, não são assim tão poucas como isso, nem todas são saem pelo mesmo programa, há vários programas aqui envolvidos. Nós temos, e eu referi, que 75 dessas ações são apoiadas pelo LIFE IP clímax, que é a rota da energia por todos os Açores e, a partir daí, tudo o que é possível fazer, iremos

fazer. Com essas ações, tentar alterar aquilo que é menos tangível, aquilo que é intangível, e isso tem que se trabalhar e é por isso que temos essas ações previstas e vamos desenvolvê-las, algumas até já foram desenvolvidas e têm um calendário bastante ambicioso, ao longo de 2022 e 2023.

Em relação aos transportes públicos é óbvio que o mercado e a procura, ou seja, a procura e oferta, vão sendo dinâmicas até se encontrarem. Mas há também aqui fatores exógenos e era isso que nós referíamos, à procura e à oferta, que tem a ver, exatamente, com o preço, com o custo de oportunidade, dos próprios investimentos, das empresas nos transportes coletivos.

Em relação ao transporte coletivo tradicional, e já respondi a isso, ao Sr. Deputado Nuno Barata, estamos a avançar com processos de prestação de serviços (que agora já não se chama concessão, porque é essa a legislação atual) nas várias ilhas e, neste momento, estamos a fazer esse processo nas ilhas de menor dimensão e preparando e também colhendo informação e as melhores práticas e a forma como a tecnologia vai evoluindo para avançar para as ilhas de maior dimensão.

Ao nível dos transportes urbanos e dentro dos núcleos urbanos que poderão ser alargados e até ser interurbanos, é uma questão a pensar porque, hoje em dia, as localidades não são descontínuas. Deverá ser alargado, com parcerias com as câmaras municipais. Mas, é óbvio que o PO 2030, neste momento, que já devia estar em vigor, mas por razões de todos conhecidas e que não dependem de nós, ainda não está e está atrasado, a verdade é que sem esse novo plano, é difícil configurar uma alteração de apoios e de políticas públicas nessa matéria, como em todas as outras. Portanto, o Plano 2030 é determinante para nós podermos delinear e estruturar novos sistemas de incentivos, sejam eles para a mobilidade elétrica individual, seja para a mobilidade elétrica coletiva. Isso é um desejo de todos, que isso é a vontade de todos, que logo que haja disponibilidade de possibilidade e se conjuguem todas as vontades, é por esse caminho que vamos.

E por isso é que costume dizer, é um processo. Nós não chegamos lá de hoje para amanhã, mas vamos caminhando a fazer caminho.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Tem a palavra, Sr. Deputado Pedro Neves, para a réplica.

(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Obrigado, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A réplica é muito rápida, não respondeu à minha pergunta neste caso, tendo em conta que no orçamento 2021 o PAN inseriu no Plano e Orçamento sobre em cada duas viaturas, uma viatura tanto do governo como da administração pública, tinha que ser elétrica. Se isso está a ser cumprido e quantas viaturas é que conseguiu fazer essa transição de combustíveis fósseis para os veículos elétricos? Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

A Sra. Secretária Regional faça o favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Pedro Neves, já lhe referi que foram introduzidas duas viaturas elétricas na Secretaria Regional de Mobilidade, Turismo, Mobilidade e Infraestruturas, ao abrigo de um programa europeu. Estou certa de que, uma substancial alteração da frota pública, que por sinal, está com mais de 20 anos, não há um veículo na função pública com menos de 20 anos, ou serão muito poucos os veículos com menos de 20 anos.

Todos nós, que estamos aqui, recebemos uma frota completamente obsoleta e, portanto, estou certa que no PO 2030 aí teremos certamente oportunidade de paulatinamente, de acordo com os recursos orçamentais e as possibilidades públicas, sendo certo que as prioridades não podem estar só deste lado, têm que estar também do lado do público, em geral, e do incentivo aos açorianos,

em geral, para aquisição de viaturas elétricas. Nessa altura com o PO 2030, poderemos certamente ter um programa bem mais arrojado de substituição das viaturas públicas por viaturas elétricas.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Para colocar uma questão, tem a palavra o Sr. Deputado José Avila.

(\*) **Deputado José Ávila (PS):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Reserva da Biosfera desde 2007, a ilha Graciosa, aquando da realização de um teste em 2018, foi abastecida pela primeira vez a 100% por energias renováveis.

Isto, depois da instalação de um projeto inovador, composto por um sistema híbrido de produção eólica e solar, com uma potência instalada de 4,5 megawatts e 1 megawatt, respetivamente, e um conjunto de baterias de última geração que permite o armazenamento de 3,2 megawatts.

É assim que, a partir de 2018 e depois do investimento de 26 milhões de euros, com 4,5 milhões de euros provenientes de fundos comunitários, a Graciosa passou a ser conhecida como uma ilha com a luz híbrida mais verde do mundo, com 65% de energia consumida proveniente de fontes renováveis, sendo um exemplo para o país, para a Europa e também para o mundo.

Foram mais de 270 dias a consumir 100% de energia renovável.

Este é um bom exemplo da aplicação dos incentivos que, infelizmente, faltam há 10 meses.

Voltando atrás, este, de facto, é um património que muito nos honra e que também devia honrar quem o herdou.

Paralelamente, e é isso que devia ser feito, foi criado um projeto Graciosa, ilha modelo, com um dos focos no fomento da mobilidade elétrica. Neste contexto, foi adquirido um miniautocarro 100% elétrico e instalada as estações para que 15 bicicletas elétricas partilhadas.

Interessa agora saber em que ponto de situação está o desenvolvimento do projeto Graciosa, ilha modelo, nomeadamente:

- Onde andam as bicicletas elétricas, já que as estações estão montadas há mais de 1 ano?
- Como está o reforço dos pontos de carregamento?
- Como está a decorrer os apoios à aquisição de veículos elétricos para táxis e rent a cars?
- Já foi abordado pela Sra. Secretária, mas era necessário saber quantas candidaturas e se, de facto, há proatividade por parte do Governo Regional na promoção deste projeto?
- Em que situação está a gestão partilhada da frota de viaturas da administração pública?
- E, também um assunto que interessa aos proprietários das viaturas elétricas, em, que ponto de situação está a injeção de energia na rede de quem produz a sua própria energia?

Faço estas perguntas porque tão importante como criar projetos e oportunidades, é necessário apostar na promoção e divulgação. Enfim, é preciso apostar na proatividade das entidades públicas e na simplificação de procedimentos para se obter sucesso neste projeto tão importante para a Graciosa e para os Açores.

**Presidente:** Peço que termine.

O Orador: Ficamos todos muito surpreendidos – e termino já – com algum desânimo, da parte da Sra. Secretária relativamente à mobilidade elétrica e alguma desatualização relativamente aos preços das viaturas elétricas.

Hoje, mais do que nunca, devido aos fatores externos que todos conhecem é necessário as entidades darem sinais, promoverem a confiança na transição, que não é um luxo, é um imperativo.

**Deputada Andreia Cardoso (PS): Muito bem!**

**O Orador:** E é assim que deve ser encarado.

**Deputada Andreia Cardoso (PS): Muito bem!**

**O Orador:** Parece que parece que sim, mas neste tema, resignação não rima com a evolução.

Muito obrigado.

**Deputada Andreia Cardoso (PS): Muito bem!**

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado Senhor Deputado.

Para responder, tem a palavra a Senhora Secretária do Turismo, faça o favor.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):**

Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado, eu devo dizer que fiquei satisfeita de ter reproduzido tudo aquilo que eu já tinha dito em relação à Graciosa, ...

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Ou não!

**A Oradora:** ... o que significa que muito nos orgulha que a Graciosa seja a nossa ilha, modelo e, portanto, fico satisfeita, estamos todos de parabéns e este Governo continua nessa linha, porque já lá colocou o autocarro elétrico, as bicicletas elétricas estão a chegar, há dificuldades de entrega de equipamentos em todo o lado, certamente que também saberão isso, porque há efetivamente as disrupções nas cadeias de fornecimento.

A Graciosa é, como eu dizia, a nossa ilha modelo com 64% de energia renovável, com um projeto privado - é bom também que se diga - e quando eu digo privado é para incentivar os privados que, neste momento, querem investir nos Açores a fazerem esse investimento, porque isso vai nos ajudar a aumentar as metas de energia de produção de energia renovável e da integração dessa energia na rede e no consumo público e, portanto, nesse

aspecto, só lhe agradeço que tenha reproduzido exatamente a questão das bicicletas do miniautocarro elétrico, dos novos pontos de carregamento, tudo isto que aqui está e vamos prosseguir porque é esse o projeto para a Graciosa. Relativamente às questões, as bicicletas já lhe já lhe respondi à pergunta.

**Deputado José Ávila (PS):** Não, não respondeu!

**A Oradora:** Em relação à partilha de viaturas do governo, está em elaboração a plataforma para poder haver essa partilha, a partilha não se pode fazer com telefonemas, é preciso haver uma plataforma e conseguir ter os instrumentos necessários para que isso se faça de forma eficaz e eficiente.

A introdução de energia na rede está a processar-se de forma natural e nós, não querendo antecipar a os assuntos das próximas perguntas, o SOLENERGE, os investimentos que têm que introduzir na rede têm que ter parecer prévio da EDA, por razões óbvias, porque como aqui se falava, são novos sistemas elétricos pequenos, sem possibilidade de interligação e, portanto, a estabilização da rede é fundamental e é preciso que haja condições técnicas para receber a energia. A EDA tem que dar o seu parecer, first in, first in, portanto, os primeiros que chegam são os primeiros que entram na rede.

Portanto, os primeiros a entrar com as candidaturas são os primeiros a entrar na rede e, portanto, é essa é essa a situação que se coloca na energia que é debitada à rede e, portanto, nesse aspeto estamos tranquilos, porque também temos que ter aqui um parecer óbvio da rede.

A maior parte das candidaturas não são necessariamente nessa situação, são para autoconsumo e, portanto, quando a questão se coloca, a EDA tem que dar o seu parecer.

E, portanto, neste aspeto o que mais lhe posso dizer é favor desse projeto que no próximo plano operacional se consiga manter e caminhar no sentido de cada vez mais a Graciosa, em vez de 64% que tem hoje, possa vir atingir 80,



90%, os 100% é sempre perigoso em termos de backup e em termos de fornecimento e estabilidade de eletricidade.

De qualquer maneira, o máximo que pude ser, nós caminhamos todos nesse sentido com muito orgulho, com muito realismo, mas nada de resignação, ...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** ... bem pelo contrário, e quem me conhece sabe bem que eu estou sempre entusiasmada com todos os projetos que me passam pela mão.

Estou muito entusiasmada com o projeto da Graciosa e, por isso mesmo, é que nós nunca largamos a Graciosa de dizer que continua a ser a nossa ilha modelo e vai sempre ser tratada com muito carinho e com uma especial atenção.

Muito obrigada.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS. PP, PPM e Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

A Mesa não tem mais inscrições nesta fase.

Pergunto se há mais inscrições?

*(Pausa)*

Vamos então fazer um intervalo

Regressamos ao meio-dia.

*Eram 11 horas e 37 minutos.*

Sras. e Srs. Deputados, vamos reiniciar os nossos trabalhos.

*Eram 12 horas e 03 minutos.*

Uma mesa não tá? Inscrições no âmbito da pergunta número 2 do primeiro objeto.

Posso depreender que avançamos para o segundo objeto, que são as energia renováveis e não renováveis. Para a primeira pergunta desse objeto, tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Neves.

(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Obrigado, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Relativamente às energias renováveis e não renováveis e, apesar de não sei se existe a sensibilidade do Governo para saber o que é que vai acontecer a nível mundial, mas também a nível nacional, eu acho que ainda não caiu a ficha também a nível do continente porque vai haver uma grande crise energética e, neste momento, sabemos que as pessoas não têm muita confiança nas viaturas elétricas, a sensibilização e promoção são 25 mil eurozitos, por isso também não ajuda muito. Não dá o exemplo com a frota automóvel e Sr. Secretário, eu não disse para renovação automática, disse a renovação quando for necessária e agradeço quando conseguir dar esses dados, que nos envie, por favor.

Sobre a disparidade entre o é as energias renováveis, neste caso, e as energias por hidrocarbonetos, nós vemos que há uma redução sobre a quantidade de produção de energia renovável, neste momento, apesar do investimento nos Açores e como o Sr. Deputado Paulo Estêvão, muito bem, deu o exemplo que vamos ter no Corvo, como a Gracióllica, que sem dúvida, temos um orgulho imenso daquilo que aconteceu a nível mundial mas, obviamente, precisamos de mais porque não podemos viver pela Graciosa por estes anos todos com uma crise energética.

Por isso, eu pergunto que além da solução ou da descentralização relativamente aos combustíveis fósseis e a crise energética que está a acontecer, eu pergunto, existe e não estamos aqui à espera que o mercado é que decida, como o Sr. Deputado da Iniciativa Liberal diz, que as coisas não são, obviamente, bem assim, tendo em conta que nós temos metas europeias, que temos de cumprir. Essas metas existem e nós, obviamente, dentro da União Europeia, temos que cumprir essas metas e, tendo em conta que, o aprovisionamento, obviamente, dos hidrocarbonetos vai ser reduzido, eu pergunto, tendo em conta, os incentivos que nós vamos ter para os combustíveis fósseis e o Governo já começou a trabalhar nisso e as famílias já conseguem verificar que, pelo menos o Governo está a tentar combater o valor do combustível nos Açores, eu pergunto, existe também incentivos para as energias renováveis, neste caso, para a produção da energia renovável por parte dos nossos consumidores ou, pelo menos, um incentivo tanto nas próprias casas como também das próprias viaturas, qual é o valor do incentivo para 2023? Existe na balança entre os sentidos que nós podemos dar aos combustíveis fósseis, podemos também dizer que nós estamos a virar a página para as energias renováveis e o Governo vai mesmo a alavancar um orçamento bem maior para os incentivos das energias renováveis?

Obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Para responder, tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas. Faça o favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Pedro Neves, eu retomava aqui um pouco aquilo que é neste momento, o panorama da introdução de energias renováveis e não renováveis na nossa região, para lembrar que estamos à volta de 40.2% de energias

renováveis em termos de toda a região e a diferença, portanto, 59.8 de energias não renováveis, portanto energia térmica e que o objetivo é, como está no programa do governo, atingir 61% em 2026 de energias renováveis. Atingiremos isso com as energias renováveis atualmente existentes, com o investimento da EDA, que está previsto da ordem dos 180 milhões de euros em energias renováveis e em baterias, até 2026 e com a incineração de resíduos também e também com a produção descentralizada.

Ampliação de parques eólicos, estão previstos, do ponto de vista Público e também do ponto de vista privado, há projetos privados para ampliação de projetos eólicos.

E, para além desses, e era aqui que eu queria chegar, a produção descentralizada, ou seja, a produção através de particulares ou empresas. E aí temos o sistema de incentivos, que tem sido até um case study a nível de outras regiões. Já nos pediram essa configuração do nosso sistema de incentivos que é o SOLENERGE porque efetivamente, com o PRR nós podemos incentivar até 100% a produção de energias produzidas por sistemas fotovoltaicos até 100%, como eu dizia, e isso é um grande incentivo, é um incentivo muito substancial para as famílias, não só terem capacidade de ter produção para o seu autoconsumo, mas também o que isso representa em termos de eficiência energética e o que isso representa em termos de redução da fatura de eletricidade de cada agregado familiar. E, portanto, como sabem, a proposta de incentivos e agora o decreto regional passou nesta Assembleia, é do vosso conhecimento. Tem tido uma enorme adesão, por parte do público. Houve um grande foco nas famílias e nos particulares, tanto que as empresas têm uma limitação até 60%. Temos metas intercalares para cumprir e, portanto, está muito orientado para as famílias e para a produção de nível familiar.

Como também já tive oportunidade de referir, nós temos candidaturas já neste momento, entregues no total de 446 candidaturas, cerca de 6,5 milhões de

euros de investimento. Tudo isto, somado, dará certamente um grande incentivo à produção de energia e, portanto, à descarbonização, no fundo, do setor elétrico e a produção e o incremento da introdução de energias, de eletricidade por energias renováveis na rede. Nesse aspeto, só aqui temos um grande incentivo às famílias.

No outro lado, temos ainda o Proenergia, que será incrementado no PO 2030, mas que neste momento está em vigor e é um sistema bastante robusto que apoia a bombas de calor, que apoia a parte de aquecimento de habitação, que apoia a painéis fotovoltaicos que apoia, como já referi, bombas de calor. Tem uma panóplia muito grande de apoios e de objetos de apoio e, portanto, também isso se traduz por está fundamentalmente orientado para as famílias.

Ao nível de apoio direto ou tarifário, eu recorro que a EDA está sujeita ao regime tarifário único nacional, regulado pela erse e, portanto, uma coisa é podermos incentivar os combustíveis fósseis para consumo nas bombas de gasolina, o gasóleo, etc., outra coisa é poder interferir no tarifário elétrico nacional. Isso não podemos, isso foi uma grande conquista da região ter conseguido o tarifário elétrico nacional. A unificação em 2003 dessa tarifa única de fornecimento de eletricidade para a região e, portanto, não está, nem pode estar o Governo a ter qualquer interferência ao nível do tarifário elétrico.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado Sra. Secretária.

Para a réplica tem a palavra, Senhor Deputado Pedro Neves.

(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Obrigado, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sra. Secretária, se calhar, a culpa foi minha, a pergunta foi mal feita da minha parte. Eu sei, obviamente, que sobre as iniciativas relativamente às placas fotovoltaicas daquilo que nós conhecemos pela SOLENERGE e que isso, obviamente, foi algo de muito positivo para a região, mas a minha pergunta é

e aquilo que tem o interesse público regional, agora no presente, como também do futuro, que tem a ver com o autoconsumo, além das empresas, falou sobre a quantidade das candidaturas, disse as candidaturas, mas eu pergunto: para as famílias e não para as empresas, neste caso, a Sra. Secretária pode dizer das candidaturas, quantas famílias é que se candidataram para fazerem autoconsumo nas suas próprias casas e não das empresas.

Isso é importante para os açorianos também saberem se são as empresas que estão obviamente, a aproveitar esses incentivos da parte do governo, ou se são as famílias, porque isto é, obviamente, é de interesse regional essa reconversão.

Obrigado.

**Presidente: Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Para a resposta, tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Eu, se lhe disser por ilha, percebe-se perfeitamente que há aqui uma grande densidade de candidaturas por famílias. Os valores são globais, mas, por exemplo, Santa Maria tem 5 candidaturas com 30.395,00€, São Miguel tem 278, com 3.5 milhões de euros, portanto, aqui, obviamente há um grande peso de empresas, mas nas ilhas mais pequenas menos. Na Terceira tem 44 candidaturas, com 1 milhão e 354 mil euros de investimento, portanto, aqui haverá também naturalmente, várias empresas, mas quando já falamos de São Jorge, do Pico, do Faial, do Faial menos, são candidaturas de menor número que já tem um grande peso das empresas familiares, portanto das famílias.

E por aqui também já se percebe que há uma grande adesão. Em termos de números concretos, vamos tentar perceber se consegue através das

candidaturas existentes, sem ter que ir ver uma a uma se isso se consegue, mas traremos essa informação logo que possível e portanto, ainda certamente durante este debate.

E, portanto, nesse sentido, julgo que o SOLENERGE vai cumprir o seu objetivo, que é um objetivo de se dirigir muito diretamente à economia familiar, à redução da fatura energética de cada uma das famílias, que vai cumprir o objetivo da descarbonização e que vai cumprir o incentivo de apoiar as famílias.

Queria também lembrar, porque há pouco, quando se falou nos apoios às famílias, que é também a atribuição da tarifa social de Eletricidade, que nos Açores abrangeu em 2021, 23092 beneficiários, portanto, 23092 famílias é um número muito significativo de apoios dados às famílias, que têm uma potência instalada inferior a 6.9 kawaires.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Secretária Regional.

Para colocar uma questão, tem a palavra o Sr. Deputado Nuno Barata, faça favor.

(\*) **Deputado Nuno Barata (IL):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Muito rapidamente, Senhora Secretária Regional, a estratégia açoriana para a Energia 2030 foca-se essencialmente na operação de distribuição e de e de transporte de energia pelo único operador que a região tem.

Eu percebo a preocupação da região em transformar cada família açoriana, cada casa açoriana, cada indústria, cada comércio dos Açores num produtor de energia, mas é preciso também que o monopolista seja obrigado pela região a comprar os excedentes a esses produtores. Caso contrário, apenas vamos brincar, não pode ser como tem sido até agora, ao valor que é ao preço que é pago. Nem pode ser, constantemente, compensado pela erse por via das perdas que tenha com essa comercialização.

É verdade que foi muito importante a intervenção da erse nesse setor, isso deve-se aos governos do passado. Foi, de facto, uma conquista enorme da nossa autonomia, mas a nossa autonomia energética também nos traz autonomia, do ponto de vista político num futuro próximo.

Mas, enquadrando a pergunta desta maneira, a pergunta que lhe faço é, que investimentos estão previstos serem feitos na Região Autónoma dos Açores, nomeadamente, na área da energia geotérmica no futuro próximo e em que ilhas?

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Para responder, tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas. Faça favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Senhor Presidente, permita-me voltar um pouco atrás e responder ao Sr. Deputado Pedro Neves dizendo que são 389 famílias abrangidas e 84 empresas. Portanto, de este valor que aqui referi dos 448 processos, temos uma predominância enorme das famílias.

Em relação à questão da compra de energia por parte da EDA, Sr. Deputado Nuno Barata, eu devo recordar que, e o senhor sabe isso bem, é que os nossos sistemas elétricos, dada a sua dimensão, têm dificuldade e por isso é que a EDA é fundamental no parecer que dá quando tem que receber energia na rede, é fundamental garantir a estabilização da rede, porque as energias renováveis, com exceção da produzida pela Sojel e, portanto, e pela Terceira, portanto, da geotérmica, não são consideradas energias garantidas e, portanto, tem que haver permanentemente grupos térmicos e em standby para entrar, caso haja algum problema de abastecimento na rede e qualquer entrada de energias renováveis cria oscilações.



Por isso mesmo é que a EDA tem orientado, neste momento, o seu investimento em grande parte para as baterias, para fazer o storage, portanto, a acumulação de baterias e poder responder e estabilizar a rede com a entrada de energias renováveis. Quanto mais produtores pequenos, e o SOLENERGE está orientado para apoiar os pequenos produtores e as famílias, entrarem no sistema, maior é a dificuldade em criar estabilidade na rede. E por isso, o preço tem que refletir, de alguma, de alguma forma essa realidade.

Mas, o preço de aquisição neste momento pela EDA está indexado ao mercado europeu, ao MIBEL, e pagam 20 cêntimos por cada quilowatt, portanto 20 cêntimos por cada quilowatt já é um valor muito razoável e tem a ver também com esta questão da crise energética que estamos hoje a viver.

Em relação aos investimentos que a EDA está a fazer na geotermia, sei que está na Terceira a tentar otimizar os investimentos que fez em alguns furos. Não decidiu ainda se tem, ou não tem, condições para pôr esses furos em exploração. São processos que têm que ser bem avaliados tecnicamente, decidirá se isso tem ou não condições para a produção de energia e aumentar a sua capacidade de produção de geotermia na ilha Terceira.

Em relação a São Miguel, houve, como sabe, uma paragem há 2 anos, em 2021, numa das estações da Ribeira grande, mais concretamente na estação chamada Ribeira Grande, e não na do Pico Vermelho, e a partir daí os investimentos são de manutenção, de otimização de redes, de criação de condições para otimizar e transportar o melhor possível e com a maior fiabilidade possível, essa energia produzida.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária.

Para colocar uma questão, tem a palavra a Sra. Deputada Sandra Dias Faria, faça favor.

(\*) **Deputada Sandra Dias Faria (PS):** Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A definição de uma estratégia açoriana para a energia 2030 foi um compromisso do Partido Socialista no Governo, tendo sido apresentada como uma estratégia delineada com base em princípios de suficiência e eficiência energética, da descarbonização da produção de eletricidade e da eletrificação de diversos setores consumidores de combustíveis fósseis nos Açores.

Com isto, pretendia-se reduzir a dependência externa dos combustíveis fósseis e a emissão de gases com efeito de estufa, melhorando a qualidade ambiental da região, indo ao encontro dos compromissos internacionais na matéria.

Este trabalho foi feito em linha com o plano nacional de energia e clima 2030, um instrumento de política nacional de investimentos decisivo para a definição das linhas estratégicas para a década, rumo à neutralidade carbónica, estão necessariamente alinhados com as visões e as narrativas definidas no Roteiro para a neutralidade carbónica 2050 e também com o plano nacional de investimentos.

Os Açores ganharam assim uma estratégia para a energia, alinhada com o preconizado a nível nacional e europeu.

Este foi um legado deixado pelos governos socialistas, reconhecido ainda recentemente com o prémio atribuído a Andreia Cardoso, Diretora Regional da Energia, no último Governo PS, distinguida ...

*Vozes na Sala: Carreiro!*

**A Oradora:** Carreiro.

Não é que não merecesse! Há de chegar! Mas, corrijo novamente, Andreia Carreiro, Diretora Regional da Energia, no último Governo do PS e distinguida com European Sustainable Energy Awards 2022, na categoria Woman in Energy. E ainda a aposta inequívoca no PRR, no que toca à transição energética, também responsabilidade do anterior governo.

Aliás, as intervenções da Sra. Secretária, hoje, permitem concluir o excelente trabalho nos sucessivos governos do PS, ou seja, uma herança muito positiva.

Somos uma região exemplar em matéria de penetração de energias renováveis e, ao contrário do que disse a Sra. Secretária, nunca como hoje tivemos oportunidade de potenciar a transição energética. A oferta tecnológica é cada vez maior e oferece níveis de confiança cada vez mais robustos.

Com este Governo, assistimos a um ponto morto, para não dizer um retrocesso, no domínio que a região vinha a trilhar, colocando em causa a execução das metas a cumprir, quer a nível a nível nacional, quer a nível europeu.

Mas, estamos perante um governo resignado e é imperativo prosseguir empenhados e determinados na importância deste caminho.

Assim, impõe-se questionar o seguinte: Sra. Secretária, o que foi feito com os 17.4 milhões de euros, inscritos no PRR para investir na transição energética, na região, em 2021?

**Presidente:** Agradeço que termine..

**A Oradora:** E, como justifica uma execução financeira no primeiro semestre de 1.3% em matéria de energia, mais concretamente, no projeto 9.1 Eficiência Energética e Energias Renováveis?

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Obrigado, Sra. Deputada.

Para responder, tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas. Faça favor.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sra. Deputada Sandra Faria, a estratégia açoriana para a energia que nos foi deixada não está aprovada. Não estava aprovada e não está aprovada. E não está aprovada porque, obviamente, que as metas que estavam na própria estratégia, não puderam ser cumpridas pelo vosso próprio governo.

Ainda ontem, o Sr. Deputado Pedro Neves, colocou essa questão, porque é que as energias renováveis baixaram, em 2021?

Baixaram porque nós tivemos circunstâncias que não permitiram sequer o cumprimento desta estratégia de energia. Portanto, esta estratégia açoriana da energia, tem que ser toda revista, desde logo nas suas metas, porque nem os senhores conseguiram cumpri-as.

E, portanto, tem que ser revisto. Não estava aprovada, não está aprovada e será revista. Será revista com realismo porque é com realismo que nós atingimos metas.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Uma coisa é realismo, outra coisa é falta de ambição!

**A Oradora:** Não é com ambições megalómanas a achar que se chega aos 80% daqui a um ano ou dois! Não é possível, não vale a pena e isso não passa de um papel, não passa de um conjunto de indicadores e o papel aceita tudo e o computador também.

E não é isso que nós queremos. O que nós queremos é uma estratégia que está a ser ultimada, preparada e que tenha esta por base, sem dúvida, mas revela para atingir metas razoáveis, metas que nos confortem a todos num processo ambicioso, mas realistas.

**Deputado Carlos Silva (PS):** São só palavras! Um Governo pouco ambicioso!

**A Oradora:** E estas não são realistas e, portanto, Sra. Deputada, lá iremos à redução do gás butano, como aqui refere, à eficiência energética nos transportes terrestres, à eficiência energética nos edifícios, à eficiência energética nas empresas, à penetração de eletricidade, fruto de energias

renováveis, como está previsto também, à eficiência energética também, em toda a região. A redução de emissões de gases com efeito de estufa, resultantes de toda esta matriz, porque é o resultado de todos estes indicadores que conduzem a este resultado final.

É isso que estamos a fazer, é essa revisão que estamos a trabalhar, é na alteração destas metas, auscultando todas as entidades e, desde logo a própria EDA, que tem um papel determinante nesta função de se cumprir as metas ao nível das energias renováveis. E, nesse aspeto, fico tranquila porque nós estamos perfeitamente alinhados com propostas ambiciosas, mas realistas.

Em relação ao PRR, que referiu, os investimentos foram em energia renovável no Corvo, foi a geotermia e foram sistemas de baterias protocolados com a empresa de eletricidade dos Açores. São investimentos que estão em curso e que vão dar plena execução ao valor do PRR que referiu.

Muito obrigada.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS, PP, PPM e Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária.

Tem agora a palavra, para colocar uma questão, o Sr. Deputado António Lima.

**(\*) Deputado António Lima (BE):**

Muito obrigado, Sr. Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Senhora Secretária Regional, eu coloco uma questão que temos colocado por diversas vezes e que estamos longe de estar satisfeitos com as questões do governo regional e começo por enquadrá-lo.

Em dezembro de 2009 foi celebrado, entre a região e a BENCON, um acordo que garante que esta empresa forneça todo o fuelóleo à EDA e à indústria dos Açores. E, neste mesmo acordo, define-se as regras para o cálculo do preço.

Na mesma data e paralelamente, foi celebrado um acordo entre a EDA e a região, nos termos do qual, a EDA obriga-se a adquirir todo o fuelóleo que necessite para produção de energia elétrica.

Neste mesmo acordo, a região obriga-se, por outro lado, a suportar o eventual diferencial que se verifica entre o custo real suportado pela EDA na aquisição de fuelóleo e o custo de aquisição para a produção de energia elétrica, que é aceite pela entidade reguladora, em conformidade com os seus regulamentos tarifários.

De acordo com os relatórios e contas da EDA, desde então, a empresa registou 6,4 milhões de euros de proveitos, de janeiro de 2010 a setembro de 2012, por aplicação do referido acordo.

Este valor nunca foi pago à EDA e foi ocultado pelo governo regional, quando questionado sobre o assunto por escrito.

A norma que prevê a compensação à EDA, por este pagamento excessivo foi anulada em outubro de 2012.

Sabemos, por isso, que a EDA pagou à BENCON pelo fuelóleo para utilização na produção de energia elétrica, um valor muito superior, ao valor que foi aceite pelo regulador de 2009 a 2012. Uma verdadeira renda excessiva.

Ora, se 2009 a 2012 tivemos 6,4 milhões de euros de custo excessivo de fuelóleo que deriva do contrato ainda em vigor, de 2013 e 2021 podemos estar a falar, especulando, de mais de 20 milhões de euros.

Questionado por escrito, sobre esta matéria, o governo regional finge que não percebe as perguntas, esconde as informações e simplesmente não responde.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Já tinha feito esse requerimento no passado!

**O Orador:** Sra. Secretária, tem aqui a oportunidade de nos dizer qual é o valor que a EDA pagou acima do valor aceite pela erse, no seu regulamento tarifário, pelo fuelóleo?

Sra. Secretária, não vai fingir, mais uma vez, que não percebeu o que é que se está a perguntar. Tem aqui a oportunidade de deixar em pratos limpos esta história e de apresentar os números que eu não quero só uma resposta verbal.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Onde é que começa a história?

**Presidente:** Muito obrigado Sr. Deputado.

Para responder, tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado António Lima, o senhor disse tudo? O acordo foi feito em 2009. Talvez o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo hoje consiga responder a essa pergunta.

Foi revogado em 2012.

**Deputado António Lima (BE):** Não foi isso que eu perguntei!

**A Oradora:** A partir daí, não houve pagamentos. E se houve, foi com o Governo anterior. O conhecimento que eu tenho é de que não houve pagamentos até 2012 e não há pagamentos, por parte do Governo, a partir de 2012.

As contas da EDA, que é aquilo que para nós interessa, refletem os 6.5 milhões de euros. Perguntei à EDA o que se passava, foi elevado a imparidades, vai ser retirado do balanço. Esse valor não existe para a EDA.

**Deputado António Lima (BE):** Quanto é que pagou a mais de 2021 a 2021? É a isso é que tem que responder!

**A Oradora:** A partir daí, se o senhor deputado tem dúvidas sobre questões internas da EDA, tem a oportunidade de perguntar à EDA, de chamar a EDA à Assembleia Regional e de lhe fazer as perguntas.

Nós, o que temos conhecimento, como tutela, é das contas da empresa? As contas da empresa referem 6.5 milhões de euros levados a imparidades, vão ser retiradas do balanço. É essa a informação que a tutela tem e que a tutela tem que ter.

Se o Sr. Deputado quer mais detalhes sobre a contabilização de, seja o que for, dentro das contas da EDA, tem oportunidade de questionar e de perguntar diretamente ao Conselho de Administração da EDA.

Muito obrigada.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS. PP, PPM e Membros do Governo)*

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** O senhor devia estar preocupado é quanto é que recebeu a menos!

**Presidente:** Obrigado, Sra. Secretária Regional.

Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Freitas.

**(\*) Deputado Carlos Freitas (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente. Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Confesso, confesso que fiquei mesmo surpreendido com o conteúdo da intervenção da Sra. Deputada Sandra Dias Faria.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Já não é a primeira vez!

**O Orador:** Com os resultados obtidos na governação socialista, mas vamos a factos. No PO 2020 as grandes linhas orientadoras respeitantes ao crescimento sustentável na região, a nível energético, enquadravam-se nas orientações estratégicas da comissão europeia para o período temporal 2014-2020.



O Governo Regional de então traçou como metas a região ter a capacidade de produzir até 2020, a partir de energias renováveis, 53% em termos de produção de energias renováveis, na região. A verdade é que este valor ficou nos 38%, muito aquém do que tinha sido anunciado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS, PP, PPM e Membros do Governo)*

Importa salientar que tem um crescimento menos de 0,5% ao ano.

**Deputada Andreia Cardoso (PS): O senhor não esteve a ouvir a Sra. Secretária!? Teve que desligar, esteve offline até agora!**

**O Orador:** Mas, vamos a outro assunto, que já foi referido aqui e muito importante em termos de estratégia para as energias renováveis na região, que é o programa do Solenerge e do Proenergia. E, como disse a Sra. Secretária e muito bem, no que se refere ao Solenerge, que está a ser uma grande estratégia para a região, em termos de produção de energia elétrica. Está no âmbito do PRR e tem como incentivos financeiros a aquisição e instalação de sistemas solares fotovoltaicos a instalar na Região Autónoma dos Açores e comparticipa 100% das despesas elegíveis, até ao máximo de 1500 € por quilowatt instalado.

Este apoio encontra-se publicado no Decreto Legislativo Regional n.º 12/2022/A, de 25 de maio e regulamentado no Decreto Regulamentar regional n.º 17/2022/A, de 8 de setembro, destinado a pessoas singulares e coletivas.

Importa referir, que é mais um excelente iniciativa deste Governo Regional, neste caso concreto, com 2 grandes objetivos estratégicos, por um lado, reduzir as emissões de gases com efeito de estufa e, por outro, uma poupança a nível de faturação de eletricidade para as famílias e para as empresas por via do autoconsumo.

É verdade também que está alocada para este programa de incentivos, uma verba de 19 milhões de euros e também pretende-se aumentar a capacidade instalada na região, em cerca de 12,6 megawatts.

Gostava de salientar também, que mais uma vez, ...

**Presidente:** Agradeço que termine.

**O Orador:** Que para este Governo Regional, a palavra dada, é palavra honrada e refiro-me neste caso, ao sistema de incentivos, à produção e armazenamento de energia, mais concretamente ao Proenergia e a alteração que está a ser feita com o aumento da comparticipação dos sistemas de armazenamento, neste caso as baterias, que passam de 25 para 85%, como complemento àquelas situações que já foram adquiridas com os incentivos ao Solenerge.

E, neste sentido, gostaria de perguntar à Sra. Secretária e referente ao Proenergia e ao ano transato de 2021, qual o número de candidaturas que já foram efetuadas, o número de equipamentos e o valor em causa?

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS, PP, PPM e Membros do Governo)*

**Presidente:** Para responder, tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas. Faça favor.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Carlos Freitas, agradeço a pergunta, agradeço as referências feitas, julgo que temos todos que estar orgulhosos do trabalho realizado, e eu estou, e também não me importo, muitas vezes, de elogiar o trabalho feito pelos outros, embora a resposta seja exatamente o contrário e isso é uma grande diferença.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS. PP, PPM e Membros do Governo)*

**Vozes de alguns deputados das bancadas do PSD, CDS. PP, PPM e Governo:** Muito bem! Muito bem!

**A Oradora:** É uma grande diferença entre, nós reconhecemos o trabalho feito e nunca serem capazes de reconhecer o trabalho que nós fazemos.

É uma grande diferença de postura nesta Casa.

E, portanto, já estava para dizer isto há pouco e agora foi mesmo oportuno. Obrigada pelas suas palavras.

Em relação à questão que colocou, a alteração do Proenergia está agendada para discussão na Assembleia Legislativa Regional, tal como foi prometido quando se aprovou o Solenerge, que não contemplava baterias para que nos pudéssemos concentrar nas metas da produção de energia, que são muito rigorosas e impostas pelo PRR, nós considerámos aqui e fizemos questão de o dizer que

íamos alterar ou fazer uma proposta de alteração do Proenergia para abranger as baterias com uma majoração até 85%, que estivessem associadas a investimentos do Solenerge. É isso que está proposto, está na Assembleia, a Assembleia é soberana e, portanto, aguardemos a discussão e aprovação dessa alteração do decreto legislativo regional relacionado com o Proenergia.

Em relação às candidaturas, em 2021 tivemos 990 candidaturas, 850 mil euros de apoio, de um total de investimento de 2,5 milhões de euros.

Muito obrigada.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS. PP, PPM e Membros do Governo)*

**Vozes de alguns deputados das bancadas do PSD, CDS. PP, PPM e Governo:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Para colocar uma questão, tem a palavra o Senhor Deputado Rui Martins, faça o favor.

(\*) **Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito obrigado, Sr. Presidente. Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

A importância do planeamento da visão estratégica, no fundo da caracterização do ponto de partida e da identificação de oportunidades, do acompanhamento dos desenvolvimentos tecnológicos, até porque esse planeamento também tem que ter margem para ser dinâmico e, rapidamente, se adaptar àquilo que é o estado da arte da tecnologia e também para colmatar falhas no alcance de metas e previsões torna ainda mais importante este planeamento.

Efetivamente o sr. Deputado Nuno Barata já falou na questão da energia geotérmica e da identificação das ilhas com potencial geotérmico, que obviamente é preciso ter em conta que, uma coisa é o potencial geotérmico que a própria ilha pode ter, outra coisa é depois o investimento que isso acarreta e o custo benefício, porque também não é fácil haver partilha de energia entre as ilhas. Obviamente, aqui no triângulo já começam a existir soluções de partilha de energia, até no norte da Europa com cabos submarinos, mas obviamente estamos sempre a falar de investimentos muito avultados e que obviamente isso pesa imenso naquilo que são as decisões que são tomadas e, no fundo, a razoabilidade e viabilidade também dessas medidas.

Sra. Deputada Sandra Dias Faria também falou, eu estou a dizer porque estes dois deputados falaram efetivamente na estratégia açoriana da energia, que também, de certo modo, a Sra. Secretária já respondeu, em parte àquilo que eram as minhas questões, mas a Sra. Deputada Sandra Dias Faria também

falou com orgulho do facto do Partido Socialista ter delineado esta estratégia, que na realidade já foi esclarecido, que nem está aprovada e que, é uma estratégia que não saiu do papel ...

**Deputada Andreia Cardoso (PS): Não é verdade!**

**O Orador:** ... e que eventualmente não terá sido muito realista e, independentemente, dos prémios que tenham sido atribuídos pelo conceito ou pela conceptualização a anteriores responsáveis políticos, a realidade é que a estratégia, pelo menos naquilo que tinha sido delineado, não terá sido, pelo menos, realista.

E a pergunta que lhe faço é, no ponto de vista desta estratégia açoriana da energia, qual é que é o ponto de situação desta estratégia naquilo que concerne os objetivos que estavam definidos, mas sobretudo, e da implementação, mas sobretudo para perceber se aquilo que foi esta taxa atingida de penetração de energias renováveis de apenas 38%, se apenas se deveu ao facto de ter havido, como no Pico Vermelho, uma avaria e depois todos os constrangimentos que vieram das cadeias de distribuição, para arranjar componentes e tudo mais, ou seja, se esta falha no objetivo estipulado, se deveu única e exclusivamente a estas vicissitudes do sistema imprevistos imponderáveis, ou se, efetivamente, terá muito mais a ver também com um planeamento pouco razoável e que, de certo modo, estava a apontar para objetivos que não seriam propriamente atingíveis com aquilo que era o plano programado de investimentos e aquilo que era expectável também nas cadeias de abastecimento e fornecimento e, por sua vez, da implementação dessa estratégia.

**Presidente:** Agradeço que termine, Sr. Deputado.

**O Orador:** E termino assim.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Muito obrigado.

Para responder, tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, faça favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Rui Martins, eu queria, efetivamente, reiterar aqui que a estratégia não está aprovada. Para ser aprovada tem que ter uma resolução ou decreto regulamentar, um decreto legislativo regional, caso contrário não está aprovado.

Não foi aprovada e tem que ser revista, tem que ser vista por todas as razões que aí disse. Primeiro, porque não se cumpriu as metas que estavam estipuladas, desde logo pelo próprio governo anterior, porque não se cumpriu porque as metas foram um pouco irrealistas.

É evidente que agora pode-se dizer sempre, “não na altura em que foi feito, elas eram realistas. Na altura nós não sabemos quais eram as circunstâncias, agora, visto agora, eram mesmo irrealistas, porque com a quantidade de investimentos de energias renováveis existentes, com aquilo que estava projetado, com aquilo que se realizou, nunca mais conseguimos atingir esses níveis de redução que aqui estão de carbonização, de penetração de energias renováveis, de eficiência energética, é evidente.

Mas, de qualquer modo, eu não quero fazer juízos de valor sobre o trabalho que foi feito antes, ...

**Deputado Carlos Silva (PS): Já fez!**

**A Oradora:** ... certamente por técnicos, nem necessariamente pelos responsáveis políticos, por técnicos. Os responsáveis políticos é que depois têm que ter a perceção de, se aquilo que nos propõem cola ou não, se tem aderência com a realidade.

E é preciso ter aderência com a realidade para poder ser exequível, para se atingir as metas. E é por isso que ela tem que ser revista e tem que ser revista,

naturalmente, com as bases e com todos as matrizes que estão por detrás deste documento, mas com realismo, com adesão à realidade, com capacidade de podermos prever as metas que aqui colocámos.

Como disse, e isto no dia de hoje, é provável que cheguemos aos 61%, em 2026, que é o que está definido no programa do governo, com as energias renováveis existentes, com um investimento de renováveis previsto em cada uma das ilhas, com a produção descentralizada e incentivada pelo Solenerge e com investimentos privados que, neste momento, se começam a perceber que o mercado pode ter capacidade de absorver esses investimentos

**Deputado Paulo Estevão (PPM): Muito bem!**

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS. PP, PPM e Membros do Governo)*

E nós com vontade de corresponder, tal como correspondemos na Graciosa e em outros sítios, incentivar a entrada de novos produtores para apoiar este aumento de produção de energia renovável.

Sendo assim, com tudo isto conjugado e com os dados que temos hoje, essa meta é realista. Que isto é dinâmico, como disse e muito bem, é absolutamente dinâmico e dinâmico no consumo, que em épocas de crise se pode retrain, é dinâmico na oferta porque pode não conseguir o fornecimento dos equipamentos para realizar os investimentos que têm previstos, porque nós estamos a viver uma conjuntura internacional de grande instabilidade, que dificilmente se consegue perceber sequer (e a gente viu ISTO, nos rent a car, este Verão), não há possibilidade de entrega de equipamentos, a nível Internacional.

Portanto, todas estas dificuldades têm que ser sempre ponderadas. Aprovaremos uma nova estratégia com metas e teremos a capacidade de

monitorizar isso, permanentemente, e fazer a revisão sempre que isso se justificar.

Muito obrigada.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP): Muito bem!**

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS, PP, PPM e Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigado, Sra. Secretária Regional.

Tem a palavra agora o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito obrigado, Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Vice-presidente e Membros do Governo:

Extraordinário, Sra. Secretária, 60%, mais de 60% em 2026! Isso é um número extraordinário, em termos de energias renováveis.

É um novo mundo verdadeiramente. Eu estava aqui a ouvir o debate e estava a lembrar-me de quando o Corvo era a única ilha que não entrava neste clube, em que não tinha energias renováveis. Apresentei aqui iniciativas no final da Legislatura passada, em relação a esta matéria e, Sra. Secretária, hoje, o Corvo, nesta Legislatura, começou a produzir também energias renováveis.

Mas mais do que isso, o que aí vem é uma autêntica revolução, nos Açores, como já se viu em termos de energias renováveis e na ilha do Corvo, na abandonada ilha do Corvo, durante tantos anos em termos de renováveis.

Sra. Secretária, a pergunta que lhe tenho para fazer é, em relação ao parque eólico, o que foi concurso, é nada mais, nada menos do que parque eólico da ilha do Corvo, um valor de procedimento de 3 milhões 840 mil euros. O que eu lhe pergunto é um valor muito significativo, perto dos 4 milhões de euros, o que irá permitir dar uma autonomia enorme à ilha do Corvo e, portanto, também assim dar um contributo nesse número espantoso que se pretende atingir em 2026, em relação às renováveis. O que lhe pergunto é, como é que



está este processo? Que novidades temos em relação a este processo? em relação ao processo concursal e em relação à execução da obra? Que esta obra irá permitir, de facto, que uma ilha que esteve durante décadas abandonada, abandonada do ponto de vista das renováveis e muito mais coisas, em muito mais áreas, mas agora estamos aqui a discutir as renováveis. O que lhe pergunto é na descrição deste processo, em que fase é que se encontra este procedimento.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS. PP, PPM e Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Para responder, tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Paulo Estêvão, agradeço a pergunta e, voltando um pouco atrás, gostaria de lembrar e referir à Câmara que entrou em exploração no primeiro trimestre deste ano de 2022, o parque fotovoltaico da ilha do Corvo, com uma potência de 75 quilowatts. E está previsto, em 2023, a ampliação para 150 quilowatts.

Portanto, em termos de parque fotovoltaico, temos uma situação extremamente confortável, já neste momento, que duplicará no próximo ano. Em relação ao parque eólico, com 7 geradores de 100 quilowatts cada, de potência unitária, hoje, estamos, neste momento, como disse e bem a EDA está com este processo a decorrer e o valor de investimento também já foi

aqui referido e, portanto, em 2023, seguramente será instalado este parque eólico com 7 geradores, 700 quilowatts de potência.

Isto permitirá atingir 50% de energia renovável na ilha do Corvo. Muito obrigada.

**Deputado Paulo Estevão (PPM): Muito bem!**

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS. PP, PPM e Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

A Mesa não tem mais inscrições, no âmbito da primeira pergunta do segundo objeto.

Vamos então avançar para a segunda pergunta do segundo objeto. Dou a palavra ao Sr. Deputado Pedro Neves, faça favor.

(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Muito obrigado, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Relativamente à mitigação do impacto da crise energética e estamos a falar, obviamente de qual é a estratégia regional e tendo em conta o plano em que nós vivemos, neste preciso momento, que é um pouco diferente daquilo que nós tínhamos do ano passado e há muita coisa que mudou, obviamente, relativamente à nossa estratégia, tanto de produção de energia renovável, bem como do seu próprio armazenamento. E isto, só um parte, espero que no Corvo a capacidade de armazenamento seja bem acentuada, porque se não, são quase 1000kw que não são aproveitados porque nós não podemos injetar na rede diretamente dessa forma em 24 horas. Mas, vamos esperar que corra bem, Sr. Deputado Paulo Estêvão, que a gente consiga, pelo menos fazer um aproveitamento da energia que nós vamos conseguir produzir no Corvo.

Reconversão da produção, neste caso, a reconversão da produção, isto é algo da União Europeia, ver se os países que estão a entrar ou veemente medidas

de mitigação, sem necessidade de investimento, além das que são obrigatoriamente ser necessário estar em orçamentos de Estado e regionais, eu pergunto qual é a estratégia do Governo, tendo em conta o plano em nós vivemos agora, tenda em conta que nós estamos a ter medidas de mitigação, neste caso, pedir à sociedade para restringir um pouco e não ter um desperdício energético que nós temos, obviamente, é cultural, qual é o plano do governo de medidas de mitigação sem investimento?

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado Sr. Deputado.

Para responder, tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas. Faça o favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Pedro Neves, voltando um pouco à questão da ilha do Corvo, todas as ilhas têm previsto investimentos em baterias e, portanto, também o Corvo e, nesse aspeto, isso dá-nos uma grande tranquilidade, relativamente não só a estabilização da rede, como também à utilização, o mais próxima possível dos 100%, de toda a energia renovável produzida.

Em relação ao plano de mitigação, não percebi se já entrámos na última questão, mas também para mim é mais ou menos indiferente, a questão que nós colocamos aqui e já ela foi falada é que a Região Autónoma dos Açores, felizmente, está um pouco defendida de toda essa situação que se vive a nível nacional e a nível europeu, pelo facto de não estar dependente de gás natural. Tem apenas uma dependência de gás butano, como já referi que, tendencialmente, passará pela eletrificação dos consumos domésticos, cada vez com maior intensidade e, portanto, deixar de estar ligado à utilização de gás butano e, portanto, o plano nacional de poupança de energia não tem

grande sentido na Região Autónoma dos Açores e, por isso mesmo, é que não foi adotado.

E não foi adotado porque ele está muito orientado, obviamente para o gás natural e nós não temos esse tipo de energia, aqui nos Açores, mas tem reduções de iluminação pública à noite e apagar as montras e necessidades de redução durante a noite, quando nós, na verdade, durante a noite temos uma enorme produção de energia excedentária às horas que predomina isso, que são as horas de vazio na nossa atividade económica. O teletrabalho também não nos pareceu que trouxesse grandes poupanças de energia depois de toda a crise pandémica que se viveu, não houve efeitos a esse a esse nível, a substituição de lâmpadas de iluminação pública por LED é um processo que está em curso através da empresa eletricidade dos Açores, que é a nossa empresa concessionária de produção e transporte e distribuição de eletricidade e, portanto, também de fornecimento e de iluminação pública.

A poupança direcionada aos serviços públicos é uma preocupação permanente. Nós temos um programa de eficiência na administração pública, já há vários anos que continua em vigor com a auditorias, com relatórios periódicos, que têm que ser feitos pela própria administração pública, com vista à introdução de, uma cada

vez maior, eficiência energética na administração pública e, portanto, foi um plano muito orientado para aquilo que são as necessidades nacionais e que nos diz pouco, do ponto de vista da eficiência energética.

Isso não quer dizer que nós não possamos tomar medidas, se verificarmos que elas são necessárias, pontualmente, e para isso estamos abertos a todos os contributos, desde logo da própria Assembleia Regional, nesse sentido.

Nós estamos orientados é para as ações de sensibilização, que aqui já foram referidas, 75 ações de sensibilização, algumas ao abrigo do programa LIFE IP climaz, mas também, 40 delas, ao abrigo de um protocolo estabelecido com a ADENE, Empresa Nacional de Energia, para durante largos meses e ao longo

de 22 e 23, podermos chegar a todos os consumidores, de todas as ilhas, de todos os municípios, procurando alterar hábitos de consumo, com vista a uma maior eficiência energética. Portanto, a nossa aposta fundamentalmente é na eficiência energética ...

**Deputado Joao Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** ... e na penetração de fontes de energia renováveis, na aprovação e na revisão das metas do próprio plano de mobilidade, mas incentivá-lo a se cumprir com a maior velocidade possível, com os sistemas Proenergia e Solenerge, com vista a reduzir o consumo das famílias para autoconsumo por energias renováveis e reduzir também, como aqui já foi referido, a fatura de energia em cada uma das famílias e, portanto, através deste plano de introdução de todas estas medidas e com as ações de sensibilização, nós estamos em crer que conseguimos, se a crise não se acentuar muitíssimo, neste momento, é o que nós consideramos adequado. Se se acentuar, se considerar necessário, como dizia há pouco, ...

**Presidente:** Agradeço que termine.

**A Oradora:** ... é um processo dinâmico, uma realidade dinâmica e nós estaremos sempre prontos e abertos para aceitar todas as sugestões.

Aliás, devo dizer que, de alguma maneira, também um projeto de decreto legislativo que é subscrito também pelo PAN, tem algumas medidas nesse sentido, que nós estamos prontos a aceitar e a considerar, dentro de um de uma análise, toda ela de conjunto, do próprio diploma.

Muito obrigada.

**Deputado Joao Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS. PP, PPM e Membros do Governo)*

**Presidente:** Atingimos a nossa hora regimental, vamos fazer o nosso intervalo para o almoço e damos continuidade depois.

*(Aparte inaudível do Deputado Pedro Neves)*

Se ninguém se ninguém se opõe que se faça a réplica e a resposta da Senhora Secretária, eu não me oponho.

Sr. Deputado Pedro Neves, faça favor.

(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Sr. Presidente, Sras. e Senhores Deputados, Membros do Governo:

Muito obrigado por esta oportunidade. E era só mesmo para ter o mesmo enquadramento, porque obviamente daqui a duas horas não tinha qualquer nexos.

Sobre a mitigação, isto foi previsto pela Rede Europeia de Energia., não é apenas sobre gás, Sra. Secretária, tem a ver com a eletricidade, tem a ver com água. Neste caso, nós falamos em termos de energia, seria sobre eletricidade e sobre o gás, mas nós não somos tão dependentes do gás, mas somos extremamente dependentes, em termos de fuelóleo, que continua a ser a grande fatia da nossa produção elétrica e por isso essa mitigação tem a ver, obviamente, com a iluminação, tem a ver com climatização nos edifícios da administração pública e era essa a mitigação que eu estava à espera da parte do Governo, não em termos de gás, mas e basta olhar para os combustíveis. Os combustíveis estão a subir nos Açores, por isso é energia e é qual era a mitigação feita pelo governo, mas muito obrigado pela resposta.

**Presidente:** Para responder, tem a palavra a Senhora Secretária Regional do Turismo.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Pedro Neves, obviamente, que eu quando digo que nós não estamos dependentes do gás natural, é que não estamos dependentes do gás natural para a produção de eletricidade, porque essa é que é a grande questão que se coloca na Europa e a grande questão que se coloca a nível nacional. É, além de estarem, e essa é uma vantagem, ligados entre si na rede transeuropeia de eletricidade, estão muito dependentes dos gasodutos que ligavam a Rússia à Europa e isso não só incrementou o preço, como reduziu a produção e, portanto, quando se trata de mitigação, mais do que combater o preço, é combater a falta de gás e o problema do abastecimento do gás na Europa, hoje, é que é o grande problema, porque a inflação e o problema dos aumentos de preços são decorrentes da guerra, mas são fundamentalmente decorrentes de toda a situação económica que se vive atualmente. Mas, a nível do aprovisionamento de gás há um problema mesmo de escassez e portanto, quando eu me refiro a gás, refiro-me nós não estamos tão dependentes, infelizmente, dessa situação de escassez de fornecimento de gás natural para produção de eletricidade. Estamos, obviamente, dependentes ainda de produção de energia térmica. Felizmente, o fuel, o gasóleo e a gasolina não vêm da Rússia, mas mesmo a preços superiores, nós não estamos nos estamos a debater com problema de escassez e, portanto, nesse sentido, e que me refiro que este é processo dinâmico, estamos atentos e estamos sempre prontos a criar algum plano.

Neste momento há um plano, como eu referi também, para a administração pública, de eficiência energética. Há muitas ações com vista à eficiência energética, que eu também aqui elenquei. Se isso não for suficiente, estamos cá para tomar medidas, nesse caso, talvez um pouco mais drásticas, mas se forem necessárias, terão que ser tomadas.

Muito obrigada.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS. PP, PPM e Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional,.

Damos continuidade a esta sessão de perguntas a seguir ao almoço, ainda nos faltam cerca de 44 minutos.

*Eram 13 horas e 05 minutos.*

**Presidente:** Muito boa tarde, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo.

*Eram 15 horas e 04 minutos,*

Vamos dar continuidade à Sessão de Perguntas, informando a Câmara que estamos no âmbito, a pergunta colocada pelo Sr. Deputado Pedro Neves, a última pergunta, já foi no âmbito do terceiro objeto e, portanto, nós vamos ...

**Deputado António Lima (BE):** Sr. Presidente, peço desculpa, mas isso não foi anunciado!

**Presidente:** Sim, é verdade, ele não foi anunciado, mas eu certifiquei-me agora com o Sr. Deputado e ele colocou a questão no âmbito do mitigação do impacto da crise energética.

É verdade, eu estou lhe dizer, Senhor Deputado, não foi anunciado, mas eu confirmei agora que o Sr. Deputado Pedro Neves, que era essa a intenção dele.

**Deputada Ana Luís (PS):** Mas tem de ser anunciado!

**Deputado António Lima (BE):** Muda-se de objeto sem anunciar?



**Presidente:** Portanto, vamos dar continuidade ao debate.

Sr. Deputado Pedro Neves, vamos recuar um pouco.

Vamos passar à segunda pergunta do objeto segundo e o Sr. Deputado António Lima estava escrito.

(\*) **Deputado António Lima (BE):** Muito obrigado, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Eu apenas queria dizer sobre esta matéria, sobre a questão dos objetos que eu tinha-me inscrito logo a seguir ao Sr. Deputado Pedro Neves ter feito a segunda pergunta, do segundo objeto e, naturalmente, era para intervir no âmbito do segundo objeto e não foi anunciado uma mudança de objeto. Por isso, julgo eu, que não poderá ser alterado sem esse anúncio.

Eu registo, voltando um pouco atrás e antes de colocar uma segunda pergunta, registo a resposta da Sra. Secretária à questão que coloquei há pouco, e a Senhora Secretária sendo uma governante experiente, talvez a mais experiente que aqui está, percebi a mensagem e assim, uma vez que a Senhora Secretária não quer responder à pergunta, nós iremos naturalmente apresentar um requerimento à Comissão para chamar o Sr. Presidente da Administração da EDA para prestar as respostas às perguntas que colocamos hoje e às perguntas que já colocamos anteriormente. Se delega essa responsabilidade na EDA e na sua administração, assim o faremos.

Sra. Secretária, os Açores estagnaram na produção de energia renovável nos últimos anos e estão muito abaixo da produção nacional. Estamos a falar de 64% de energia fóssil no primeiro semestre de 2022 e que compara muito mal com os 40% no continente, mesmo considerando aqueles que são os constrangimentos da nossa realidade arquipelágica e insular.

Estão em curso, como é sabido, já foram aqui anunciados, avultados, investimentos de aquisição de sistemas de baterias financiadas pelo plano de recuperação e resiliência, projeto esse que já tinha sido anteriormente posto

em prática, ou pelo menos anunciado, e que a EDA financia agora através do PRR.

A EDA pretende instalar sistemas de armazenamento de energia elétrica também em todas as ilhas, e não apenas em São Miguel e Terceira, como já tinha sido previamente decidido no seu plano de investimento. Isso para garantir, como é sabido, e aumentar a capacidade de integração de energia renovável.

Recentemente, o administrador da EDA renováveis, Professor Félix Rodrigues, referiu, numa entrevista a um órgão de comunicação social que, em julho de 2022, que as baterias não servem como sistema de armazenamento, embora o projeto que esteja anunciado pelo PRR seja para armazenamento.

E diz o administrador da EDA renováveis, que por esse motivo se está a pensar em construir uma central hídrica reversível na ilha de São Miguel.

Este projeto, que é um projeto antigo, ...

**Presidente:** Agradeço que termine, Sr. Deputado.

**O Orador:** Termina já, Sr. Presidente.

... foi abandonado em 2017, por não ter tido acolhimento pela Direção Regional do Ambiente, segundo aquilo que foi noticiado à data.

O Governo Regional, também, num documento designado pelo Relatório Sustentabilidade 2022, refere que vai reformular o projeto da central hídrica reversível.

Sra. Secretária, aquilo que eu gostaria que me respondesse era, se isto corresponde à verdade, se o governo e a EDA vão retomar este projeto e, se sim, onde e com que estudo de impacto ambiental e que características é que tem este projeto? É que, se o primeiro foi chumbado pelo ambiente por questões ambientais, gostaria que me explicasse onde é que vai construir esta central.

Muito obrigado.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** É uma sessão de perguntas à EDA?

**Presidente:** Muito obrigado Sr. Deputado.

Tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo para responder, faça o favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado António Lima, relativamente à questão das baterias, e vamos primeiro a essa parte, obviamente, que não é apenas para armazenagem, é também para armazenagem, também para a estabilização da rede, como é óbvio. Portanto, as baterias servem para estabilização da rede e também para armazenagem. Certamente dentro de determinados limites, dos limites da sua instalação. Portanto, são, digamos, de abastecimento rápido para compensação e para storage, em termos rápidos.

Vamos à questão da hídrica reversível. Que eu saiba se está tudo em estudo, aliás, está em estudo em São Miguel, está em estudo há muitos anos no Pico também, em relação à Lagoa do Paul, são projetos que a EDA tem, que está a estudar, que está a trabalhar tecnicamente, que nós não temos conhecimento ao detalhe de como é que estão esses projetos.

**Deputado António Lima (BE):** O Governo diz que tem!

**A Oradora:** O que eu lhe referi aqui foram os investimentos renováveis e os 180 milhões de euros que lhe referi, por ilha, são aqueles que estão aqui elencados, são aqueles que estão previstos, que estão aprovados, estão no plano de investimentos até 2026. Tudo o mais que possa ter em estudo, seja ao nível da hídrica, seja ao nível de qualquer outro tipo de combustível renovável ou de energia renovável, nós temos que respeitar o tempo de maturação desses investimentos.

E, portanto, o que lhe posso dizer é que em Santa Maria estão previstos aerogeradores, e o parque fotovoltaico com ampliação.

Em São Miguel geotérmica era o geradores e parque fotovoltaico. Portanto, não está cá nada de hídrica.

Terceira, central geotérmica do Pico Alto.

São Jorge, aerogeradores e parque fotovoltaico.

Pico, aerogeradores, parque fotovoltaico do Pico. Também não está cá, ainda, nenhum projeto de energia hídrica reversível.

Aerogeradores no Faial e parque fotovoltaico no Faial.

Aerogerador nas Flores, parque fotovoltaico das Flores, aproveitamento hidroelétrico da Ribeira grande. Nas Flores a hídrica já existe.

Corvo aerogeradores do Corvo, parque fotovoltaico do Corvo, em termos também de ampliação do que já existe.

Estes são os investimentos que fazem parte e que estão aprovados para 22/26.

Todos os outros projetos que possam existir, que estejam a ser maturados, que estejam a ser generalizados, que sejam estudados, pois é natural que a EDA tenha muitos outros projetos em apreciação, mas sobre isso, nós não nos podemos pronunciar, só nos podemos pronunciar sobre documentos aprovados.

Obrigada.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigado, Sra. Secretária Regional.

Para uma interpelação, tem a palavra o Sr. Deputado António Lima.

**Deputado António Lima (BE):** Sr. Presidente, eu vou pedir para fazer chegar à Mesa, para ser distribuído pela Câmara um documento que é um relatório do Governo Regional que se chama relatório de sustentabilidade 2022, que refere como uma das ações a desenvolver pelo Governo, a reformulação do projeto em que será desenvolvido um estudo ...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Um projeto com estudo!

**O Orador:** ...para a instalação de uma central hídrica reversível nas Furnas, em São Miguel. Ou seja, é o próprio Governo Regional que inscreve esta

ação num relatório, que designa por relatório de sustentabilidade e que não é apenas uma intenção da EDA, é uma intenção do Governo Regional.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado. Assim que a Mesa rececionar o documento, ele será distribuído pelas Sras. e Srs. Deputados.

Está inscrito o Sr. Deputado José Eduardo, a quem deu a palavra faça o favor, Sr. Deputado.

(\*) **Deputado José Gabriel Eduardo (PS):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A ilha das Flores, ao nível da produção de energia elétrica, tem vindo a dar passos importantes, tendo aumentado cerca de 46% em 2018, para cerca de 55% em 2019 a produção a partir de fontes renováveis.

Foram alcançados resultados extraordinários de integração de fontes de energias renováveis, com um contributo da energia eólica que rondou os 6% e da energia hídrica, com cerca de 49% do total da produção desta ilha.

Este é um marco importante para esta ilha, rumo à sua sustentabilidade energética.

Este caminho tem sido percorrido em função da atenção que foi dedicada pela EDA e pelos governos do Partido Socialista, que decidiram, e bem, investimentos numa área que pode colocar as Flores como ilha referência, podendo ainda, e a serem concretizados outros que estão previstos, que a penetração em renováveis na ilha possa atingir os 87% em 2025. Para tal, será necessário que os investimentos previstos não sejam adiados e que se cumpram os cronogramas e os planos de investimento.

E estava e está programado no plano plurianual da EDA, para o ano de 2022, para a ilha das Flores, a instalação de um parque fotovoltaico de 200 quilowatts e a remodelação do parque eólico, substituindo as duas torres existentes de 300 quilowatts, por uma de 900 quilowatts. Analisando o cronograma, e espero que este não seja mais um papel que aceita tudo, como

disse há pouco, estes investimentos, para 2022, e com as informações que disponho e pelo tempo que resta do ano 2022, temo que este governo volte a adiar investimentos na ilha das Flores e temo que a Sra. Secretária, no que diz respeito à ilha das Flores, nos voltar a deixar para trás, como em 1995, no caso da ligação ao cabo fibra ótica, bem como em relação aos últimos anúncios de investimentos nas últimas duas obras emblemáticas e estruturantes das Flores, os nossos portos, que vão sendo adiados de trimestre em trimestre e espero que inverta essa sua demanda, em detrimento das Flores e dos florentinos e não adie os investimentos numa área que têm tudo para colocar as Flores como o grande exemplo regional.

Os florentinos não sentem confiança neste governo e sentem que estamos a ficar para trás.

**Deputado Gustavo Alves (PPM):** Não apoiado!

**O Orador:** Por isto, pergunto, qual a razão para o abandono dos investimentos que referi previstos para 2022? E repito, a substituição do aerogerador e a instalação do parque fotovoltaico, que até à data, ainda não foram concretizados.

Obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra para responder a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Senhor Deputado, devo dizer que tudo aquilo que referiu corresponde exatamente àquilo que é a intenção de investimento por parte da EDA e aquilo que é, obviamente, corroborado pelo Governo.

Prevê-se a instalação de um parque fotovoltaico de 200 quilowatts, em 2022 e a remodelação do parque eólico, substituindo duas torres de 300 quilowatts, por uma de 900 quilowatts, no ano de 2024. Prevê-se também que em 2024 se arranque com o projeto de aproveitamento hidroelétrico da Ribeira Grande, com uma potência total de 5.6 MB Watts.

Este é o plano de investimentos da EDA. Este é o plano com que a EDA se compromete, salvo alguma situação de imprevisto e também já aqui referimos que a conjuntura internacional tem influenciado na entrega de equipamentos.

Em todas as empreitadas, em todos os setores de atividade e este não é exceção e isso é um fator exógeno, não depende da vontade de ninguém. E, portanto, nem é particular da ilha das Flores, é geral para a região, para o país, infelizmente, até para a Europa e, portanto, esta é a programação e esta programação é para ser cumprida e nós estamos cá para exercer o nosso poder de tutela, que é o que nós somos. A partir daí, os senhores terão razão, acho que enquanto não se estiver a cumprir ou em incumprimento, este plano, não há grande razão para estarem preocupados.

Outra questão, já que trouxe aqui à colação, a questão dos investimentos na ilha das Flores.

Ó Sr. Deputado, está pronta a ponte cais, está ou não está?

**Deputado Carlos Silva (PS):** Qual foi a sua ação na ponte cais?

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** Está pronta a ponte cais e, portanto, aquilo que é essencial para garantir o abastecimento à ilha das Flores está concluído.

Portos levam anos a fazer! Levam anos com este Governo. como levaram anos e anos com o vosso Governo!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

Não são obras de fazer em cima do joelho.

**Deputado Gustavo Alves (PPM):** E a manutenção!

**A Oradora:** E a última coisa que nós queremos é que se incuta a ideia de que estão a ficar para trás. Eu peço imensa desculpa, mas este Governo não deixa nenhuma ilha para trás! Nenhuma!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

E muito menos a ilha das Flores, porque a ilha das Flores tem o maior investimento que existe à face da Terra, neste momento, ...

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Tem porque tem que ter!

**A Oradora:** ... em relação em relação ao plano de investimentos da Região Autónoma dos Açores. E, portanto, não tem nenhuma razão!

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Até parece que é uma esmola! Tem porque tem que ter!

**A Oradora:** Está ou não está concluída a ponte cais? Está concluída!

Então nós estamos a cumprir o cronograma que está previsto porque o senhor sabe, desde o dia 19 de julho, em que eu fui às Flores fazer a apresentação do Porto das Lajes das Flores, apresentámos também o cronograma e esse cronograma aponta para 2028, porque são projetos complexos e se nós formos a fazer essa análise, todos os portos tiveram esse tipo de cronogramas.



A ponte cais, para o abastecimento das Flores, está pronta e isso é que interessa.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Pergunto se há mais inscrições no âmbito desta segunda pergunta, do segundo objeto?

*(Pausa)*

Sr. Deputado Paulo Estêvão, faça o favor.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Bem, eu penso que há críticas e críticas e, obviamente, ao contrário do que muitos deputados do Partido Socialista defenderam nas legislaturas anteriores, o Governo não tem sempre razão. Evidentemente que há matérias em que temos

maior êxito em matérias em que não o temos ou temos em menor, temos com menor eficácia.

Portanto, é normal, ninguém faz tudo bem, mas esta intervenção sobre as Flores é surrealista e sobre o grupo Ocidental. Então no Corvo zero renováveis durante os 24 anos do vosso governo zero, este é o número, zero.

Em relação em relação às Flores, os números das renováveis em 2021 são de 59,8% nas renováveis. E o senhor diz que as Flores está a ficar para trás. Não se compreende, ainda por cima e eu quero e a pergunta que eu faço à Sra. Secretária com os investimentos que estão planeados para a ilha das Flores, em 2026, a informação que eu tenho é que, se atingirá 80% da produção através de renováveis.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

E está a ficar para trás? Não, está é a ficar à frente de todas as outras ilhas nos Açores!

Sra. Secretária, gostaria que me confirmasse este número.

**Deputado Carlos Freitas (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado. Tem a palavra a Sra. Secretária.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado, Paulo Estêvão, tem toda a razão. Aliás, o próprio Sr. Deputado sabe que tem razão, afirmou do lado de lá, que tem razão, é evidente.

Além disso, eu quero evidenciar aqui que a ilha com maior penetração é, sem dúvida, a ilha Graciosa, mas a segunda ilha é a ilha das Flores! Então está a ficar para trás onde?

**Deputado Carlos Silva (PS):** Isso é a estratégia do Governo?

**A Oradora:** É a segunda, com maior penetração de energias renováveis, neste momento!

Portanto, a sua pergunta já passou. Vou responder ao Sr. Deputado Paulo Estêvão. O Sr. Deputado Paulo Estêvão levantou a questão, e eu estou a confirmar, não só que é verdade, como neste preciso momento, a ilha das Flores é a segunda ilha com mais energias renováveis, essa é que é a questão, neste momento.

Muito obrigada, Sr. Presidente.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

A Mesa não tem mais inscrições, no âmbito da segunda pergunta deste objeto.

Sr. Deputado Pedro Neves, agora sim, podemos avançar para a mitigação do impacto da crise energética, faz favor.

(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sra. Secretária, há pouco nós falamos sobre as medidas de mitigação. Vou falar um pouco mais alto, por acaso também estou com dificuldade, hoje, de ouvir algumas pessoas, nomeadamente a Sra. Secretário, não percebo porquê, mas está a acontecer.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Olhe, o Barata ouve tudo o que eu digo!

**O Orador:** A acústica, hoje não está ... deve ser da pressão atmosférica. Não é uma brincadeira, estou a falar a sério, estou com dificuldade e a Sra. Secretária também.

Nós falamos sobre as medidas de mitigação, sem necessidade de investimento, há pouco, antes do almoço. E, neste caso, a Sra. Secretária disse, nós estamos bem, nós não temos dependência do gás, correto e supostamente o fuelóleo nem precisamos, não há sequer um hecatombe em termos de valor do petróleo, a nível mundial, por isso não vamos ter qualquer problema. Eu estou a usar ironia, Senhora Secretária.

Agora vou falar das medidas de mitigação, neste caso, com a necessidade de investimento e algo que poderá ser extremamente importante para o Governo Regional, para os Açores, porquê? Porque nós precisamos de métricas, nós precisamos de medição, precisamos, obviamente, que haja uma monitorização daquilo que nós gastamos e, nomeadamente, a administração pública.

Eu falo mais uma vez, falamos da Rede Europeia de Energia. Isto é uma medida que está especificada e, por exemplo, Grécia e Espanha vão já fazer e que é a plataforma digital para monitorizar a poupança de energia dentro da administração pública, que nós sabemos que é uma grande fatia do consumo de energia na Região Autónoma dos Açores e eu pergunto, se a Sra. Secretária está pronta para nós termos essa monitorização, que sem dúvida, vai mitigar o nosso consumo de energia e, neste caso, que vai ajudar para a nossa transição energética, que tanto precisamos?

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra a Sra. Secretária Regional de Turismo para responder, faça favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Senhor Deputado Pedro Neves, em relação à questão da monitorização e do programa de eficiência energética na administração, não estamos no ponto zero, já existe um programa de eficiência energética e, conseqüentemente, de poupança na administração pública, e esse programa prevê gestores de energias, gestores de eficiência energética, relatórios trimestrais e auditorias.

Isso já existe, vão-me dizer que não é suficiente, podemos fazer mais, podemos sempre fazer mais, mas eu gostava de deixar bem claro que já existe este programa de eficiência energética na administração pública com pessoas nomeadas nos diferentes edifícios, nos diferentes departamentos, nas câmaras municipais, para fazer relatórios trimestrais e fazer auditorias.

E, portanto, essa situação já existe. Podemos e estamos disponíveis para ir mais longe, já lhe disse na última intervenção que estamos disponíveis, inclusivamente, para através da dinâmica que se vai gerando nos comportamentos da oferta e da procura, podermos ter outro tipo de medidas,

ir mais longe, estamos sempre disponíveis para isso. Quero-lhe dizer isso com toda a frontalidade, não tenho qualquer dificuldade e acho até mesmo saudável que haja a participação de todos. Agora, neste momento, dadas as circunstâncias e dado o plano nacional que foi apresentado, também tendo em conta isso, o plano nacional não era um plano ajustado à nossa realidade e, por isso, não o adotamos.

Considerando nosso nível de penetração de energias renováveis, considerando todo o processo de eficiência energética que está em curso, os investimentos que estão em curso, as ações, sensibilização que também estão em curso e que vão continuar. Estamos a monitorizar a situação, porque se for necessário criar um plano de poupança energética em concreto, adaptado à nossa realidade, fá-lo-emos, sem qualquer dificuldade. Adotar o nacional é que não nos pareceu adequado porque o contexto é completamente diferente e a matriz energética nacional é completamente diferente da nossa.

Mas, estamos absolutamente disponíveis para irmos por esse caminho. Tudo o que for controlar, tudo o que for monitorizar, tudo o que for poupar energia, naturalmente, que isso é o que todos nós desejamos, e o Governo é o primeiro a desejar que isso aconteça.

E, portanto, estamos cá para essa realidade, logo que se considere adequada e necessária.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Sr. Deputado Pedro Neves, para a réplica, faz favor,

(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sra. Secretária, eu sei que sei duas coisas: primeiro, que o plano português não é adequado para a Região Autónoma dos Açores, tanto que, não há sequer plano de Portugal, relativamente a esta medida específica porque não entrou sequer.

Também sei que nós temos um plano relativamente às auditorias da transição energética que nós precisamos dentro da administração pública, sei disso. Esta medida é, neste caso, é usando a transição digital com a transição energética. Neste caso, é uma plataforma digital, dentro do Internet das coisas que faz a monitorização logo, in loco, sobre o nosso consumo e da forma como nós podemos reduzir in loco, no momento, sobre a administração pública. Temos neste caso, uma plataforma um pouco mais reduzida do que no continente. É isso que eu estava a dizer que podemos ter essa capacidade e se o governo estava, pelo menos, com abertura para fazer isso, porque isso, sem dúvida e o Sr. Secretário do Ambiente sabe, ajuda imenso neste caso, para a mitigação do consumo de energia.

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado.

Tem a palavra a Sra. Secretária Regional para responder, faça favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Senhor Deputado Pedro Neves, nesse aspeto, estamos de acordo, ou seja, o plano nacional não se adequa. Mas, até vamos mais à frente, porque já temos este plano de monitorização sobre a eficiência energética na administração pública.

Aperfeiçoar o modelo que está instituído e encontrar novas métricas e tentar compatibilizar tudo isso de maneira que o resultado final seja mais objetivo na gestão do sistema, estamos todos de acordo.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Estão abertas as inscrições, ou continuam abertas as inscrições no âmbito deste terceiro objeto.

Sra. Deputada Sandra Dias Faria, faça o favor, tem a palavra.

(\*) **Deputada Sandra Faria (PS):** Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

No seguimento do que foi agora aqui exposto, quer pelo Sr. Deputado Pedro Neves, quer pela Sra. Secretária, fazer menção de que as intenções e o estar aberto para fazer melhor, todos nós - creio eu - a partir do momento em que assumimos os cargos que assumimos, não poderá ser de outra forma.

A questão aqui é, efetivamente, fazer. Nós, neste momento, na região temos meios e recursos financeiros, como nunca tivemos antes e temos um contexto de subida generalizada dos preços, que deve ser aproveitado para sensibilizar as pessoas para a transição energética e ganhar espaço na adoção dessa transição.

E, portanto, Sra. Secretária, já falou do plano de poupança de energia nacional que não tem aplicação e, nas palavras da Sra. Diretora Regional, ainda a 30 de setembro, não tem aplicação direta na região pelas suas especificidades, a questão que se coloca é que, não servindo este plano para a região, por estas razões, espera-se que o governo regional crie alternativas. É para isso que serve o governo regional e, portanto, a resignação e o desejo, a intenção, não são as respostas que a região precisa.

E, portanto, atendendo a isso, a questão que se coloca é efetivamente, o porquê de, em matéria de poupança, o que existe é o que vem do Governo do PS, no atual contexto em que se exigem medidas adicionais capazes de ajudar as famílias, o porquê de não haver medidas mais robustas, o porquê de não se fazer nada.

Por exemplo, em relação ao sistema energético, em concreto, no que diz respeito ao preço da fatura de eletricidade e gás, portanto, a abertura para se fazer melhor, todos nós esperamos que haja, efetivamente, queremos respostas.

Quais são, Sra. Secretária?

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Deputada.

Para responder tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas. Faça o favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sra. Deputada, Deputada Sandra Faria, falou que era necessária a sensibilização das pessoas em termos de transição energética, a primeira questão que abordou, a título de enquadramento.

**Deputado Carlos Silva** (*PS*): Não era uma questão, era uma afirmação!

**A Oradora:** Sobre isso, já falámos aqui, que estão 75 ações, algumas já decorreram e outras vão decorrer ao longo de 2022, ao longo de 2023, de sensibilização de toda a região, através dos municípios, através das escolas, através das forças vivas, de cada uma das ilhas, para educar as pessoas ou sensibilizar as pessoas, as crianças, num certo sentido, as famílias de outra forma, a sensibilização para a transição energética. Portanto, essa questão da sensibilização já está falada aqui, variadíssimas, mas mais uma vez reafirmo porque isso é uma questão fundamental. Todos nós sabemos que isso passa pela mudança das pessoas e a mudança das pessoas requer tempo, requer a dar argumentos para as pessoas. Portanto, sensibilização está previsto.

Em relação ao plano nacional, eu acho que não se adequa, o Sr. Deputado Pedro Neves acabou de confirmar que não se adequa. Não temos o mesmo sistema energético nacional e, portanto, não é um plano suscetível de ser adaptado à região.

Em termos regionais, e dado as energias renováveis que nós já temos hoje na região, dado o conjunto de projetos relativamente à eficiência energética, à promoção da poupança da energia, ao aumento de fontes renováveis de energia e a todos os sistemas que nós temos em vigor, do ponto de vista do apoio à produção da energia descentralizada, ou seja, por parte das famílias e



das empresas, como é o caso do Solenerge e do Proenergia, entendemos, entendemos que, neste momento ou até agora, não houve necessidade de criar um plano específico de poupança de energia.

**Deputada Sandra Faria (PS):** A questão é a posição do Governo!

**A Oradora:** Também disse ao Sr. Deputado Pedro Neves, porque estávamos todos nesta sala, que no momento em que se considerasse ser adequado, cá estávamos para o fazer. Não é adaptar aquilo que não nos serve, não o podemos fazer.

Portanto, sobre essa questão, está esclarecido.

Relativamente à questão da fatura de eletricidade, também já foi aqui dito que a erse é que determina o preço da eletricidade, não é nem a EDA, nem o governo. Há uma entidade reguladora de eletricidade que determina uma tarifa nacional que, felizmente, é nacional e que permite que nós possamos ter a energia a energia elétrica ao preço da energia elétrica nacional. E isso não nos dá margem nenhuma para fazer alterações tarifárias e, portanto, atuar, como disse, na fatura da eletricidade das famílias não dá. O que dá e isso existe, é a tarifa social, de eletricidade e também já aqui foi falado que há uma quase 24000 pessoas a beneficiar da fatura social de eletricidade.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Não devia ter feito a pergunta!

**A Oradora:** E, portanto, essa é que é a questão que nós temos de apoio às famílias, porque todas as famílias. Com menos de 6,9 KW de potência de kawaiars, podem beneficiar da tarifa social de eletricidade.

Portanto, o que está ao alcance do governo, em termos de redução da tarifa, está a ser feito. O que está ao nível do governo para incentivar a autoprodução e baixar a fatura energética das famílias está em vigor, quase com 500 candidaturas e 80% delas das famílias.

**Deputado Carlos Silva (PS):** Mas pode ter medidas adicionais, Sra. Secretária!

**A Oradora:** Portanto, neste momento nós temos um panorama de que nos podemos todos orgulhar, porque efetivamente, o Solenerge é um sucesso, teve a aderência das famílias, que era o objetivo principal, com 80% das candidaturas. Também de algumas empresas, ainda são as candidaturas em aberto, tem metas intercalares para cumprir, têm metas finais para cumprir. Nós estamos todos empenhados nisso, porque isso é financiado pelo PRR e, portanto, neste aspeto

nós temos é que ir monitorizando e atuando sobre uma realidade que é dinâmica e que todos os dias muda.

Muito obrigada.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Pergunto se há mais inscrições?

*(Pausa)*

Podemos avançar para a segunda pergunta deste objeto. Sr. deputado Pedro Neves faça o favor,

(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sra. Secretária:

Nós falamos relativamente às auditorias feitas pelo Governo, relativamente à administração pública, do consumo de energia e que além das auditorias, há obviamente a verificação do consumo.

E, daquilo que se está a fazer, neste caso, as soluções se são adequadas ou não, dependente, obviamente, das entidades dentro da administração pública, mas eu pergunto, se já está, havendo, auditorias se já se sabe a quantidade, eu

pergunto, quais são os números, qual é a quantidade, qual é o peso da administração pública, em termos de consumo de energia dentro da Região Autónoma dos Açores?

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Para responder tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, faça o favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Pedro Neves, a filosofia deste programa de eficiência energética é cada departamento fazer a sua monitorização, fazer o seu acompanhamento, fazer as suas auditorias e fazer os seus relatórios, não são recebidos na Direção Regional da Energia.

De qualquer modo, o roteiro para a neutralidade carbónica, até 2023, vai fazer a monitorização de todo o sistema elétrico e das poupanças energéticas e do que isso se traduz em libertação de gases com efeito estufa e, portanto, em relação à descarbonização. E, portanto, todo esse trabalho que está a ser feito certamente nos trará resultados, nos trará também os dados que nós desejamos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Sra. Secretária Regional.

Para a réplica, tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Neves.

(\*) **Deputado Pedro Neves** (*PAN*): Obrigado, Sr. Presidente, Sras. e Sras. e Srs. Deputados, Membros do Governo:

Sra. Secretária, não tinha conhecimento que a Direção da Energia não tinha esses valores, que era feito a localmente e não havia obviamente uma rede onde fosse desembocado toda essa base de dados, tenho pena. Mas, ao mesmo tempo, então a Sra. Secretária tem que me dar razão, precisamos

mesmo de uma plataforma digital para a Direção da Energia para ter conhecimento de qual é a quantidade e qual é o peso da administração pública, tanto o nosso peso de consumo, bem como, qual é a janela de oportunidade que temos para eficiência energética, em cada entidade?

Obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Para responder, tem a palavra a Sra. Secretária Regional, o faça favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Senhor Deputado Pedro Neves, tem toda a razão. Faltam muitas plataformas na região.

Falta muito intercomunicabilidade entre os sistemas informáticos nesta região.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

Não é só na saúde, como se falou ontem. A saúde, os hospitais não comunicam com os hospitais e os centros de saúde não comunicam com os centros de saúde e os centros de saúde não comunicam com os hospitais.

Mas olhe, que no resto da administração está igual, não há plataformas para nada, não há intercomunicabilidade para nada e, portanto, está tudo a ser construído.

Está a ser construído nas comunicações, está a ser construído na energia, está a ser construído na administração pública, está a ser construído para a partilha das viaturas elétricas, que também fazia parte do plano de mobilidade, mas depois não se pode partilhar porque não há plataformas... tem toda a razão,

há muito trabalho para fazer, porque há muito trabalho que não foi feito na altura certa.

Muito obrigada.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Estão abertas as inscrições para esta segunda pergunta do terceiro objeto.

Recordo que o objeto é a mitigação do impacto da crise energética.

Pergunto se há inscrições?

*(Pausa)*

Não havendo inscrições, vamos dar por encerrado esta Sessão de Perguntas ao Governo.

Sr. Deputado Vasco Cordeiro, faça favor.

(\*) **Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Neste terceiro objeto desta Sessão de Perguntas há um aspeto que me parece fundamental e que, julgo que, deve ser trazido também para este debate.

E que é, terminada esta crise energética, como é que a região estará melhor preparada para fazer face a esse tipo de situações?

E, de tudo aquilo que aqui foi referido, acho que há um conjunto de questões que se interligam com outros aspetos, de perguntas anteriores, energias renováveis, mas saio daqui com alguma preocupação e pedi a ajuda da Sra. Secretária para atenuar essa preocupação.

É que a Sra. Secretária, e o grupo parlamentar que a sustenta, têm invocado como validação do mérito.

*(Diálogo nas bancadas)*

Senhor Presidente, Eu não sei se...

**Deputada Sabrina Furtado (PSD):** Os apartes são regimentais!

**Presidente:** Faz favor, Sr. Deputado.

**O Orador:** ... mas se a minha intervenção estiver a perturbar os vossos apartes digam que eu calo-me.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados!

Sras. e Srs. Deputados, respeitem o orador, faz favor!

Faz favor, Sr. Deputado.

**Deputada Sabrina Furtado (PSD):** O contrário também se diz!

**O Orador:** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Têm invocado, à laia de validação ou de suposta validação, do mérito da sua atuação no momento presente, dizer: “não, nós estamos a fazer aquilo que o Governo anterior fazia, ou planeou, ou projetou, estamos a implementar. Até há coisas que estamos a fazer e que o Governo Regional anterior, dizia que ia fazer e não fez.” Isso na vossa leitura.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Não foi isso!

**O Orador:** Bom, e é isso que preocupa, porque é este um sinal. Do desacerto deste Governo Regional. É que aquilo que foi planeado pelo Governo Regional anterior, em alguns aspetos decisivos, tem que ser alterado e deve ser alterado porque a realidade mudou.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** E o povo já alterou!

**O Orador:** E quer que eu lhe dê um exemplo concreto daquilo que deve ser alterado?

**Secretário Regional das Finanças, Planeamento e Administração Pública (Duarte Freitas):** O IVA!

**O Orador:** A Entidade concessionária da produção e distribuição, tem um peso decisivo, quanto ao processo de autorização e de licenciamento de novas produções, microproduções a partir de energia renovável.

A Sra. Secretária, acabou de anunciar e anunciou vultuosíssimos investimentos por parte dessa entidade, a par daquilo que são incentivos à produção de privados.

E a pergunta é esta, a senhora pondera, ou não, alterar aquele que é o licenciamento e a intervenção de uma das partes interessada neste processo?

Pondera, ou não, alterar aquela que é a intervenção de uma parte interessada neste processo, numa situação em que essa entidade já está a fazer investimentos avultadíssimos? Não receia que haja, no fundo, um conflito de interesses no momento em que, quer de um lado, quer do outro, quer da componente pública, quer da privada...

**Presidente:** Agradeço que termine.

**O Orador:** Já termino, Senhor Presidente.

Não acha que pode haver aqui um conflito?

E gostaria também de saber, já agora, se for possível, é que não basta produzir todo o incentivo e todo o centrar da questão que foi colocada na produção de energia elétrica, a partir de fontes renováveis.

Mas a questão não é só essa, o que é que o governo tem planeado, em termos de diretivas para alterar o padrão de consumo, que isso é determinante para a viabilidade económica de muitos desses investimentos, o padrão de consumo de energia elétrica na Região?

São duas questões que lhe deixo.

Muito obrigada.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Só pode ser feita uma!

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Para responder, tem a palavra a Senhora Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas. Faça o favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Srs. Membros do Governo:

Senhor Deputado Vasco Cordeiro, comecemos por aquilo que disse.

Terminada esta crise energética – Deus queira que ela termine depressa, porque ainda temos aqui a enfrentar - como é que a região está preparada para o day after?

**Deputado Vasco Cordeiro** (*PS*): Melhor! Melhor preparada do que estava antes!

**A Oradora:** Ora, se a região tem um conjunto de ações em curso, umas diretas de sensibilização, de apoios e incentivos e se empresa, que faz a produção, faz a transformação, faz o transporte e a distribuição de energia, na nossa região, e é assim que tem que ser. Sistemas elétricos como os nossos, pequenos e, por isso, isso em uma derrogação da União Europeia, porque nós temos sistemas pequenos, cujo abastecimento tem que ser garantido, sem qualquer sombra de dúvida.

Se nós temos todos estes investimentos em curso e, mesmo assim, aqui a discussão anda à volta de ainda estarmos a 40%, onde é que pode haver conflito de interesses entre o investimento público e o investimento privado, quando ainda estamos a 40% das energias renováveis?

**Deputado Vasco Cordeiro** (*PS*): Qual é a razão, Sra. Secretária?

**A Oradora:** Não estou a perceber a pergunta, primeira coisa, não estou a perceber.

Segunda questão. A Eda, até hoje, ainda nunca recusou uma única entrada de energia na rede elétrica.

Ainda uma única, ainda uma única!



**Deputado José Ávila (PS):** Já recusou! Isso não é verdade!

**A Oradora:** Mas, estamos a falar em recusar, não recusou!

E, portanto, os autoprodutores que queiram entregar energia à EDA, têm-no feito, sem qualquer tipo de constrangimento, aplicando a tarifa que está indexada, como se referiu há pouco, de 20 cêntimos por kw. A partir daí, onde é que pode estar o conflito?

Não está. Temos é que compatibilizar o sistema, temos que exercer as nossas funções de tutela, perceber se há algum constrangimentos e quando existir algum constrangimento, atuar.

Neste momento, com o nível de energias renováveis que nós temos, esse constrangimento não está ainda nos nossos horizontes.

Portanto, nesse sentido eu julgo que não temos que recear. Temos é que, tal como aconteceu e eu disse há pouco na Graciosa, pode acontecer na Terceira, onde há investimentos privados também, quer na geotermia (em conjunto com a EDA), quer na eólica, com a ampliação do parque eólico, há várias manifestações de interesse que estão a estudar estão a fazer o seu caminho, estão a fazer o seu percurso e a partir daí, nós estarmos atentos àquilo que se passa.

Agora, eu desejaria muito que nós atingíssemos, rapidamente, o limite das energias renováveis, para então podermos ter em conta esse possível ou eventual, suposto conflito de interesses de que falou.

Muito obrigada.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

No âmbito do conjunto de perguntas que foram colocadas ao governo regional, nesta matéria, foi possível perceber o seguinte:

Para não causar alarme na opinião pública açoriana, nós estamos a Região Autónoma dos Açores, estamos menos expostos que outras regiões europeias, que outros países europeus, na medida em que, aqui, a produção de eletricidade, não se faz a partir do gás, mas através do fuelóleo e das Fontes renováveis, que têm já uma penetração muito acentuada de cerca de 40%.

Qual é a resposta? O problema fundamental que, por exemplo, a Alemanha tem, é que, grande parte da sua produção industrial e da utiliza do uso doméstico, é dependente do gás. Ou seja, nós não temos essa dependência. É uma circunstância.

Mas, também ficou aqui provado que há uma aposta fortíssima por parte do governo regional em tornar-nos mais independentes, mais autónomos nesta matéria. Como? Apostando nos renováveis.

E eu quero aqui referenciar outra vez um número, que é um número espantoso que mostra o esforço que o Governo Regional está a fazer. Através da EDA são 360 milhões de euros de investimento. É um investimento fortíssimo e é um investimento que dará uma autonomia ainda maior à Região Autónoma dos Açores.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** É essa a razão da minha pergunta!

**O Orador:** Dizem os socialistas que estava planeado pelo Governo anterior, pois não é verdade, tenham a santa paciência, não é verdade?

**Deputado Carlos Silva (PS):** O que é que não é verdade?

**O Orador:** Esse não é o vosso património, nesta matéria.

Finalmente, dizer também que outro efeito mitigador, nomeadamente em relação ao efeito que isto teria junto da população, do aumento do preço da energia é o facto de existir um regulador nacional, o que impede que os preços aqui possam aumentar. Se não existisse, aumentariam de forma catastrófica! E é preciso reconhecer que também existe este elemento.

Finalmente, e esta é a questão, há também uma aposta da região, além dos renováveis, que permite a mitigação desta questão do impacto da crise energética, há também um conjunto de respostas que o Governo foi aqui comunicando, nomeadamente, na redução do consumo energético, que é necessário implementar. E não é nenhuma resposta que não esteja a ser otimizada por toda a Europa, ou seja, a redução do consumo energético, otimização dos sistemas e também uma maior eficiência a nível energético, também com uma respetiva sensibilização das populações.

**Presidente:** Agradeço que termine.

**O Orador:** Por isso, Sra. Secretária, o que lhe peço é, nestas áreas, que medidas estão a ser implementadas, por parte do Governo? Já bem sei que V. Exa. já as referenciou, de forma avulsa, mas o que lhe pedia é que o fizesse de forma mais sistêmica.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo para responder, faça favor.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Senhor Deputado Paulo Estêvão, agradeço a pergunta.

Queria voltar aqui um bocadinho atrás à questão do regulador e do tarifário nacional. Este é, efetivamente, um património que é fundamental para o Governo Regional, que é, este sim, um grande estabilizador dos preços na região, porque nós não nos podemos esquecer que sempre tivemos uma tarifa única regional, mas que a diferença de custo de produção era de um para dez, em algumas ilhas e portanto, tudo isso ficou harmonizado a nível nacional. A EDA recebe o valor da compensação tarifária por parte da Erse e, portanto, estamos todos muito mais protegidos, como disse e bem, relativamente a esta matéria, isso é fundamental.

Sobre a questão da mitigação, que é o ponto que estamos a falar e penso que é sobre isso que me pede de forma estruturada, o que é que estamos a fazer, eu volto a relembrar que temos a promoção de eficiência energética através de variadíssimos investimentos, uns de médio prazo, outros de mais longo prazo, mas todos eles até 2026.

Temos o aumento substancial da penetração de fontes de energias renováveis. Temos a estratégia açoriana de energia, que vai ser revista e que vai ser posta cá fora, com os seus objetivos e metas, todos reavaliados e racionalizados, em função da realidade concreta. Temos o plano de mobilidade elétrica, que também vai ser revisto em função de metas mais consentâneas com a realidade. Temos o PO 2030, que nos vai permitir também ter em conta um conjunto de iniciativas para incentivos às famílias de vária ordem, para além daqueles que já temos hoje, que é o Proenergia e o Solenerge.

Tudo isso contribui para a eficiência energética e quando se contribui para a eficiência energética, contribui-se para a poupança de energia e para a redução da fatura que cada família paga no final do mês pela energia que consome.

Para além disso, as ações de sensibilização, já as referi aqui, 75 ações, umas obrigo do LIFE IP clímaZ, outras ao abrigo de um protocolo com a Agência

Nacional de Energia com ADENE, e, nesse aspeto, nós, como eu disse, não adotámos o plano nacional, mas estamos disponíveis, se for necessário, para ter um plano regional.

Neste momento, estou convencida se a crise não se prolongar muito, que a situação se vai ultrapassar sem trazer constrangimentos às famílias. Porque quando nós estamos a falar de um plano, já estamos a dizer que tem que apagar luz a certas horas, que tem que apagar as montras, que tem que apagar a iluminação pública. Estamos a falar de coisas que vão afetar e impactar diretamente nas pessoas e nos hábitos das pessoas.

E, portanto, como nós temos muita hora de vazio, nessas alturas com produção, não se considerou ainda necessário, mas se vier a ser considerado necessário, cá estamos para isso e para criar e estruturar um plano de poupança de energia.

Com todas estas ações que eu acabei de elencar, nós neste momento estamos a controlar a situação e não sentimos nenhum desconforto. Se houver algum problema, cá estamos para estruturar um plano regional de poupança de energia.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Apesar de estarmos a terminar o nosso tempo, dispõe o Regimento que os Partidos que não se pronunciaram ainda sobre esse objeto possam fazer uma questão.

Está inscrito o Sr. Deputado Rui Martins. Pretende fazer a questão? Faça o favor.

(\*) **Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito obrigado Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente e Membros do Governo:

A pergunta é muito rápida e, na verdade, já não era para intervir, mas foi uma pergunta que é suscitada no decorrer da intervenção do Sr. Deputado Vasco Cordeiro.

Uma vez que o Sr. Deputado Vasco Cordeiro falou na eventual importância para mitigação do impacto das crises energéticas, ou seja, o governo acabar por ter maior intervenção e, eventualmente, poder promover alterações, naquilo que é o licenciamento e a gestão, no fundo, da entrada em rede porque, efetivamente, é uma questão que será pertinente, mas é uma questão que será pertinente, mas já era pertinente. Porque, como bem disse, a Sra. Secretária, ainda hoje de manhã, nós efetivamente na região temos um sistema de “first in, first in”, que é o primeiro a chegar ao mercado, é o primeiro a ter prioridade na introdução de energia na rede. É assim que se processa. E nós já tínhamos esse problema anteriormente, nomeadamente na ilha Terceira, com a Teramb, que paga às eólicas para não produzir, para não ter que encerrar a sua produção energética. Esse é um facto, em que temos a Teramb a pagar a uma energia eólica para não produzir. Porquê? Porque os custos de reativação dos fornos são superiores ao pagamento que faz para alguém estar parado. E, como todos nós sabemos, estas fontes de energia renováveis carecem sempre de um sistema de estabilização. E a pergunta que eu lhe faço, Sra. Secretária, no ponto de vista da mitigação, também destas crises energéticas e do investimento que está a ser proposto neste caso, efetivamente, pela empresa que detém o monopólio de produção energética e que também é uma parte ativa neste processo de licenciamento, se os investimentos que estão a ser feitos do ponto de vista das Bess ou seja, do sistema de baterias, que é um sistema que permitirá, efetivamente, fazer a estabilização energética. Ou seja, porque há duas vias para esta estabilização energética, uma pode ser o sistema de baterias a outra pode ser a termoelétrica, porque na termoelétrica os geradores, permitem fazer esse ajuste imediato daquilo que é a estabilização da rede, porque os geradores têm uma dinâmica diferente daquilo que são os geradores eólicos e daquilo que é a produção geotérmica, por isso, neste particular, Sra. Secretária, o que lhe pergunto é se, o problema e vou pedir a mesma latitude ao Sr. Presidente

da Assembleia para, no fundo, ser uma pergunta em sequência da outra, mas é se o problema não era um problema que já vinha de trás, nomeadamente com a questão da ilha Terceira, com a Teramb e as eólicas, por exemplo, e se efetivamente, o investimento que também está a ser promovido, neste caso pela EDA e a EDA renováveis, em baterias, por exemplo, se isso não é uma forma de garantir que há uma extradição de energia permitirá que outros players ...

**Presidente:** Agradeço que termine.

**O Orador:** E termino já, Sr. Presidente.

... que outros players possam fazer parte do mercado, fazer investimentos privados e, por sua vez, haver maior produção de energia na região e o mercado acabar por não ser monopolizado única e exclusivamente pela empresa de eletricidade regional.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas para responder, faça favor.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):**

Muito obrigada, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Rui Martins, é claro que, e já foi aqui dito, as baterias têm a função de estabilizar a rede e têm a função de armazenagem. Mas, têm essa importantíssima função de estabilizar a rede.

E mesmo assim, é preciso sempre ter em consideração, que é necessário ter, consoante a dimensão do sistema, um grupo térmico para qualquer eventualidade, porque a eletricidade a gente só dá pela falta dela quando toca no interruptor, quando não há problemas, é a coisa mais natural do mundo.

E, portanto, hoje, no século XXI, é impensável que não haja um abastecimento de qualidade e, portanto, é preciso estar sempre com retaguarda, mas isso faz parte dos manuais e das normas de produção elétrica, ter sempre grupos de proteção e de backup para avançar e, portanto, com as baterias até essa reserva estática pode reduzir.

Portanto, isto é um puzzle em que, atuando num lado, os outros vão se acomodando ao novo sistema. E é evidente que as baterias são um investimento fundamental e importante para a estabilização da rede e para a acumulação de energia.

Porque é que não foi feito mais cedo? Isso eu não lhe consigo responder. O que lhe consigo responder é que, neste momento, estão um investimento de mais de 50 milhões de euros previstos em baterias em todas as ilhas para tornar todo o sistema mais eficiente. E é isso que importa, porque o que nos importa a nós é que haja eficiência, que haja qualidade do serviço prestado e da energia fornecida e que o consumidor em sua casa esteja bem abastecido. Isso é o que importa e estes investimentos são fundamentais para atingir esses objetivos.

Claro que, à medida que se estabiliza a rede com investimentos em baterias, podem entrar mais produtores na rede. Mas, também eu acabei de afirmar, porque fiz questão de perguntar à EDA, até hoje, nunca recusaram um único autoprodutor de entrar na rede e isso também é significativo e tem que ficar registado.

Muito obrigada.



*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária Regional.

Vamos dar por encerrada esta Sessão de Perguntas e avançar na nossa Agenda. Estávamos ontem no ponto 4 da nossa Agenda, **Anteproposta de Lei n.º 14/XII – Alteração ao código do Imposto de Rendimento de pessoas singulares, para isenção da remuneração complementar regional**. Estava inscrito, quando interrompemos os nossos trabalhos à hora regimental, o Sr. Deputado Carlos Silva, a quem dou palavra.

(\*) **Deputado Carlos Silva (PS):** Muito obrigado, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A última intervenção, ontem, do Deputado Paulo Estêvão inspirou-me quando falou sobre impostos e tentou aqui reescrever, de certa forma, a história naquilo que tem acontecido.

Relativamente à iniciativa que é apresentada pelo PAN, creio que os argumentos que apresentámos foram claros e traduzem a nossa posição em relação à mesma. Entendemos que são necessárias medidas adicionais de apoio às famílias e às empresas nos Açores para enfrentar os efeitos da inflação que a todos prejudicam e, portanto, existe uma ação mais célere e mais eficaz no combate a esta crise.

Relativamente à questão fiscal e à tentativa do Deputado Paulo Estêvão em reescrever a história sobre os impostos nos Açores, importa esclarecer e acrescentar algumas informações. Em primeiro lugar, o Deputado Paulo Estêvão omite a redução fiscal ocorrida em 2015, na altura com o Partido Socialista com o apoio do CDS e essa redução fiscal atuou de forma muito eficaz na redução do IRS no primeiro e segundo escalão e também permitiu reduzir as taxas reduzida e intermédia do IVA e sim, foram propostas importantes numa altura também difícil e que permitiram ajudar as famílias e

as empresas dos Açores com essas medidas. Mas também esconde algo muito importante e algo mais que aconteceu muito recentemente.

Em maio de 2022, o Partido Socialista apresentou aqui uma resolução exatamente com o objetivo de apresentar propostas que ajudem as empresas e as famílias açorianas. Entre as várias medidas que apresentámos, destaco as seguintes:

- Recomendar ao governo regional que, no âmbito da disponibilidade financeira extraordinária referida no ponto anterior e que resulta do acréscimo das receitas do IVA, não estavam previstas no orçamento, que baixou de forma significativa as taxas do imposto sobre os produtos petrolíferos, de forma a aliviar a fatura das empresas e famílias não total de 20 cêntimos nas taxas de ISP sobre a gasolina e o gasóleo.

O que é que fez o Deputado Paulo Estêvão? Votou contra também!

- Que majorassem 30€ o apoio extraordinário criado pelo Governo da República no valor de 60€, destinado à aquisição de bens alimentares.

Aqui não é uma questão fiscal, mas é uma questão de apoio direto às famílias. E o que é que fez o Deputado Paulo Estêvão? Também votou contra com a coligação de direita. E também havia um programa de apoio às empresas para fazer face ao aumento dos valores dos custos de produção e também aqui votou contra.

E, portanto, apenas trago esta este assunto a debate, porque ontem o Sr. Deputado Paulo Estêvão queria passar a ideia de que o Partido Socialista era um partido que estava contra a redução fiscal em determinadas circunstâncias, sobretudo, em alturas de crise, quando essas medidas podem ajudar de forma eficaz, de forma direta e de forma transparente.

**Deputado Gustavo Alves (PPM):** Porque é que os senhores votaram contra?

**O Orador:** As empresas e as famílias açorianas, ao propormos em maio uma redução do ISP de forma significativa que apoiasse as famílias e as empresas,

pretendíamos atuar de forma célere, de forma eficaz e de forma transparente no auxílio das empresas e das famílias e isso era transversal e imediatamente implementado. Mas aí, a coligação de direita votou contra essas medidas porque eram propostas do Partido Socialista e, portanto, relativamente a este assunto, apenas esta menção e esta clarificação daquele que tem sido também o percurso do Partido Socialista, em que tem dito que está presente e apresentado medidas concretas que ajudam as famílias e as empresas, sobretudo, nas alturas mais difíceis.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado, tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Aqui o que é fundamental é o seguinte, não me cabe a mim, até porque tenho muito menos tempo que Vossa Excelência, elencar as medidas que o Partido Socialista tomou ou deixou de tomar, em determinado momento do seu percurso e, como se sabe, foi um percurso de 24 anos, portanto, não teria tempo, a não ser falar das políticas do Partido Socialista.

Mas há uma coisa que eu posso fazer, que é o que o Partido Socialista não fez e o que o Partido Socialista não fez foi utilizar os mecanismos na sua máxima extensão, os mecanismos à nossa disposição, no sentido de diminuir ao máximo a pressão fiscal sobre os açorianos e isso Vossas Excelências não fizeram e é por não terem feito que nós fizemos. É por não terem feito, que nós conseguimos fazer e é por não o terem feito, que foi possível esta enorme redução fiscal nos Açores. Por isso, é por Vossa Excelência não o ter feito.

Aquilo que fez, aquilo que enumerou, nunca será tão grande como aquilo que nós fizemos, porque o que nós fizemos foi utilizar ao máximo a autonomia que temos nesta matéria.

Ponto número 2, o ponto número 2 que lhe quero aqui referenciar em relação às medidas que referenciou: eu quero lhe dizer que no âmbito do apoio a diversos setores na crise do Covid, o Governo Regional contou com o apoio do PPM em grande parte das matérias. Isso é inegável, é histórico e factual. O que lhe quero dizer é que, obviamente, há um conjunto de medidas que por este ou por aquele motivo técnico, que não lhe posso agora enumerar, até porque só tenho 50 segundos, não é possível identificar. Evidentemente, não votei favoravelmente tudo, mas votei uma parte muito significativa do que o Partido Socialista e outros partidos aqui apresentarem para minorar os efeitos da Covid.

Foi isso que foi feito, agora aquilo que V. EXA. não fez é o que eu lhe acabei de identificar.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Carlos Silva, faça o favor.

(\*) **Deputado Carlos Silva (PS):** Muito obrigado, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Paulo Estêvão, o senhor acabou de se contradizer uma vez mais, quando diz que era possível ir mais longe e usar autonomia, o caso do ISP é um exemplo muito claro.

**Deputado Gustavo Alves (PPM):** O que senhor votou contra?

**O Orador:** Por força de uma alteração dos deputados do PS na Assembleia da República, é possível reduzir ainda mais o valor do ISP, o valor do imposto sobre os combustíveis às famílias e às empresas. O Governo só não o faz porque não quer e, portanto, pode ir mais longe.

**Deputado Gustavo Alves (PPM):** É reduzir tudo e ficar com a carteira vazia! E aqui é mais um exemplo de contradição, porque quando pode ajudar, decide não o fazer e, portanto, mais uma vez fica clara a sua contradição. Muito obrigado.

**Deputado José Ávila (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado António Vasco Viveiros.

(\*) **Deputado António Vasco Viveiros (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

É evidente que o tema dessa discussão não é o ISP, mas tenho que esclarecer o Sr. Deputado Carlos Silva do seguinte: o ISP cobrado até agosto de 2022 baixou, relativamente ao cobrado no período homólogo em quase 5 milhões de euros e baixou no mesmo montante relativamente ao mesmo período de 2019.

Ou seja, em 2019, os combustíveis também pesavam no orçamento dos cidadãos e das empresas e o PS, com preços muito mais baixos do mercado do mercado internacional, não baixou. E, portanto, esse argumento, Sr. Deputado, não é coerente e não é sério.

**Deputado Carlos Silva (PS):** Está criticando o PS porque não o fez, então porque é que não o faz?

**O Orador:** E, portanto, neste momento, o Governo tem usado a baixa do ISP dentro daquilo que são os limites de gás e reduziu sua receita de ISP e reduziu relativamente ao período homólogo e reduziu relativamente a 2019, antes da crise do Covid, coisa que o PS, na altura, não fez e podia ter feito. Inclusivamente ...

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

Não foi só pela crise inflacionista que os combustíveis passaram a pesar nas empresas e nos consumidores individuais e, portanto, era uma medida que se tivesse sido tomada em 2019 tinha ajudado as famílias e as empresas.

E, portanto, Sr. Deputado, não é o tema do debate, nós não queremos fugir do tema do debate e, para já, foi apenas essa correção. Podíamos falar também daquilo que foi a baixa do IRS em 2015 e da taxa de IVA. Foi demagogia, porque aquilo que baixou no primeiro escalão do IRS, baixou para pessoas que pagam muito pouco imposto. Só para que tenham uma ideia: primeiro escalão em 2020, que é o que está disponível no site das Finanças, aquilo que gerou receitas de IRS foram 5.6 milhões de euros, num total de 180 milhões de euros.

Portanto, quando diz que baixamos, no primeiro escalão, o diferencial de 20 para 30%, teve pouquíssimo efeito naquilo que era a receita da Região.

E quanto ao IVA, taxa reduzida e taxa intermédia, sabe quanto é que pesa um conjunto da receita de IVA? Pesa menos de 25%.

Portanto, aquilo que pesava e que influenciava a receita da Região era a taxa normal e essas os senhores nunca mexeram nela.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

E este Governo mexeu nela e baixou as suas receitas à conta disso.

Portanto, esses números que o senhor, Sr. Deputado, não são verdadeiros, do ponto de vista daquilo que é o verdadeiro impacto da receita da Região na altura e aquilo que deixou de estar para os contribuintes.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Silva.

(\*) **Deputado Carlos Silva (PS):** Muito obrigado, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:  
Sr. Deputado António Vasco, uma pergunta muito breve e espero também da sua parte uma pergunta muito clara a esse respeito: o Governo Regional dos Açores pode, ou não, baixar o ISP neste momento?

**Deputado Gustavo Alves (PPM):** Qual? Não é de agora!

**Presidente:** Faz favor, Sr. Deputado, tem a palavra.

(\*) **Deputado António Vasco Viveiros (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:  
Sr. Deputado eu respondo com uma pergunta: o Governo do PS até 2020 podia baixar o IVA, podia baixar o IRS, podia baixar o IRC?

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Sr. Deputado Carlos Silva, faça o favor.

(\*) **Deputado Carlos Silva (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:  
Sr. Deputado António Vasco, ou o senhor não percebeu a minha pergunta, ou o senhor não quis responder à minha pergunta?  
É que o Governo Regional suportado pelo PSD, pelo PPM, pelo CDS, pelo CH e pelo Deputado da Iniciativa Liberal decide, neste momento, não baixar

o ISP por opção, porque está mais preocupado com as receitas fiscais do que, efetivamente, em ajudar as famílias e as empresas.

**Deputado Gustavo Alves (PPM):** Demagogia!

**O Orador:** Esse é um facto muito objetivo porque é possível baixar o ISP e tem margem para isso.

O senhor diz que as receitas do ISP baixaram! Sim e quanto é que aumentaram as receitas do IVA, Sr. Deputado? Sr. Deputado António Vasco, quanto é que aumentaram as receitas do IVA? Nunca foram tão elevadas como são hoje! E essa é uma informação que resulta também do aumento da inflação nos Açores.

E, portanto, o senhor não diz a verdade aqui, quando omite esse facto. E, portanto, o Governo tem a seu dispor a possibilidade de baixar o ISP e atuar de forma rápida, eficaz na redução dos combustíveis que pagam as famílias e as empresas, mas decide não o fazer, porque está mais preocupado com as receitas fiscais do que, efetivamente, com aquilo que pagam os açorianos.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado António Vasco Viveiros.

(\*) **Deputado António Vasco Viveiros (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado, sabe perfeitamente que o seu Governo andou durante muitos meses a cobrar ilegalmente o imposto sobre produtos portugueses.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*



Cobrou ilegalmente!

E este Governo está a cobrar o menor nível de sempre de imposto de ISP associada às suas receitas.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

E sobre isso sobre isso, Sr. Deputado, não vamos sair daqui?

Agora, se quiser também determinar a parte pergunta, responda se o seu Governo podia baixar o IRS, o IRC e o IVA?

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Deputado Carlos Silva (PS):** Eu respondo quando o senhor responder!

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Vasco Cordeiro.

(\*) **Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Vejo que o Sr. Deputado António Vasco Viveiros tem uma dúvida existencial, se os governos do Partido Socialista podiam, ou não podiam, ter baixado impostos?

Olhe, a resposta é muito simples. Tanto podiam ter baixado impostos, que baixaram. Num horizonte e numa margem de 30%, baixaram nos casos no IRS 30% e nos restantes casos 20%.

Baixaram muito mais do que aquilo, percentualmente, que os senhores baixaram.

**Deputadas Andreia Cardoso e Ana Luís (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Em segundo lugar, dizer o seguinte: se os senhores puderam baixar os impostos até 30%, devem-no a legislação negociada por governos do Partido Socialista!

E em terceiro lugar, relativamente à questão do ISP, o que a sua resposta, ou a ausência da sua resposta quer dizer, é uma coisa muito simples: não importa para o PSD e para o Governo que os açorianos paguem mais, desde que o Governo receba um pouco menos para nós. Para nós, o que nos interessa é que os açorianos paguem muito menos, desde que o Governo receba também um pouco menos.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Nuno Barata.

(\*) **Deputado Nuno Barata (IL):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A última coisa que eu esperava era que um debate sobre o código do IRS acabasse no ISP!

Mas, como de manhã, estivemos a falar de mobilidade elétrica, de transição energética ...

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Debatemos toda a manhã!

**O Orador:** ... e de uma certa coisas que importam imenso aos açorianos, talvez seja hora de percebermos porque é que nós não temos mais mobilidade elétrica? É óbvio! Não temos, porque interessa imenso aos governos, sejam eles de que cor forem, aquilo que cobra de ISP.

Portanto, se nós não gastarmos combustíveis, há uma verba enorme de ISP que não é cobrada e isso faz falta à receita. Região e à receita do Estado.

Mas há outra coisa que é, o Governo Regional dos Açores pode baixar as taxas de ISP? Pode!

E isto vai fomentar o consumo de combustíveis? Vai!

E isso vai diminuir a procura pelo transporte coletivo? Vai!

E isso vai criar condições nas famílias de falta de dinheiro no fim do mês? Vai!

E, portanto, nós temos que medir um pouco essas coisas. Mas também há que convir que um modelo equilibrado de taxas de ISP, deixa as famílias e às empresas mais algum dinheiro no seu bolso, no final do mês. E isto também é importante para as empresas e para as famílias.

Agora, o que nós estamos aqui a discutir é o Código do IRS, não é o ISP.

E sobre isso, acho que já está tudo debatido. Tanto está debatido que o Sr. Deputado Pedro Neves, até estava distraído do resto do debate. Porque é o debate que interessa, o debate que lhe trouxe à discussão.

Mas, se quiserem debater o ISP e a mobilidade elétrica, outra vez, estamos disponíveis para isso tudo. Mas vamos, pelo menos, encerrar esse debate sobre o código do IRS.

Aliás, como disse aqui em aparte, ao longo da tarde, se calhar a melhor coisa mesmo é fazermos um debate de urgência sobre a transição energética, porque a sessão de perguntas, nós ficámos quase todos na mesma, as últimas respostas da Sra. Secretária não foram convincentes para ninguém, as medidas que estão em cima da mesa, uma vez são as medidas que vieram do passado, que são muito boas e outra vez no passado não se faz nada de bom. Outras que vão para frente vão ser muito boas, mas a gente não sabe os resultados que vai dar. Os 360 milhões de investimentos da EDA são muito importantes, mas depois isso vai diminuir o impacto do autoconsumo e, portanto, se calhar mesmo bom é fazermos um debate de urgência sobre esse assunto agora.

Agora, neste momento, é IRS que interessa, o diploma que o PAN nos trouxe aqui e é por isso que estamos a debater.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Rui Martins, fazendo um apelo para que nos recentremos no debate.

(\*) **Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Com certeza, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Vou fazer esse esforço, mas sem antes de fazer também aqui um pequeno enquadramento, porque a realidade, Senhor Presidente, é que efetivamente o Partido Socialista, para tentar aqui resumir e não voltar a intervir, o Partido Socialista baixou mais que este Governo os impostos, pode ser factual e é factual, efetivamente, em 30% possível baixou 20, é um facto. Mas, a realidade é que foi este Governo que baixou os impostos até ao máximo que a autonomia o permitia. E isso é um facto e foi este Governo, não foi o seu Governo.

Por outro lado, este Governo não cobrou nunca ISP de forma ilegal como seu Governo.

E depois também será relevante que o Partido Socialista perceba que a receita fiscal adicional, que até já cifraram e quantificaram em cerca de 50 milhões de euros, por exemplo, só no Porto de Ponta Delgada, uma obra que inicialmente apontava para 16 depois 18 milhões de euros, só conseguiu ser adjudicada por 26 milhões. Ora, só aí estão 8, dos 50 milhões que dizem que há de receita adicional, há 8 milhões que são gastos na consignação a uma obra que, efetivamente, pela escalada inflacionista, só conseguiu ser adjudicada por 26 milhões. Agora a pergunta que impera e que se impõe é, então vamos abdicar da receita fiscal e vamos parar todos os investimentos que são estruturantes para a Região. É isso que o Partido Socialista propõe? E então, relativamente àquilo que é efetivamente importante que é esta medida

aqui proposta pelo PAN e para resumir um pouco aquilo que é a posição do CDS relativamente a este assunto, o nosso entendimento é que o esforço regional do complemento de salário regional deve reverter, na totalidade, para os trabalhadores e, por isso, consideramos que é pertinente esta proposta do PAN, é pertinente não haver incidência de IRS sobre este rendimento que foi, e bem, na altura proposto pelo Partido Socialista, em 2002, com o intuito de combater aquilo que é o sobrecusto da insularidade e isso é importante e consideramos que é importante, então que esse valor se reflita e reverta na totalidade para os açorianos.

E é algo que também ficou patente na discussão de ontem, que agora me ocorreu que, por acaso, ontem lembrei-me, mas acabou o debate e, felizmente, não me esqueci que é algo que importa registar, que também tem a ver com as preocupações do Partido Socialista, em que, no fundo, isto são rendimentos que sempre foram considerados rendimentos salariais, logo sujeitos a taxaçaõ. Mas isso, não me surpreende porque está na matriz do Partido Socialista, que é o Partido Socialista é um partido que considera que o dinheiro está bem se for gerido pelo Governo, ...

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Por isso é que baixámos os impostos!

**O Orador:** ... ou seja, gere melhor o dinheiro, do que as famílias e, por isso, é que pretende que haja na mesma uma taxaçaõ para depois receber e depois redistribuir. Por isso, está na matriz do Partido Socialista, não me surpreende, e por isso, resumindo, só para dizer que esta medida do PAN é, efetivamente, uma medida bem-vinda e é por isso que a vamos acompanhar e recentrando o debate e sem pretender intervir novamente, o CDS vai votar favoravelmente esta proposta do PAN.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado António Vasco Viveiros.

(\*) **Deputado António Vasco Viveiros (PSD)**: Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu gostava de seguir ali o conselho do Sr. Deputado Nuno Barata e não voltar a esse assunto, mas Sr. Deputado Vasco Cordeiro tenho que responder.

Primeiro ponto, o diferencial do IVA não apareceu com o seu Governo, o diferencial do IVA aparece em 1986, com a adesão de Portugal à Comunidade e a partir daí, os Açores e o Governo na Região era do Partido Social Democrata, no país era do Partido Socialista e a partir daí, o IVA passou a ser mais baixo na região, 30% e assim o foi até 2013, com a Chegada da Troika e há um período de janeiro, há cerca de 2 anos, em que o diferencial foi fixado pela primeira vez em 20%. E passado esse período de janela, o Partido Socialista, que governava a Região. podia ter baixado o diferencial aumentado o diferencial para 30% e não o fez.

E, portanto, não é só pelo Partido Socialista aprovou, em 1999, a questão do IRS e do IRC. O IVA já existia e é bom que se diga isso, porque não é verdade totalmente aquilo que disse.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

Segundo ponto, aquilo Usou aquilo que Senhor Deputado enquanto Presidente do Governo recusou, pelo menos 3 vezes, com propostas na última legislatura da redução do IVA para 16%, ou seja, aumentou o diferencial para 30%, aquilo que o senhor recusou e que votou contra no primeiro orçamento aprovado por esse Governo, só esse diferencial significou uma redução de receita do Governo igual àquilo que é a totalidade do ISP cobrado até agosto de 2022.

Ou seja, este Governo, se não tivesse baixado o IVA para os 16%, com o apoio da maioria parlamentar, neste momento, o aumento de cobrança do

IVA, para além daquilo que são os 50 milhões de euros, seriam mais de 40, seriam 90. E, portanto, é bom que o Sr. Deputado tenha isso em consciência. O Partido Socialista esquece-se, permanentemente, daquilo que foi a redução potencial de cobrança de impostos, resultantes daquilo que foram as medidas de diferencial fiscal adotadas neste governo.

E, portanto, o IVA, Sr. Deputado, vem de 1986, não vem de 1999, vem de outros Governos, não vem do seu Governo.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Vasco Cordeiro, faça o favor.

(\*) **Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado António Vasco Viveiros, V. Exa. fez uma pergunta muito concreta ao grupo parlamentar do Partido Socialista, e eu, em nome do Grupo Parlamentar do Partido Socialista, respondi. Não separei as questões, aquilo que V. Exa. refere é verdade, mas também é verdade então, que se os trabalhadores açorianos podem ter uma redução fiscal na íntegra, e então aí reconhecerá, deve-se à legislação que foi negociada entre Governos do Partido Socialista.

E mais. V. Exa. invoca os elementos da redução fiscal operada pelo seu Governo. É verdade que reduziram até o limite máximo, mas quem reduziu mais, e foi esse o caso da minha argumentação, foi um Governo do Partido Socialista, em 2015 até, com o apoio do CDS-PP.

**Deputado António Vasco Viveiros (PSD):** Não é verdade!

**O Orador:** Não é verdade?

**Deputado António Vasco Viveiros (PSD):** Não, não é!

**O Orador:** Desculpe, em 2015 foi feita uma redução fiscal que, num horizonte de 30%, no caso do primeiro escalão do IRS, foi de 30%. No caso do segundo escalão, 30%, no terceiro 25 e nos restantes 20.

E a opção foi clara, que é a opção que os senhores não tomaram porque a opção foi em 2015, privilegiar o desagravamento fiscal sobre os rendimentos do trabalho, incidindo mais naqueles que são mais baixos e aquilo que os senhores fizeram foi desagravar os impostos sobre quem ganha mais. E essa é uma diferença.

E para concluir, em relação a ISP, a questão mantém-se límpida e cristalina.

**Deputado Nuno Barata (IL):** Isso é demagogia!

**O Orador:** Ó Sr. Deputado Nuno Barata!

A questão mantém-se límpida e cristalina!

Para os senhores, na parte do ISP, tendo a possibilidade de baixar o vosso argumento, o Governo já está a perder receita fiscal.

Isso quer dizer uma coisa muito simples, é que para vós, o que é importante não é que os açorianos paguem mais, é se o Governo recebe menos. E aí é uma linha que nos separa completamente, porque para nós o que é importante é quando um açoriano vai à bomba de gasolina pague menos, mesmo que para isso o Governo tenha que receber menos.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Isso é possível fazer com o superavit que o Sérgio Avila deixou!

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Não! Com o superavit do Bastos e Silva! Pergunte aqui ao Deputado Vasco Cordeiro que ele já lhe conta!



**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado António Vasco Viveiros.

(\*) **Deputado António Vasco Viveiros (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Senhor Deputado Vasco Cordeiro, é muito bom falar com conhecimento dos nomes e, neste momento, em termos fiscais e com uma série desde 2012, 2010, no site das finanças, um site Público consegue-se desmontar aquilo que o senhor deputado disse e relativamente ao primeiro escalão e ao segundo, passando o diferencial de 20 para 30 e de 20 para 25, o impacto da receita fiscal do Governo foi mínimo, sabe porquê? Porque a maior parte das pessoas que desconta nesse escalão contribui, infelizmente, muito pouco e, portanto, aquilo que o Sr. Deputado disse ...

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Para elas foi muito!

**Deputado Carlos Silva (PS):** E nos anos seguintes?

**O Orador:** ... muitos deles não pagavam e pagavam muito pouco. Foi muito pouco, Sr. Deputado, aquilo que era importante era prescindir de receita e isso o senhor não fez.

E a questão do IVA, Sr. Deputado, a verdade é essa, os escalões que os senhores mudaram e que passaram de 20 para 30, representam apenas 25% da receita de IVA do Governo e só a taxa normal representa 75%. Por isso é que os 2% de redução do IVA, de 18 para 16, teve um impacto no orçamento da Região, superior a 35 milhões de euros por ano.

Portanto, o senhor naquela altura e aprovou e teve o apoio maioritário do Parlamento, até teve do CDS, mas na altura, o senhor não disse a verdade toda que era, o que é que efetivamente o Governo deixava de receber com essa arrecadação? E aí enganou os açorianos!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Vasco Cordeiro.

(\*) **Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Senhor Deputado António Vasco, eu repudio por completo a acusação de ter enganado os açorianos. Isso não é verdade ...

**Deputado António Vasco Viveiros (PSD):** É verdade!

**O Orador:** ... e só posso compreender este argumento em desespero de causa de V. Exa., que já lhe restam os argumentos e agora a acusação é que o Governo enganou os açorianos.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**O Orador:** Não, não enganou os açorianos.

Mas, apenas para lhe dizer o seguinte, V. Exa. vá a um supermercado ou vá uma mercearia. Quantos preços é que baixaram para os açorianos, em virtude Sr. Deputado, o problema aqui, na minha opinião, obviamente, o problema aqui é de conceção e de ponto de partida.

Aliás, o Sr. Deputado Nuno Barata vai me dar licença para eu parafrasear uma expressão, a vossa obsessão é partir na análise deste assunto do Governo. Cuidado, o Governo está a receber menos! Cuidado, o Governo já recebeu mais! Mas, o Governo recebe menos, mas o Governo isso, mas o Governo aquilo!

A nossa preocupação é aquilo que os açorianos pagam, seja na bomba de gasolina, seja de impostos, seja na mercearia, em virtude dos impostos

também. Aliás, com essa obsessão do Governo, e aqui vai a paráfrase à Iniciativa Liberal: ó Sr. Deputado António Vasco, afinal o PSD é comunista e não sabia.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Deputado Nuno Barata (IL):** Não baixaram os preços em função da baixa do IVA e os outros é que são comunistas? Essa é boa!

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Sr. Deputado António Vasco Viveiros, tem a palavra.

(\*) **Deputado António Vasco Viveiros (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Vasco Cordeiro, então se é verdade o que disse para a taxa normal do IVA, quando baixou de 18 para 16, então também seria verdade, para a taxa intermédia e para a taxa reduzida, quando o Sr. Deputado baixo em 2015 e fez disso um alarido.

Também na altura foi ao supermercado ver se os preços tinham baixado? Não foi!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

Portanto, este argumento não pega, não é coerente e é falso.

Eu quando digo da taxa normal, são dados objetivos, aquilo que mais contribui para a receita de IVA da Região e do país, os rácios são semelhantes, é a taxa normal. A taxa normal é aquela que mais contribuiu para a receita global do IVA.

Mas, em matéria de ISP, Sr. Deputado, mais uma vez aconselhava que ligasse ao Sr. Primeiro-Ministro porque os combustíveis, no continente, estão muito mais caros do que na Região e o Governo da República tem a possibilidade de os baixar se seguir o seu conselho.

Muito obrigado.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

A Mesa não tem mais inscrições.

Pergunto se há mais inscrições no âmbito deste diploma?

*(Pausa)*

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Sr. Deputado Joaquim Machado, nem todos têm o dom da onisciência como V. Exa., pelo amor de Deus.

**Presidente:** Vamos começar por votar na generalidade esta anteproposta de lei n.º 14/XII:

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam, façam o favor se manter como estão;

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra, façam o favor se sentar;

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A Anteproposta de lei n.º 14/XII foi aprovada, na votação na generalidade, com 21 votos a favor do PSD, 2 do CDS, 2 do PPM, 1 do Chega, 1 da Iniciativa Liberal e um do PAN.

2 votos contra do BE e 1 do Deputado Independente e 24 votos abstenção do PS.

**Presidente:** Vamos passar à especialidade.

Pergunto se há inscrições para o debate na especialidade?

*(Pausa)*

O diploma, tem três artigos. Pergunto se posso votá-los em conjunto?

Estão à votação os três artigos do diploma:

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam, façam o favor se manter como estão;

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra, façam o favor se sentar;

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** Os artigos colocados a votação foram aprovados com 21 votos a favor do PSD, 2 CDS, 2 do PPM, 1 do Chega, 1 da Iniciativa Liberal e 1 do PAN.

2 votos contra do Bloco de Esquerda e 1 do Deputado Independente e 24 votos de abstenção do PS.

**Presidente:** Votação final global:

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam, façam o favor se manter como estão;

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra, façam o favor se sentar;

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A Anteproposta de lei n.º 14/XII, foi aprovada em votação final global com 21 votos a favor do PSD, 2 do CDS, 2 do PPM, 1 do Chega, 1 da Iniciativa Liberal e 1 do PAN.

2 votos contra do Bloco de Esquerda e 1 do Deputado Independente e 24 votos de abstenção do PS.

**Presidente:** Agora sim, está encerrado este ponto da nossa Agenda.

Vamos avançar para o ponto 5.

O ponto 5 deu entrada na Mesa, um requerimento de baixa à Comissão do Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 64/XII e, como diz o Regimento, vou colocá-lo à votação sem discussão:

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam, façam o favor se manter como estão;

**Secretário:** O requerimento colocado a votação foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Sr. Deputado João Bruto da Costa, pede a palavra para?

Uma interpelação, faça o favor.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Sr. Presidente, uma interpelação para solicitar um intervalo regimental de 30 minutos.

**Presidente:** Voltamos às 17 horas e 10 minutos.

*Eram 16 horas e 45 minutos.*

**Presidente:** Senhoras e Senhores Deputados, vamos iniciar o ponto 6 da nossa Agenda.

*Eram 17 horas e 15 minutos.*

**Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 58/XII – “Quinta alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 28/99/A, de 31 de julho, que aprova o Estatuto do Serviço Regional de Saúde dos Açores (organização e funcionamento dos serviços de saúde da Região Autónoma dos Açores)”.**

É uma iniciativa apresentada pelo Grupo Parlamentar do Partido Socialista. Importa referir que, relativamente, a esta iniciativa foi apresentada uma proposta de substituição integral pela Comissão, a qual será debatida, na generalidade, em conjunto, com o texto do Projeto de Decreto Legislativo Regional, do autor.

Para a apresentação da iniciativa tem a palavra, Senhor Deputado Tiago Lopes, faça favor.

(\*) **Deputado Tiago Lopes (PS):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora e Senhores Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do Partido Socialista apresentou o presente Projeto de Decreto Legislativo Regional, em junho, deste ano. Um projeto que propõe a eliminação das taxas moderadoras no Serviço Regional de Saúde.

Previstas na base 24 da Lei de Bases da Saúde, aprovada pela Lei n.º 48/90, de 24 de agosto, com as sucessivas alterações introduzidas, a introdução da comparticipação do utente no preço dos serviços prestados pelas unidades de saúde teve, como principal objetivo, a moderação na procura pelos serviços de saúde, apresentando-se como uma estratégia para combater a má utilização e promover a otimização dos recursos.

O Estatuto do Serviço Regional de Saúde, aprovado pelo Decreto Legislativo Regional n.º 28/99/A, de 31 de julho, na sua mais recente redação, e quarta alteração, datada de 2020, já demonstrou o entendimento de que as taxas moderadoras se constituem como uma forma de copagamento que transfere para o utente um encargo adicional, na utilização dos serviços de saúde, representando assim mais uma despesa no orçamento familiar, podendo revestir-se como obstáculo na acessibilidade aos cuidados de saúde.

Com a referida redação, alteração e consequente republicação, foi dado um passo com vista à eliminação de todas as taxas moderadoras, no futuro próximo, pelo que atenta as consequências da conjuntura pandémica, o conhecimento adquirido pela população da devida e necessária a utilização dos recursos do Serviço Regional de Saúde, onde se deve inserir a Linha de Saúde Açores, atenta ainda a atual crise inflacionista, entende-se que é chegado o momento de aprofundar o disposto na Lei de Bases da Saúde, a que acresce a publicação do Decreto-Lei n.º 37/2022, no passado dia 27 de maio, que alterou o regime de cobrança das taxas moderadoras no Serviço

Nacional de Saúde, estabelecendo a cessação da cobrança de taxas moderadoras em todos os serviços do Serviço Nacional de Saúde, mantendo-se apenas em serviço de atendimento de urgência, exceto quando existe a referenciação prévia, pelo Serviço Nacional de Saúde, ou admissão/internamento através da urgência.

Na região, exceção feita aos cuidados de saúde primários, atualmente são pagas taxas moderadoras nas consultas, atos complementares prescritos e outras prestações de saúde, se o utente não for referenciado pelo Serviço Regional de Saúde, ou pelo Serviço Nacional de Saúde, e no atendimento nas unidades básicas de urgência, nas unidades de saúde de ilha e nos serviços de urgência dos hospitais.

Assim, nos termos estatutários e regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista dos Açores apresenta o presente Projeto de Decreto Legislativo Regional que introduz uma quinta alteração ao Estatuto do Serviço Regional de Saúde dos Açores de modo a dispensar o pagamento das taxas moderadoras no âmbito da prestação de cuidados de saúde, mantendo-se apenas nos serviços de atendimento realizados nas unidades básicas de urgência das unidades de saúde de ilha e nos serviços de urgência hospitalares, não se aplicando o pagamento destas taxas quando existe a referenciação prévia comprovada pela Linha de Saúde Açores, pelo Serviço Regional de Saúde ou o Serviço Nacional de Saúde, ou nas admissões para internamento, através da urgência, ou admissão para internamento através de urgência.

Esta é uma atualização que se impõe e que já deveria ter sido implementada, por iniciativa do Governo Regional, de modo a entrar imediatamente em vigor, na sequência da impossibilidade resultante da regra constitucional, vulgo, lei travão, que aos deputados o exercício de iniciativa legislativa que possa retirar receita ou adicionar despesa durante o período de execução orçamental.



Tal iniciativa não aconteceu por parte do Governo, que mantém, assim, os açorianos em situação de desvantagem, em relação ao praticado em território continental.

O Grupo Parlamentar do PS, em coerência com a proposta apresentada, e aprovada em 2020, que reviu pela última vez o regime das taxas moderadoras a aplicar na região, tornando-a, na altura, o mais evoluído a nível nacional, apresenta assim o presente Projeto de Decreto Legislativo Regional, de modo a eliminar as taxas moderadoras na região, mantendo apenas e só nos serviços de urgência, salvo se existir encaminhamento pelo Serviço Regional de Saúde/Serviço Nacional de Saúde, Linha de Saúde Açores ou admissão para internamento através de urgência.

Como referi esta é uma medida que se impõe de modo a corrigir a atual assimetria que existe entre utentes do Serviço Regional de Saúde e o Serviço Nacional de Saúde.

As açorianas e os açorianos não podem ficar para trás.

Disse.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Está apresentada a iniciativa. Estão abertas as inscrições.

Senhora Deputada Ana Quental, faça favor. Tem a palavra.

(\*) **Deputada Ana Quental (PSD):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores e Senhoras Membros do Governo:

A iniciativa que o Grupo Parlamentar do PS apresenta, apesar de bem-intencionada, assenta num equívoco. E que equívoco é este?

Diz o Partido Socialista que a sua proposta visa garantir que os utentes açorianos não ficam em condição de desvantagem face aos utentes do continente. Só que faz precisamente o contrário.

Pois, a iniciativa do PS, estabelece que os açorianos continuem a pagar taxas moderadoras nas unidades básicas de saúde, ou seja, nos centros de saúde das unidades de ilha.

Acontece que no continente isto já não acontece, ou seja, as taxas moderadoras foram...

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Nas urgências, Sra. Deputada!

**A Oradora:** Urgências das unidades de urgência básica, ou seja, nas urgências dos centros de saúde.

Acontece que no continente já foram abolidas, ou seja, já não são pagas nos centros de saúde das urgências, mas sim, das urgências hospitalares.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Não existem!

**O Orador:** Este equívoco em que assenta a iniciativa do Grupo Parlamentar do PS, deve, na nossa opinião, ser devidamente corrigido.

É esse o objetivo da proposta apresentada pela Comissão dos Assuntos Sociais, desfazer o equívoco em que assenta a iniciativa do Partido Socialista.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** O Partido Social Democrata entende que a proposta da Comissão é justa, é abrangente e é eficiente.

É justa, porque coloca os utentes do Serviço Regional de Saúde em pé de igualdade com os do continente, ao abolir as taxas moderadoras nas urgências dos centros de saúde da região, como já sucede em território continental.

É abrangente, porque engloba os aspetos positivos que a proposta do PS contém, nomeadamente a dispensa do pagamento de taxas moderadoras nas urgências dos hospitais, quando haja referenciação comprovada.

E é eficiente, porque simplifica o processo legislativo ao revogar o ato supérfluo que é estabelecer o regime de isenção, através do Decreto

Regulamentar do Governo, quando isso pode ser feito, para este Parlamento através de Decreto Legislativo.

Em suma, entendemos que a proposta apresentada na Comissão dos Assuntos Sociais é melhor para os Açores e para os açorianos.

Senhores Deputados, as comissões parlamentares não podem ser vistas, perdoem-me a expressão, apenas como verbos de encher, que apenas servem para redigir relatórios ou realizar audições.

As comissões parlamentares servem também para melhorar as iniciativas legislativas apresentadas pelos partidos e pelo Governo. Foi o que sucedeu neste caso.

Se este grupo parlamentar apenas estivesse interessado em ganhos políticos imediatos, teria colocado o carimbo do PSD na proposta.

Recusámos fazê-lo, porque o nosso objetivo foi o de apelar ao consenso para que fosse elaborado um texto merecedor de amplo consenso.

Infelizmente, o Partido Socialista rejeitou liminarmente qualquer entendimento e votou contra a proposta de substituição que aqui debatemos.

No entanto, ainda acreditamos que o PS possa mudar de opinião e vir a comungar do entendimento dos benefícios da iniciativa da Comissão de Assuntos Sociais relativamente à proposta.

É que a proposta da Comissão, os utentes açorianos deixarão de pagar taxas moderadoras nas urgências dos centros de saúde da região.

É uma boa proposta para os Açores. É uma boa proposta para os açorianos.

Disse.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Deputada.

Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Neves.

(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Aqui temos, como se fosse duas iniciativas, a iniciativa do PS e a iniciativa do PSD – eu peço desculpa, da CAS – que acha que é injusto. Obviamente que é válido e as comissões podem fazer. Aliás, na CAPADS fizemos, acho que foi a primeira, nesta legislatura, onde fizemos isso com o arvoredo, mas houve consenso. Neste caso não houve, obviamente, consenso.

Ainda bem que não houve consenso, isto porque estão a achar que podemos fazer uma comparação com o continente quando esquecem-se, à partida, que nós temos ilhas sem hospital. Então o que é que acontece? Qual é a injustiça que vai acontecer?

Não vamos pagar taxas moderadoras nos centros de saúde com urgência. E vou dar o exemplo desta ilha, que tem um hospital. O centro de saúde não tem urgência. Então, os faialenses, vão pagar taxas moderadoras na urgência do hospital, mas as pessoas do Pico não vão pagar, porque vão à urgência no centro de saúde.

E aqui está uma grande, grande, injustiça.

Por isso é que o PAN não pode acompanhar a iniciativa da Comissão dos Assuntos Sociais.

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra a Senhora Deputada Alexandra Manes.

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Obrigada, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Em 2019, por proposta do Bloco de Esquerda, deixaram de ser cobradas taxas moderadoras nas consultas de cuidados primários de saúde, nas consultas de

especialidade e nos exames complementares de diagnósticos, prescritos no âmbito do Serviço Regional de Saúde e Serviço Nacional de Saúde.

A proposta inicial do Bloco de Esquerda era mais abrangente, porque incluía também todas as situações de acesso aos centros de saúde, mas uma alteração introduzida pelo PS, optou por manter as taxas moderadoras nas urgências dos centros de saúde, mesmo nas ilhas sem hospital.

À altura, o Bloco lamentou o facto de não ter sido possível isentar totalmente os utentes dos pagamentos de todas as taxas moderadoras. No entanto, reconhecemos que seria o primeiro passo para que se conseguisse eliminar este fator de injustiça e penalizador para quem procura o Sistema Regional de Saúde.

É claro que o trabalho tem de ser trilhado e passa pela iliteracia na/e pela saúde, pelo incremento de resposta nos cuidados de saúde primários, mas para que tal aconteça, não depende unicamente da vontade das/os utentes. Depende, e muito, da resposta que há nesses mesmos cuidados. Logo, não faz sentido penalizar as pessoas por procurarem uma resposta no serviço de urgências, porque não a têm em outro lado.

Através das audições, confirmou-se mais uma vez que sujeitar as/os utentes ao pagamento de uma taxa, não cumpriu o seu objetivo.

A taxa não moderou, não dissuadiu, isto porque o bem-estar das pessoas fala mais alto.

Também é verdade que o serviço de urgências acaba por ser a porta de entrada para o Serviço Regional de Saúde. E porquê?

Perguntem a quem espera meses pela marcação de uma consulta no médico de família.

Perguntem a quem tem de ir para a porta do centro de saúde bem cedo, marcar um lugar para a consulta de dia.

Perguntem àquela senhora idosa, a quem retiraram a médica do seu posto de saúde da freguesia e cujo percurso de autocarro não lhe permite chegar à outra freguesia.

As chamadas falsas urgências muitas vezes não são mais do que o último recurso, depois de outras tentativas frustradas, muitas vezes uma falsa urgência é a procura de saúde.

Como todas e todos sabemos, ninguém vai para a sala de espera de um serviço de urgências por gostar do local.

Portanto, o Bloco, hoje, como na Assembleia da República e nesta Assembleia, defende que nenhum utente deve ver o seu direito à saúde condicionado pelo pagamento de uma taxa.

O Serviço Nacional de Saúde é tendencialmente gratuito, mas não nos podemos esquecer que já o financiámos com os nossos impostos, e isto leva a que muitas pessoas desacreditem num dos pilares da nossa autonomia: o Serviço Regional de Saúde.

Já o pagam. Porquê impor uma taxa moderadora?

Na verdade, longe de moderar o acesso, a introdução de taxas moderadoras, teve como único objetivo financiar tanto o Serviço Nacional de Saúde como Serviço Regional de Saúde, o que resultou, na prática, num duplo pagamento, pelos utentes que pagam de acordo com um sistema solidário, por progressivo, consoante os rendimentos dos utentes e que dessa forma, veem-se na obrigação de pagar uma segunda vez.

Na Assembleia da República por iniciativa do Bloco, acabaram as taxas moderadoras nas consultas dos cuidados de saúde primários e em exames complementares de diagnóstico e terapêutica, prescritos nesses mesmos cuidados.

A medida concretiza o princípio aprovado na Lei de Bases de Saúde e foi aprovada com os votos de todos os partidos, à exceção do CDS que votou contra.

Dizia, e bem, o senhor Doutor Luís Almeida, Membro do Conselho de Administração do HDES, que a decisão do pagamento de taxas moderadoras é política. É verdade!

Na política do Bloco não há lugar a pagamento de taxas para aceder a cuidados de saúde. Para o PSD, há lugar à continuidade no pagamento de taxas com uma redução. Mas qual é esta redução?

Não sabemos, porque o PSD deixa essa questão em aberto, remetendo-a para uma decisão unilateral do Governo através de uma Portaria.

Uma coisa é certa, se hoje quase ninguém paga taxas moderadoras nos Açores para aceder a cuidados de saúde, é porque foi aprovada em 2019, aqui neste Parlamento,...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** A senhora traga as propostas do Bloco de Esquerda na Assembleia da República!

**A Oradora:** ... uma proposta do Bloco de Esquerda que acabou com quase todas as taxas.

E as duas propostas que estão aqui em debate hoje não introduzem nenhuma alteração de fundo à conquista, que foi alcançada.

Independentemente da proposta que seguir para a especialidade, a do PS ou a da Comissão, por maioria, o Bloco de Esquerda propôs alterações que vão no sentido de assegurar que as pessoas nunca tenham que pagar taxa moderadora nos centros de saúde e que nunca tenham que pagar taxa moderadora nas urgências dos hospitais, sempre que os utentes sejam encaminhados pela Linha de Saúde Açores, pelo Serviço Regional de Saúde, pelo Serviço Nacional de Saúde e nas admissões para internamento através de urgência.

Sobre as propostas em análise, a do PS e aquela que, por maioria, foi assumida pela Comissão de Assuntos Sociais, assinalamos o seguinte:

Em primeiro lugar, passo a citar as declarações do Senhor Deputado Bruno da Costa à comunicação social, que afirmou que a proposta do PSD, e passo a citar, “prevê a abolição de taxas moderadoras nas urgências dos centros de

saúde”. fim de citação, mas o que o Senhor Deputado se esqueceu de mencionar...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Pelo menos disse uma coisa acertada!

**A Oradora:** ... foi o detalhe que está na vossa proposta, e que passo a citar, “os utentes são isentos do pagamento de encargos **ou** gozam de uma redução” (**ou gozam de uma redução**).

Abolição e redução não é a mesma coisa, Senhor Deputado Bruto da Costa, em nada.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** O PS votou contra a abolição das taxas moderadoras em 2010, 2011!

**A Oradora:** Depois, é importante também que o Senhor Secretário Regional da Saúde e Desporto diga o que pensa acerca desta proposta originária do PSD. E é importante, porque na audição, o Senhor Secretário teceu um conjunto de considerações acerca da proposta, estava em análise.

Vou dizer dois adjetivos que o senhor utilizou para caracterizar a proposta que estava em análise: era uma proposta **isolada** e **avulsa**. Foram essas as suas palavras.

**Secretário Regional da Saúde e Desporto (Clélio Meneses):** E reitero!

**A Oradora:** Foram dois termos que utilizou para argumentar que o importante é aquilo que o senhor está a fazer. E foi mais longe.

**Secretário Regional da Saúde e Desporto (Clélio Meneses):** Não, não sou eu!

**A Oradora:** E foi mais longe, dizendo que a proposta minimizava o que é necessário fazer no Serviço Regional de Saúde, porque o que era necessário é uma alteração complexa, uma coisa em grande, profunda, no estatuto da saúde.

Por isso, Senhor Secretário, faço-lhe a pergunta: a proposta do seu partido, inclui-se nos termos que utilizou para classificar a iniciativa que estava em análise ou só por vir do PSD passa a ser uma boa proposta?



**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Razão necessária e suficiente!

**Presidente:** Muito obrigado Senhora Deputada.

Senhor Deputado João Bruto da Costa pede a palavra para?

**Deputado João Bruto da Costa** (*PSD*): Para inscrever-me.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Gustavo Alves.

**Deputado Gustavo Alves** (*PPM*): Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Sr. Vice-Presidente do Governo, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

O Partido Socialista traz-nos uma iniciativa legislativa que visa a quinta alteração do Decreto Legislativo Regional 28/99, de 31 de julho, diploma que reformulou o Serviço Regional de Saúde, que já existia há cerca de 20 anos.

Esta proposta de quinta alteração a este Decreto Legislativo, com a sua segunda redação apresentada a este Parlamento, visa reduzir a cobrança de taxas moderadoras, isentando os serviços de atendimento, consultas e outras prestações de cuidados de saúde no âmbito dos cuidados de saúde primários.

O Grupo Parlamentar do PPM não se opõe à alteração do referido Decreto Legislativo Regional que visa as taxas moderadoras, até pelo contrário, o histórico do PPM, nesta Casa da Autonomia, revela que sempre defendemos a sua redução e até colocámos em causa a sua própria existência.

Dito isto, e assumindo frontalmente uma posição de que as referidas Taxas Moderadoras têm hipoteticamente um único ponto positivo, na medida em que poderão ser um instrumento útil, no apoio e combate aos enormes fluxos de açorianos, que se socorrem das Urgências dos Hospitais, em situações não urgentes, tendo em conta que existem as Urgências das Unidades de Saúde, para situações não urgentes, que são as denominadas pulseiras azuis e verdes no Protocolo de Triagem de Manchester.

Resumindo, as urgências dos Hospitais estão praticamente sempre cheias e as Urgências das Unidades de Saúde estão menos pressionadas.

Assim sendo, defendemos a alteração das Taxas Moderadoras como foi feito no restante território continental, onde se cobram as referidas Taxas nas Urgências dos Hospitais, com a tentativa de redirecionar as pessoas que precisam de cuidados não urgentes, para as Urgências das Unidades de Saúde,...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** ... onde não serão cobradas qualquer tipo de taxas.

Só com um papel pedagógico e com uma visão mais assertiva, como foi muito bem explanado e redigido pela Comissão Especializada Permanente de Assuntos Sociais, será possível alterar este diploma num sentido positivo de melhoria, no que concerne aos cuidados de saúde que todos os açorianos querem e, sobretudo, merecem.

Pelo exposto, o Grupo Parlamentar do PPM concorda com as alterações trazidas pela Comissão Especializada Permanente de Assuntos Sociais. Disse!

**Presidente:** Muito obrigado Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado João Bruto da Costa, faça favor.

(\*) **Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Apenas para esclarecer a Senhora Deputada Alexandra Manes, que incorreu aqui num erro. Agradecer-lhe a citação, que é correta e verdadeira, é verdade. A proposta que vem da Comissão, e que foi feita pelo PSD, pretende abolir as taxas moderadoras nas urgências dos centros de saúde. Foi isso que eu disse. A senhora citou-me bem. Eu agradeço-lhe a correção da sua citação, mas depois a senhora confundiu a proposta.

Enfim!... A senhora confundiu o que é proposto como alteração do n.º 2, do artigo 28.º, com a alínea c), do n.º 4, do mesmo artigo.

Uma coisa não é confundível com a outra. Não há “ou nos centros de saúde das ilhas”. Nos centros de saúde, todos. Não há “ou”.

Nos centros de saúde, nas urgências, o que nós pretendemos é: acabou. Não há taxas moderadoras e isso é a nossa proposta.

Portanto, agradecia-lhe que percebesse essa correção que estou a fazer, de bom grado, porque sei que é essa também a vontade do Bloco de Esquerda, e lamento que a Senhora não tenha... Eu queria pedir-lhe a humildade de descer do pedestal da sua ideologia, se calhar um pouco mais sectária, relativamente às nossas propostas e olhasse para esta proposta, como a proposta que é melhor para os açorianos em termos daquilo que tem sido defendido pelo Bloco de Esquerda ao longo da sua permanência neste Parlamento.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

A Mesa não tem mais inscrições. Senhora Deputada Catarina Cabeceiras, faça favor.

(\*) **Deputada Catarina Cabeceiras (CDS-PP):** Muito obrigada, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhores Membros do Governo:

Começo este debate por dizer que realmente é importante também que das comissões saia trabalho daquilo que pode ser a melhoria dos diplomas. Realmente, não é muito comum, mas saiu esta proposta, em alternativa à que estava em Comissão.

Realmente, é importante este trabalho de Comissão e faz parte dos trabalhos que são desenvolvidos no âmbito das audições daquilo que é discutido nas comissões parlamentares.

Depois, voltando aqui um bocadinho atrás, e estamos a falar aqui das taxas moderadoras, estas foram implementadas em 2011, pelo Governo do Partido Socialista.

A verdade é que, desde então, foram surgindo várias propostas para que estas fossem abolidas, nomeadamente até por parte do CDS, também apresentámos propostas nesta Casa, nesse sentido.

A verdade é que agora temos aqui em discussão uma proposta do Partido Socialista que faz uma alteração às taxas moderadoras, mas que estas continuem, por exemplo, na questão dos serviços de urgência dos centros de saúde.

A verdade é que, no nosso entendimento, parece-nos que é importante que estas sejam abolidas dos centros de saúde, até porque, primeiro, o serviço de urgência que é prestado num centro de saúde é diferenciado daquele serviço de urgência que é prestado num hospital.

Queremos, e acho que é importante, dar esta primazia aos cuidados de saúde primários, para que depois, exatamente, caso exista a referenciação de especialidade para o hospital, que realmente o utente seja encaminhado nesse sentido, mas dando a primazia aos cuidados de saúde primários. E isso parece-nos que é importante.

A verdade é que também na maior parte das ilhas o utente não tem a possibilidade de poder aceder a uma urgência de um hospital, que tenha uma outra resposta que o centro de saúde não tem.

E, por isso, parece-nos importante que, realmente, sejam abolidas as taxas moderadoras nos centros de saúde.

Depois dizer, e quando foi aqui questionada a questão de manter as taxas moderadoras nos hospitais, a verdade é que também muitas vezes (e até no

próprio trabalho de comissão, isso foi referenciado), o facto de existir um congestionamento nestes serviços de urgência, há realmente momentos de grande tensão para que se consiga dar uma resposta efetiva às situações urgentes e emergentes.

E por isso, parece-nos que esta moderação, mantendo-se nos hospitais, terá esse sentido para também tentar orientar aqui o fluxo, descongestionar os serviços de urgência, para que realmente exista esta resposta e uma resposta também mais atempada, digamos assim, nesse sentido, no atendimento ao utente.

Quanto à questão que foi aqui mencionado pela Senhora Deputada Alexandra Manes, que poderá levantar aqui alguma suspeição, a verdade é que neste ponto n.º 2, o que temos, neste momento, é remeter para um DRR.

E a verdade é que, aí sim, fica na mão do Governo e a alteração que estamos a fazer, neste momento, é que realmente seja decidido nesta Assembleia.

Tantas vezes temos falado da centralidade, e bem, deste Parlamento. Parece-nos que é uma melhoria que se faz com esta proposta.

Já em 2011, na iniciativa que foi discutida nesta Casa, e que foi chumbada pelo Partido Socialista, o CDS-PP na altura, pela voz do Senhor Deputado Artur Lima, agora Vice-Presidente, mencionava exatamente isso, o facto de remeter para Decreto Regulamentar Regional.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** A verdade é que isto é uma vantagem e realmente parece-nos que assim está melhor e que é uma mais-valia também para a dinâmica parlamentar, para a centralidade do Parlamento, em que realmente está definido aqui em Decreto Legislativo Regional.

Também dizer que, parece-nos que esta decisão e a decisão de manter, pelo menos para já, nesta iniciativa que saiu da Comissão, a taxa moderadora nos hospitais, não é que seja uma coisa efetiva. Neste momento parece-nos que é a decisão mais acertada. A verdade é que também estamos aqui perante uma

proposta do Partido Socialista que, há bem pouco tempo atrás, quis manter as taxas moderadoras e agora entende que é o momento de abolir essa taxa moderadora, pelo menos em determinadas situações.

Portanto, no entendimento do Grupo Parlamentar do CDS, mantendo, para já, a taxa moderadora na questão dos utentes sem referenciação, parece-nos que, para já, é o caminho acertado, não inviabilizando que de futuro tal possa ser alterado também porque a nossa sociedade é dinâmica e realmente a verdade é que neste, neste preciso momento, entendemos que nos centros de saúde será uma mais-valia, dando a primazia realmente aos cuidados primários, mantendo para já nos hospitais, exatamente por esta questão de tentar conseguir otimizar uma melhor resposta e uma resposta mais atempada às situações urgentes e emergentes.

Muito obrigada.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Pergunto se há mais inscrições?

Senhor Deputado Tiago Lopes, faça favor, tem a palavra.

(\*) **Deputado Tiago Lopes (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Eu penso que há um equívoco, pegando aqui nas palavras da Senhora Deputada Ana Quental. Eu penso que o equívoco é da parte, efetivamente, do PSD.

E porquê? Porque a Senhora Deputada Ana Quental diz que o regime, atualmente em vigor, em território continental, retirou as taxas moderadoras

nos serviços de urgência, nos, vulgo, Serviço de Atendimento Permanente dos centros de saúde.

Mas se lermos o Decreto de Lei que vigora desde 27 de maio deste ano, a redação é esta.

“Sem prejuízo do disposto no artigo 2.º, a cobrança de taxas moderadoras é dispensada no atendimento em serviço de urgência.” Portanto, é para tudo.

“Nas situações em que há referenciação prévia pelo SMS, ou nas situações das quais resulta admissão em internamento através da urgência.”

Fala em serviço de urgência. Ponto. É para todos.

Portanto, o argumento que utilizou, ou é um equívoco, ou é uma falácia.

Depois, há outra situação também que foi referida pela Senhora Deputada Ana Quental, que é a proposta da CAS.

Diz a Senhora Deputada que a proposta que temos, originária do PSD e que foi admitida na CAS, as comissões servem para melhorar. Então, como é que as comissões servem para melhorar se o PSD apresenta uma iniciativa assim, de repente, no intervalo da Comissão, quando ainda não tínhamos concluído as audições todas que foram diligenciadas?

Faltava ouvir o Hospital da Horta, faltava ouvir o Hospital de Santo Espírito e, portanto, nada importava o que aqueles conselhos de administração iam dizer, porque o PSD já tinha formado a sua ideia, errada, com base numa leitura, conforme eu tive oportunidade de referir, do Decreto-Lei, do regime atualmente em vigor em território continental.

E depois tenho que efetivamente acompanhar a posição do Senhor Deputado Pedro Neves e da Senhora Deputada Alexandra Manes, naquilo que eles referem relativamente àquilo que é proposto, na proposta apresentada pelo PSD. É porque Vossas Excelências propõe basicamente dar com uma mão e retirar com a outra.

É porque Vossas Excelências propõem retirar as taxas moderadoras nos serviços de urgência, nas unidades básicas de urgência das unidades de saúde

ilha, mas depois fazem uma alteração no ponto 2, onde, na redação atual, que vigora desde 2011, diz que “são isentos do pagamento das taxas moderadoras, os utentes que se encontram em situações clínicas ou pertençam ao grupo social ou financeiramente vulneráveis, constantes de relação estabelecer em Decreto Regulamentar Regional”.

E Vossas Excelências propõem que a redação passe a ser: “isentos do pagamento de encargos, ou a redução desses mesmos encargos”, mediante a publicação de uma portaria que Vossas Excelências propõem no ponto 5.

Portanto, eliminam por um lado, os que estão isentos e que poderão vir a pagar, porque Vossas Excelências propõe “isentos ou com redução de pagamento” e depois ainda tem aqui uma situação mais grave, que é eliminam as situações clínicas. Ou seja, neste momento, nós temos um Decreto Regulamentar Regional que define os grupos social e financeiramente vulneráveis e, por outro lado, define as condições clínicas que também são isentas de taxas moderadoras e Vossas Excelências tiram as situações clínicas, que, neste momento, estão isentas: doentes transplantados, doentes com fibrose quística. O que é que lhes vai acontecer? Vão ter que pagar agora?

Isso é um desnorte completo, a proposta que Vossas Excelências apresentam. Portanto, isto que aqui está efetivamente é uma tentativa desesperada de apresentar alguma coisa só para tentar ofuscar a iniciativa apresentada pelo Grupo Parlamentar do PS.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** É uma tentativa aqui de ofuscarem a inação deste governo que, já desde junho, podia e devia ter apresentado uma proposta, para que as taxas moderadoras já tivessem sido eliminadas e restabelecer, em pé de igualdade, as mesmas condições que existem em território continental e colocam neste momento os cidadãos açorianos em pé de desigualdade.

Muito obrigado.



**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Secretário Regional da Saúde e Desporto.

**(\*) Secretário Regional da Saúde e Desporto (Clélio Meneses):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo: Conforme tive oportunidade de referir em sede de comissão, o que me parece, e o que parece ao Governo Regional, é que os problemas estruturais da saúde, na região, não se resolvem, nem por haver taxas moderadoras, nem por não haver taxas moderadoras.

**Deputado Nuno Barata (IL):** Nisso o senhor tem razão!

**O Orador:** É esse o nosso entendimento. O nosso entendimento é que focar na existência de taxas moderadoras, que têm um impacto residual quer para quem as paga, quer para quem as recebe, focar o debate da saúde nisso, é minimalista e é redutor dos reais problemas de saúde.

Digo isto, porque os problemas são enormes e estarmos aqui a perder tanto tempo a discutir questões com esta dimensão, parece-me que é perder tempo relativamente à necessidade de discutirmos, de refletirmos e de contribuirmos (sobretudo, contribuirmos) com respostas para melhores resultados em saúde. E os problemas estruturais são ao nível do financiamento, são ao nível da escassez de recursos humanos, das infraestruturas que estão em situação, muitas delas, indignas, de equipamentos obsoletos, de um problema estrutural que temos que pensar nele, que tem a ver com a alteração da estrutura etária da população, sendo certo que temos cidadãos com maior esperança de vida, mas infelizmente com uma esperança de vida não saudável, o que faz com que seja essencial termos uma abordagem de fundo a todas essas matérias e, por consequência, temos um problema que é o problema do acesso à saúde.

Esse problema do acesso à saúde é um problema que tem a ver com todos os outros que referi atrás, mas é aquele que é afeta diretamente do cidadão.

E o que temos, como já tive oportunidade de referir aqui nesta Assembleia, é cidadãos que não têm meios para recorrer a uma consulta, a um exame, a uma cirurgia privada. E levam tempo para aceder a uma resposta pública, quer seja em meses ou anos de consulta, ou em anos à espera de uma cirurgia.

Esses cidadãos que não têm esses meios têm, obviamente um enorme problema nas suas vidas e os outros cidadãos que têm meios pagam os seus impostos e depois têm que pagar um seguro de saúde para ter acesso ao cuidado de saúde.

É dessa dupla injustiça que estamos a falar, e é importante focarmos a nossa abordagem de saúde em tudo isto, nos problemas estruturais da saúde, através de respostas estruturais, através de um pensamento estratégico, através de reformas de reorganização estrutural para podermos realizar saúde com eficácia. É este o entendimento do Governo Regional.

Percebo que para o Partido Socialista é através da taxa moderadora que se resolve tudo. Não é novidade.

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Mas também para ali!

**O Orador:** É uma proposta de alteração, a uma iniciativa do Partido Socialista.

Mas permita-me, que conclua.

Já em 2011, no dia 8/07/2011, o então Secretário Regional da Saúde, perante uma pergunta de um deputado do PSD que identificava o “problema que existe nos Açores (e estou a citar), e que o Governo Regional nunca foi capaz de resolver, é o problema do acesso aos cuidados de saúde”.

Qual era a resposta do então Secretário Regional da Saúde?

“Através das taxas moderadoras, vamos resolver.”

Por isso, não é novidade que para o Partido Socialista se entenda que, de facto, as taxas moderadoras são a panaceia.

O problema é que tem feito isso de uma forma contraditória, ora porque defende as taxas moderadoras, ora porque defende que se tire taxas moderadoras e se está contra as taxas moderadoras. E nessa contradição também é uma marca do Partido Socialista.

Devo notar que, em 2002, o então Presidente do Governo dos Açores, Carlos César, defendia a possibilidade de implementar taxas moderadoras.

Defendia, mas não implementou.

Em 18 de fevereiro 2011, dizia Carlos César:

“Acho que é razoável, em Portugal, não onerando aqueles que têm menores rendimentos que haja taxas especiais e impostos especiais dirigidos ao financiamento dos serviços públicos gratuitos de saúde e educação.”

Na altura, ele defendia que sim, mas, consequência, não implementou.

Depois em 2011, no dia 28/06/2011, fez publicar um Decreto Regulamentar Regional para entrar em vigor dois dias depois, a implementar taxas moderadoras, curiosamente dizendo isto (Decreto Regulamentar Regional): “a consolidação orçamental no sector da saúde obriga a que se tomem medidas promotoras da utilização eficiente dos recursos e da diminuição da despesa.”

Se estes argumentos levaram a criar taxas moderadoras, significa que para o Partido Socialista, agora, nada disto é problema, que está tudo bem encaminhado, por isso não é preciso taxas moderadoras.

Mas o que é mais relevante de tudo isto é que, na altura, o então Presidente do Governo dos Açores, Carlos César, dizia o seguinte:

“Não concordo com as taxas moderadoras.”

Em julho de 2011, dizia, “não concordo com as taxas moderadoras, sou contra a existência de taxas moderadoras”, mas implementou e temos essa situação absolutamente caricata de que quando Carlos César dizia que era a favor das taxas moderadoras, não implementava taxas moderadoras, mas depois, quando diz que é contra as taxas moderadoras, implementa as taxas

moderadoras. Foi isso que aconteceu e na altura, dizia o seguinte, Carlos César:...

**Deputada Alexandra Manes (BE):** E a proposta dali, é avulsa ou não é?

**O Orador:** As taxas moderadoras...

**Deputada Alexandra Manes (BE):** É a proposta dali, é avulsa ou não é?

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Está incomodada, Sra. Deputada?

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Não, e o senhor está?

**O Orador:** Posso continuar, Senhor Presidente?

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Está incomodado, Sr. Deputado?

**O Orador:** Dizia Carlos César, na altura, para fundamentar a sua proposta:

**Deputada Alexandra Manes (BE):** É uma proposta avulsa ou não é, aquela que vem dali?

**O Orador:** “As taxas moderadoras para a maioria esmagadora da população são irrelevantes”.

Dizia ele mais.

“Essa diferença, temos de ser sérios. Não é relevante do ponto de vista da acessibilidade de uma pessoa ao sistema de saúde.”

Isto é, entendia que era importante haver taxas moderadoras e não era relevante.

Agora, parece que o Partido Socialista, estando na oposição, já acha que é relevante e quer retirar as taxas moderadoras.

Mas o que é mais significativo e que é importante que todos tenhamos consciência, é dos fundamentos apresentados por Carlos César, em julho de 2011, para implementar taxas moderadoras.

Quais eram os dois argumentos?

Dizia Carlos César, e estou a citar: “porque é que nós adotámos as taxas moderadoras?”

Continuo a citar:

“Porque para além, evidentemente, do efeito moderador que uma taxa de pagamento sempre tem na prestação de qualquer serviço, porque é pelo menos psicologicamente inibidor o recurso a um serviço que tem uma determinada taxação...”.

Isto é, o primeiro argumento era a moderação do acesso. É o primeiro argumento, que parece que é assumido pelo Partido Socialista. Mas dizia mais: “Para além desse efeito de moderação que essas taxas têm, resulta da sua cobrança uma verba que, sendo embora pouco relevante no contexto global da despesa do sistema regional de saúde, cerca de 1% da despesa global é, no entanto, ajustada à existência, por contrapartida da entrada em funcionamento de novos serviços que nós consideramos essenciais para a moldura de prestação de serviços do Serviço Regional de Saúde, no caso, o tratamento do cancro e o pagamento do centro de radioterapia”.

Isto é, em 2011, o Presidente do Governo Regional dos Açores defendeu, assumiu, que implementava taxas moderadoras, contra a sua vontade, mas implementava, com dois objetivos: para moderar o acesso e para financiar a radioterapia.

**Deputada Ana Luís (PS):** Passaram 11 anos, Sr. Secretário!

**O Orador:** Felizmente, para os açorianos, houve mudança de Governo e, passado 10 anos, teve que ser este Governo a fazer o serviço de radioterapia na ilha Terceira.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

Por isso está bem demonstrada a falta de fundamentos.

Carlos César é que dizia...

**Deputada Alexandra Manes (BE):** A proposta é avulsa ou não é?

**O Orador:** Senhora Deputada não se enerve.

**Deputada Alexandra Manes (BE):** A proposta é avulsa ou não é?

**O Orador:** Não se enerve!

Carlos César é que dizia que obrigava os açorianos a pagar taxa moderadora com 2 objetivos: para moderar o acesso... E a pergunta é: o PS que antes entendia que era importante moderar o acesso, acha que já não é importante moderar o acesso? É a primeira pergunta que fica.

O PS mudou de atitude, antes no Governo, e agora na oposição?

E o segundo argumento apresentado por Carlos César para obrigar os açorianos a pagar taxa moderadora foi para financiar o serviço de radioterapia, em 2011.

Os açorianos esperaram 10 anos, de 2011 a 2021, para que o serviço de radioterapia fosse implementado na Região Autónoma dos Açores.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Deputado Francisco Coelho (PS):** E no fim, em 2012, Carlos César ganha as eleições!

**Presidente:** Obrigado, Sr. Secretário Regional.

Sr. Deputado Paulo Estêvão pede a palavra para?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Para solicitar um intervalo regimental de 30 minutos.

**Presidente:** Regressamos às 18h30.

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Agora que eu ia tornar a perguntar se a proposta é avulsa, uma proposta isolada, que não serve de nada! Paciência!...

*Eram 18 horas.*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, vamos recomeçar os nossos trabalhos!

*Eram 18 horas e 34 minutos.*

Vamos dar continuidade ao nosso debate. Estava inscrito o Senhor Deputado Nuno Barata, a quem deu a palavra.

**Deputado Nuno Barata (IL):** Prescindo!

**Presidente:** Prescinde.

Pergunto se há mais inscrições?

Senhora Deputada Ana Quental, tem a palavra.

(\*) **Deputada Ana Quental (PSD):** Obrigada.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Apenas para esclarecer aqui mais uma vez a diferença entre a nossa proposta e a proposta do PS. A nossa proposta é a melhor para os açorianos, porque o que nós queremos é acabar com as taxas moderadoras nos serviços de urgência básicos, nos SAU, nas urgências dos centros de saúde e mantém-se no hospital, como diz a legislação, Senhor Deputado Tiago Lopes.

Efetivamente, a legislação a nível nacional, a alteração do Decreto-Lei 103/2011, de 29 de novembro, os artigos 2.º, 6.º e 8.º, na sua atual redação, passa a ser a seguinte:

O artigo 2.º diz: “As prestações de saúde, cujos encargos sejam suportados pelos orçamentos do Serviço Nacional de Saúde, implicam o pagamento de taxas moderadoras apenas nas urgências dos hospitais.”

E o que nós queremos na nossa proposta, é que os açorianos fiquem em pé de igualdade com os utentes do continente, pagando apenas nos hospitais e não nas urgências dos centros de saúde.

**Deputado António Vasco Viveiros (PSD):** Mantêm-se as exceções!

**A Oradora:** Mantêm-se as exceções, sim.

Nós não queremos alterar também os critérios das pessoas.

Senhora Deputada Alexandra Manes, nós não estamos aqui trabalhando avulso, nós não estamos a mexer nos critérios das isenções, mantém-se de todas as pessoas que precisam.

Nós queremos, simplesmente, ajudar a orientar os fluxos dos utentes, na utilização dos serviços de saúde.

Nós queremos que estes que estão sempre mais saturados, que estão mais congestionados, que são os hospitais, que fiquem um bocadinho mais aliviados da pressão, porque efetivamente as unidades de saúde básicas dos centros de saúde, as urgências dos centros de saúde, têm maior capacidade de resposta, estão sempre menos congestionados e têm uma maior proximidade para com os utentes.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Efetivamente, o que se pretende é moderar a procura dos serviços de saúde, evitando a sua má utilização e promovendo a otimização dos recursos.

Portanto, nós pretendemos melhorar a qualidade de vida dos açorianos e evitar que eles paguem nas urgências dos centros de saúde.

Tenho dito.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigado, Sra. Deputada.

Sr. Deputado Carlos Furtado, faça favor.

**(\*) Deputado Carlos Furtado (PSD):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:



Sim, esta iniciativa tem a bonomia de se revelar importante para a vida dos açorianos, na medida em que vai diminuir os custos também com a saúde, porque, aquilo que é proposto e que até foi ratificado pela Comissão dos Assuntos Sociais, no sentido de generalizar mais a isenção das taxas moderadoras, é uma medida importante, mas a minha intervenção tem outro princípio também, que é advertir esta Câmara, e lembrar os açorianos que o modelo legislativo que tem sido posto em prática nesta Casa, não corresponde àquilo que eu acho, que deve ser o serviço que prestamos ao povo açoriano. Ou seja, essa iniciativa já está há algum tempo em comissão. Os partidos tiveram oportunidade de se pronunciar. Não se pronunciaram e estamos nós, neste momento, a discutir a iniciativa e chovem propostas de alteração, com mérito, com certeza. Prova que os partidos estão a trabalhar, que estão a apresentar suas propostas de alteração, mas eu quero deixar aqui um alerta.

Não se consegue fazer um trabalho, pelo menos para quem trabalha sozinho, em profundidade, analisar as propostas de alteração como devem ser analisadas, no mesmo momento em que estamos a ouvir as intervenções dos deputados e de todos os membros que intervêm sobre este assunto.

A determinada altura chega-se ao momento das votações e não se consegue fazer um trabalho rigoroso. Não fosse o intervalo regimental pedido pelo Senhor Deputado Paulo Estêvão e eu não estaria em condições de, em consciência, votar essa iniciativa e as respetivas propostas de alteração.

Isto é muito grave, porque estamos a lidar com a vida das pessoas, estamos a lidar entre fazer legislação bem feita ou sem ser bem feita.

E eu deixava um apelo, é que os partidos percebam que isto é uma realidade e que essa realidade afeta principalmente estruturas pequenas, ou muito pequenas, como aquela que eu aqui represento e têm, nalguns casos, uma votação preponderante naquilo que vai ser votado.

Portanto, eu quero fazer um bom trabalho. O intervalo regimental que foi pedido foi usado até ao último minuto para analisar as propostas que

entraram, para poder fazer um voto em consciência. Se eu fosse fumador e tivesse que cinco minutos para fumar um cigarro, antes analisar essas propostas, já não teria tempo suficiente para fazer a análise que devia fazer a esse diploma.

Isso é um assunto que deve ser denunciado como eu estou denunciando aqui aos açorianos.

Temos que adotar uma prática legislativa que seja mais correta, mais séria, mais profunda, em termos dos objetivos. Essa é a minha opinião, desculpem-me os senhores.

Eu reconheço o trabalho de todos os partidos, mas o que é certo é que, chegado a este momento, tem que haver melhor entendimento, tem que haver melhor gestão do tempo e do trabalho parlamentar que é feito nessa Casa.

Caso contrário, eu estou convencido que não estamos a prestar um bom serviço.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado Nuno Barata.

(\*) **Deputado Nuno Barata (IL):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Eu vou pegar na deixa do Senhor Deputado Carlos Furtado, porque também já não é a primeira vez que me queixo dessa situação.

Mas o que é facto é que, na verdade, é o Regimento que temos.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** É a vida!

**O Orador:** Ou é a vida, como diz a Senhora Deputada Andreia Cardoso!

Enquanto não alterarmos o Regimento, é a vida.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Estamos a trabalhar nisso!

**O Orador:** E estamos a trabalhar nisso, é verdade.

Mas, como já aconteceu de manhã, há diplomas que estão na Comissão semanas a fio, meses a fio e que depois chegam aqui quase nas mesmas condições que entraram na Comissão, ou seja, impróprios, incapazes, com

todos os problemas que todos nós gastamos imenso tempo (não sei, se o Senhor Deputado Carlos Furtado gastou), mas o Bloco de Esquerda gastou imenso tempo, o PAN gastou imenso tempo, eu gastei imenso tempo.

O diploma, por exemplo, que baixou à Comissão, há bocado, por recolhimento do PSD, e baixou à Comissão, bem, porque o diploma de facto estava impróprio para ser apresentado sequer nesta Assembleia, nós tivemos todos um trabalho enorme a fazer, os nossos gabinetes estiveram dedicados àqueles diplomas e depois acabou por não se discutir nada. Foi o diploma das cantinas e buffet.

Mas isso é só um exemplo de coisas que passam pelas comissões, que se ouve muita gente, ouve-se gente a mais às vezes, mas não se faz o trabalho que é preciso ser feito, é verdade, Senhor Deputado Carlos Furtado, mas é a vida.

E nós chegamos aqui e temos o artigo 134.º, que nós não temos, os grupos parlamentares é que têm (se nós nos unirmos os 5, também temos), para fazer baixar à Comissão, até à votação na generalidade. Portanto, também é uma coisa que podemos fazer a qualquer momento.

O diploma que nos traz aqui é mais um caso desses, parecido com esses.

O diploma que cria o Serviço Regional de Saúde, é de 1998, salvo erro. Eu posso estar enganado, mas penso que é de 1998, e teve duas alterações cirúrgicas: uma em 2007 para a criação dos hospitais EPE, para a desorçamentação e o outro, que não sei precisei a data, mas que é precisamente o das taxas moderadoras, mas que penso que é de 2011, salvo erro.

E, portanto, se calhar, o que nós temos que fazer é, à semelhança do estatuto do aluno, em vez de remendozinhos, pegar no diploma a sério e revê-lo todo de cima abaixo.

E no caso dos da educação, é pegar no 118/2007 e vir por ali abaixo, revê-lo todo, e no caso deste de 98, também pegar por aí abaixo e revê-lo todo e fazer

um diploma em condições, porque aí também sou obrigado a concordar com o Senhor Secretário da Saúde, isto é tão pouquinho, tão pouquinho, do ponto de vista, quer da receita para a saúde, quer do esforço para as famílias que, se calhar até o melhor era acabar com isto tudo.

Eu não posso fazer requerimento de baixa a Comissão, mas se calhar alguém pode fazer baixar isso outra vez à Comissão, para a gente olhar para isso todos, como deve ser.

Mas olhar para o diploma do Serviço Regional de Saúde de cima a baixo. Dissecá-lo e transformá-lo numa atual, capaz, que resolva os problemas das pessoas e que resolva também os problemas que foram a causa das taxas moderadoras, porque as taxas moderadoras também apareceram, a certa altura, e é por isso que a proposta de alteração da Iniciativa Liberal também as mantém aqui, em alguns casos, porque a vontade era acabar com elas definitivamente, mas há necessidade de fazer uma certa pedagogia no acesso aos serviços de urgência, quer nos centros de saúde, quer nos hospitais, porque as pessoas não podem continuar a ir para um centro de saúde às 8 da manhã, à procura de um atestado médico, porque não podem ir trabalhar por um motivo qualquer. E isto tem que ser feita uma certa pedagogia.

Ora, parece-me que neste momento nós não estamos, de facto, em condições de votar esse diploma.

E por isso exorto os grupos parlamentares a pensarem nessa questão, porque de facto não me parece que a gente esteja em condições de votar isso em consciência.

Não sei se o Senhor Deputado Carlos Furtado está, se o Senhor Deputado José Pacheco está.

Nós fizemos um esforço, aproveitámos o intervalo regimental pedido pelo Senhor Deputado Paulo Estêvão para, inclusivamente, meter uma substituição integral da nossa proposta de alteração, porque tinha uma gralha, tinha um problema porque essas coisas são assim mesmo.

A gente faz um esforço para trabalhar, mas não consegue chegar a tudo, como é óbvio e por isso acho que essa era mais uma daquelas que era bom rever até o fim.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Senhora Deputada Alexandra Manes, faça favor.

(\*) **Deputada Alexandra Manes (BE):** Obrigada, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Relativamente à proposta que nos é apresentada pela CAS, pela maioria da CAS, há aqui uma coisa que não fica clara e tem que ser esclarecida.

Esta proposta, aparentemente, o que faz é abrir a porta para situações em que atualmente pessoas que estão isentas das taxas moderadoras, ou venham a pagar, mesmo que de forma reduzida.

É que isto não está claro. Esta redação não está clara e é isto que parece fazer. E é isto que é importante ficar clarificado aqui, porque a pessoa que faz a leitura disto, é essa a leitura que faz: “são isentos do pagamento dos encargos ou gozam de redução”.

Ó Senhores Deputados, ou vamos abolir conforme o senhor Deputado Bruto da Costa disse, ou vamos reduzir.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Estamos a falar da mesma coisa!

**O Orador:** Agora, é importante que as pessoas percebam, se aquelas pessoas que estão atualmente isentas virão a pagar alguma coisa, mesmo que resumido, que seja pouco. Isto é preciso ficar clarificado aqui.

Por que até o Senhor Deputado Bruto da Costa pode ter tido razão quando disse que eu percebi mal, mas da mesma forma que eu poderei ter percebido mal, quem lê isso, à primeira, a impressão que fica é exatamente essa, que podem gozar de redução. E redução é muito diferente de abolição e isenção, e isso tem que ficar clarificado aqui.

Que é uma decisão unilateral, é, porque é em portaria e não venham dizer que não é.

Será decidido, não aqui na centralidade do Parlamento, que muita gente andou aqui a falar dela (não é a centralidade do Parlamento) que passará a decidir isto. Isto não chega aqui. Isto fica em portaria e ninguém venha dizer que não.

Outra coisa, Senhora Deputada Ana Quental, com todo o respeito por si:

A Senhora Deputada disse, e eu acredito que da sua parte, até possa ser verdade, que não cria um carimbo.

Que tinha sido proposta à Comissão dos Assuntos Sociais que assinasse e adotasse esta proposta do PSD, no entanto, se não quisesse um carimbo, tal e qual disse, não tinham feito uma iniciativa, convocado a comunicação social para apresentar como uma proposta do PSD.

Tinha falado unicamente, o Senhor Presidente da Comissão de Assuntos Sociais, para apresentar a proposta.

Portanto, aquilo que disse aqui não corresponde com a ação do seu grupo parlamentar. Houve aqui uma intenção clara de perceberem que a proposta era vossa e que depois, humildemente, muito humildemente, a tinham proposto à Comissão de Assuntos Sociais. Não tinham ido para a comunicação social apresentar como uma proposta do Grupo Parlamentar do PSD, porque isso em si já é o carimbo, Senhora Deputada.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem a palavra a Senhora Deputada Catarina Cabeceiras.

(\*) **Deputada Catarina Cabeceiras (CDS-PP):** Obrigada, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhores Membros do Governo:

**Deputado Berto Messias (PS):** Primeiramente...

**A Oradora:** Agora quem usa é o Senhor Deputado Vasco Cordeiro. É que vai ficar com esse tique.

Na sequência da intervenção da Deputada Alexandra Manes, quem está confusa sou eu, porque a verdade é que o temos atualmente no DRR é, no artigo das isenções: “estão isentos do pagamento das taxas moderadoras ou gozam de redução da taxa, os beneficiários que se encontram nas situações previstas na legislação nacional sobre a matéria.”

Ou seja, “**ou gozam** de redução” no DRR, que está em vigor.

Na nossa redação, está exatamente a mesma coisa: são isentos do pagamento os encargos, ou gozam de redução, os mesmos beneficiários que pertençam a grupos social ou financeiramente vulneráveis...”. Está igual. É isso que não percebo, qual é a diferença.

A diferença é só que aqui está no DLR, na proposta da Comissão, e aqui está no DRR.

**Deputado António Lima (BE):** O Parlamento não aprovou isso!

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Sra. Deputada, não passou por aqui!

**A Oradora:** Eu não sei qual é a diferença?

A do DRR não passou por aqui, mas esta vai passar.

Portanto, está da mesma forma.

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Corrija isso!

**A Oradora:** É igual! Está em vigor desde 2011.

A verdade é que o que é preciso esclarecer é, realmente, qual é o posicionamento de cada um de nós nesta Casa e, efetivamente, quem é que entende que deve existir taxas moderadoras, quem é que entende que deve existir taxas moderadoras nos centros de saúde sem hospital, quem é que entende que deve haver taxas moderadoras nos serviços de urgência das ilhas sem hospital, ...

**Deputada Ana Luís (PS):** É nos centros de saúde!

**A Oradora:** ... ou nos serviços e urgência dos hospitais? É isto que é preciso entender e a posição de cada um nesse sentido.

No nosso entendimento, neste momento devem ser abolidas as taxas moderadoras nos serviços de urgência dos centros de saúde e devem, para já, se manter nas urgências dos hospitais para tentar garantir, nos hospitais onde há uma maior pressão, um serviço de atendimento mais célere às situações urgentes e emergentes.

Quanto àquilo que foi apresentado e aquilo que foram as propostas de alteração, a verdade é que quando nós, na alteração da Comissão, no artigo 2.º, em que falamos das situações que se coadunem com as situações previstas na legislação nacional, é efetivamente aquilo que é alterado a nível de legislação nacional, é automaticamente atualizado. Essas situações são automaticamente integradas nas isenções na região.

A verdade é que na proposta de alteração, que é apresentada pela Iniciativa Liberal, em que colocou de forma discriminada todas as situações de isenção, faz com que, se existir uma alteração na legislação nacional, essa não é automaticamente abrangida na região.

Em boa hora, a Iniciativa Liberal fez a nova redação do n.º 4. Da forma como estava, não podia ser, porque a verdade é que pagavam nos centros de saúde das Velas e da Calheta, e não pagavam na Praia da Vitória ou na Ribeira Grande. Portanto, apresentou essa proposta de alteração.

No nosso entender, e é essa a nossa convicção, as taxas moderadoras devem ser, neste momento, abolidas nas urgências dos centros de saúde, porque também entendemos que a base e o que originou esta iniciativa inicial do Partido Socialista foi exatamente equiparar àquilo que existia, ou que existe neste momento a nível nacional e, no nosso entendimento, é com a abolição das taxas moderadoras das urgências dos centros de saúde que realmente ficamos numa situação igual à nacional e, como tal, até esse desiderato, que era da iniciativa inicial, é cumprido exatamente com esta iniciativa que saiu dos trabalhos de Comissão.

**Deputada Ana Luís (PS):** Não se pode comparar!



**A Oradora:** Por isso, parece-nos que esta confusão que querem também lançar aqui, mesmo com a questão da redução, e pôr aqui a dúvida, de que as pessoas que são isentas vão passar a deixar de ser isentas para terem uma redução, no caso dos diabéticos, das grávidas, não é nada disso.

A verdade é o que já está a ser praticado neste momento.

Muito obrigada.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem a palavra o Senhor Deputado Tiago Lopes.

**(\*) Deputado Tiago Lopes (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, antes de mais, e na sequência da intervenção da Senhora Deputada Catarina Cabeceiras, fica claro que a proposta apresentada pelo PSD, aquilo que pretende, efetivamente, é tornar em letra de lei aquilo que está subjacente e que não é aqui claramente transmitido a esta Assembleia, que é a questão da redução.

A redução, não estando claramente definida de que modo é que vai ser feita, como é que nós podemos?...

**Deputada Catarina Cabeceiras (CDS-PP):** Está da mesma forma!

**O Orador:** Não está, Sra. Deputada. É um DRR que possibilita ao Governo, através de DRR, e para lá daquilo que está na lei. Isso não impede.

Agora, quando põe isso em letra de lei, sem ser claro aquilo que vai ser aplicado na prática e que fica subjacente mediante a publicação de uma portaria conjunta das finanças e da saúde, isso é que é escamotear uma ideia

que está aí subjacente na iniciativa do PSD e que não é transmitida cá para fora. A questão é essa.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Sr. Deputado, o que é que o senhor tem, neste momento, aprovado pelo seu Governo?!

**O Orador:** Senhor Deputado João Bruto da Costa, aquilo que eu lhe vou dizer é o seguinte, porque foi o senhor que deu voz a uma suposta iniciativa da CAS, que afinal era do PSD, e é isso que o senhor precisa de ouvir agora, o que eu lhe vou dizer:

Tanto o Governo, como o PSD, pararam no tempo. E pararam no tempo por causa do quê?

A Senhora Deputada Ana Quental, na sua intervenção de há pouco, faz menção ao Decreto-Lei n.º 113/2011, que foi revogado.

Esse decreto-lei foi revogado Senhora Deputada, a 27 de maio, deste ano.

Estamos a falar do Decreto-Lei n.º 37/2022, que eu acabei de ler, que é dispensada no atendimento em serviço de urgência. Ponto. É para todos.

A senhora ficou presa no passado, tal como o Senhor Secretário.

O Senhor Secretário fala do passado para não querer falar do presente, hipotecando o futuro. O Senhor Deputado vem falar de Carlos César, de propostas 2011. Onde é que está a proposta do PSD em 2020? Zero!

Foi o Bloco e foi o PS que apresentaram propostas para rever e termos o atual regime de taxas moderadoras.

Onde é que está a proposta do PSD que estava tão preocupado com as taxas moderadoras?

Ninguém viu e vê aonde?

Agora, perante a iniciativa que nós tivemos e apresentámos nesta Assembleia, que foi analisada na CAS, veio o PSD, à pressa, tentar emendar a mão, ainda numa contradição (ainda há pouco, o Senhor Secretário falava em contradições) com o próprio membro do Governo.

Quer dizer, o membro do Governo, na CAS, diz que as taxas moderadoras (e eu até posso aqui citar) “neste momento e nesta fase, infelizmente, os cuidados de saúde são prestados, grande parte deles através de urgências. A urgência, que devia ser uma porta de urgência, de exceção, acaba por ser a grande porta de entrada do Serviço Regional de Saúde”, disse o Senhor Secretário.

**Secretário Regional da Saúde e Desporto (Clélio Meneses):** Voltei a dizer aqui!

**O Orador:** “A proposta do Partido Socialista é uma proposta isolada, avulsa, uma proposta residual. A intervenção que se possa fazer, a intervenção que é necessário fazer....

**Secretário Regional da Saúde e Desporto (Clélio Meneses):** E é!

**Deputada Ana Luís (PS):** E a deles não é, é só a nossa?

**O Orador:** ... não se pode centrar apenas e só nas taxas moderadoras.”

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Tendencioso!

**O Orador:** Acabou de dizer isto no intervalo para o almoço.

Na reunião da Comissão, o PSD dá entrada com uma iniciativa residual, ...

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... avulsa, isolada.

Quer dizer, nem Vossas Excelências se entendem.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Vossa Excelência não se entendem, estão paradas no passado completamente. Ou seja, Vossas Excelências, aquilo que vos interessa, a única motivação, é fazer oposição ao PS e não compreendem que não estão a fazer oposição ao PS.

**Deputados Vasco Cordeiro e Rodolfo Franca (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Vocês estão a fazer oposição, é a quem estão a governar, que são as açorianas e os açorianos.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**O Orador:** E ainda pior! Porque o Senhor Secretário, na Comissão, diz que, e passo a citar, “considera este Governo que os valores atualmente cobrados não são valores muito significativos no orçamento das pessoas”, para depois dizer, “é importante e relevante (isto é que é relevante para o Governo), que os Senhores Deputados tenham conhecimento do impacto que isto poderá ter ao nível dos orçamentos das unidades de saúde, o que significa que são verbas que têm significado para as respetivas unidades de saúde”. Ou seja, este Governo está preocupado, é com a perda de receita.

**Secretário Regional da Saúde e Desporto (Clélio Meneses):** Quem é que disse isso?

**Deputada Ana Luís (PS):** Está no relatório, Sr. Secretário!

**O Orador:** Não é com o orçamento das famílias! E é isso que nos diferencia.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

É isso que nos diferencia, claramente. Há uma linha aqui efetivamente, que nos define e nos distingue. Da parte do PS não nos preocupa que seja retirada despesa ao Governo, desde que seja retirada receita ao Governo, desde que efetivamente seja aliviada a despesa às famílias e aos açorianos.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

Tem agora a palavra a Senhora Deputada Alexandra Mendes.

**(\*) Deputada Alexandra Manes (BE):** Obrigada, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Senhora Deputada Catarina Cabeceiras, um decreto regulamentar é da responsabilidade do Governo, e isso não há dúvidas nenhuma. E a minha intervenção nesse sentido foi, tendo em conta a grande mudança de paradigma que este Governo pretendia fazer, pensávamos nós que isto também passaria a vir à centralidade do Parlamento tão apregoada.

Afinal, um decreto regulamentar não passa aqui, Senhora Catarina, ...

**Deputada Catarina Cabeceiras (CDS-PP):** Está no DRR!

**A Oradora:** ... ou seja, o Governo, unilateralmente, tomará decisões sem que elas passem por aqui.

**Deputada Catarina Cabeceiras (CDS-PP):** Agora, Agora!

**A Oradora:** E isso a senhora não pode dizer que é mentira (isso a senhora não pode dizer que é mentira!).

A coligação o que está a fazer aqui, é mais uma vez dar um cheque ao Governo, de forma unilateral, ...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** É exatamente o contrário!

**A Oradora:** ... para decidir o que quer e o que bem quer, ou seja, mudança de paradigma nenhuma!

Foi um salto grande, mas o seu salto não foi o único.

Aproveito para dizer que a Senhora Deputada Catarina Cabeceiras, teceu um conjunto de elogios à proposta da Iniciativa Liberal.

**Deputada Catarina Cabeceiras (CDS-PP):** Foi exatamente o contrário! Elogios?

**A Oradora:** Senhora Deputada Catarina Cabeceiras, pergunto-lhe a si:

Concorda que se retire a isenção a pessoas que são refugiadas da guerra e da fome? É porque nós não concordamos.

A proposta da Iniciativa Liberal prevê exatamente que se retire a isenção de pessoas refugiadas.

A proposta à qual a senhora teceu um conjunto de elogios, prevê, exatamente que se retire a isenção a pessoas refugiadas da guerra e da fome.

Isto diz muito da proposta de quem votará favoravelmente essa proposta.

**Presidente:** Agradeço que termine.

**A Oradora:** Termine já, Senhor Presidente.

Aproveito para dizer que o Bloco de Esquerda não poderá de forma nenhuma, acompanhar esta proposta.

**Presidente:** Tem agora a palavra o Senhor Deputado João Bruto da Costa.

(\*) **Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Senhora Deputada Alexandra Manes, eu não estava à espera de neste plenário de outubro, estar tão de acordo com o Bloco de Esquerda e a Senhora Deputada, tão com tanta vontade de estar em desacordo connosco, porque a verdade é que a senhora está a dizer exatamente o contrário do que está proposto.

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Não!

**O Orador:** É sim.

O que é que existe atualmente? O n.º 2 atual, do Decreto Legislativo Regional, de 99, que criou ao Serviço Regional de Saúde, diz assim:

“São isentos de pagamento de encargos os utentes em que se encontrem em situações clínicas ou pertençam a grupos social e financeiramente vulneráveis constantes (atenção! Esta é que é a questão) de relação a estabelecer em Decreto Regulamentar Regional, bem como os abrangidos por programas de intervenção do âmbito de promoção e defesa da saúde pública.!”

Isto é como está. Atualmente é assim.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Diz isentos!

**O Orador:** Não, mas é que não é dependente de Decreto Regulamentar Regional. É esse o vosso equívoco.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS: Diz “isentos”!**

**O Orador:** A nossa proposta agora propõe que seja equiparado ao continente. É como é no continente. É assim:

“Estão isentos de pagamentos dos encargos, ou gozam de redução dos mesmos...”

**Deputada Ana Luís (PS):** Ou gozam...

**O Orador:** Ouçam! Leiam até ao fim, sejam minimamente sérios, e cuidadosos na leitura do que estamos a analisar, ...

**Deputada Ana Luís (PS):** Vamos ser! Tem razão!

**O Orador:** ... até porque esta proposta não é de ontem, é a que vem da Comissão.

**Deputado António Lima (BE):** Esse é que é o problema!

**O Orador:** Portanto, convém ler até ao fim, e não induzir em erro, nem interpretar mal, com o devido respeito e a necessária humildade democrática.

Vou recomeçar:

“Estão isentos de pagamento dos encargos, ou gozam de redução dos mesmos, os beneficiários que pertençam aos grupos social ou financeiramente vulneráveis, que estejam abrangidos por programas de intervenção do âmbito de promoção e defesa da saúde pública, e que se coadunem com as situações previstas na legislação nacional sobre a matéria.”

Não há qualquer intervenção, absolutamente nenhuma, de Decreto Regulamentar nenhum! Zero! Desaparece o Decreto Regulamentar, Senhores Deputados.

**Deputada Ana Luís (PS):** Não é esse número. É um bocadinho mais à frente!

**O Orador:** Portanto, não digam que existe uma coisa que é proposto que desapareça.

Então nós tiramos o Decreto Regulamentar, trazemos a decisão para esta Assembleia e a senhora vota contra (diz a Senhora Deputada do Bloco de Esquerda), porque nós queremos que seja o Governo a decidir tudo.

Não!

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Da Iniciativa Liberal, Sr. Deputado!

**O Orador:** Da Iniciativa Liberal, mas disse o mesmo...

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Não, não!

**O Orador:** Há pouco, voltou a ler o artigo 28.º, n.º 2, para dizer que nós tirámos a isenção para permitir que gozem de redução.

**Deputada Alexandra Manes (BE):** É o que está aí escrito!

**O Orador:** Esta é a fórmula que existe a nível nacional. É assim! Portanto, não tem qualquer intervenção nossa.

É precisamente para libertar, aliás, trazer para o Parlamento a decisão e fazer aquilo que é essencial...

O que nós pretendemos com a nossa proposta, como sabem e como volto a referir, desde o início da discussão deste diploma, nós queremos tirar mais um encargo, mais uma taxa àqueles açorianos que vão às urgências dos centros de saúde de todas as ilhas dos Açores, de todos os centros de saúde. Neste momento, é a proposta que fazemos. Com toda a humildade democrática, é melhor, na nossa perspetiva, do que aquilo que propõe o PS. E não, Senhor Deputado Tiago Lopes, o senhor incorreu, eu diria num lapso: não revogaram o de 2011. Alteraram! Tem que ler outra vez o que está escrito no Diário da República.

Muito obrigado, Senhor Presidente.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*



**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Secretário Regional da Saúde e Desporto.

(\*) **Secretário Regional da Saúde e Desporto** (*Clélio Meneses*): Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Para tentar clarificar algumas questões que foram aqui referidas e para tentar repor a verdade noutras.

Quando fiz referência a 2011, não foi por acaso, nem foi por nenhum capricho. Foi apenas porque, em 2011, foi implementado na Região Autónoma dos Açores, por um Governo do Partido Socialista, as taxas moderadoras.

Foi só para dizer onde é que está o início daquilo que estamos a debater: foi em 2011, o Partido Socialista, liderado na altura por Carlos César e muitos dos que estão aqui andavam também ligados ao processo governativo da Região, é que decidiram criar taxas moderadoras na Região.

**Deputado José Contente** (*PS*): E os senhores gostam!

**Deputada Ana Luís** (*PS*): Em 2011! E agora?

**O Orador:** Após 2011, passado esse tempo todo, com governos da República, do Partido Socialista e Governo Regional do Partido Socialista, nunca o Partido Socialista teve essa iniciativa enquanto era Governo.

**Deputada Ana Luís** (*PS*): Teve em 2020!

**O Orador:** Precisou ir para a oposição para, exatamente, apresentar uma proposta para retirar taxas moderadoras, mas desta incoerência do Partido Socialista, ...

**Deputado José Contente** (*PS*): Incoerência?

**O Orador:** É evidente!

Eu percebo que não tenham percebido, eu próprio tive alguma dificuldade em perceber estas posições, disposições e reposições do Partido Socialista sobre taxas moderadoras, mas a conclusão que se chega, e vou repetir tentando ser mais claro, é que em 2002, o Partido Socialista estava a favor, mas não aplicava; em 2011, estava contra, mas aplicava. Coerência absoluta.

Isto é a imagem do Partido Socialista relativamente às taxas moderadoras.

O fundamento que foi apresentado em 2011 para apresentar taxas moderadoras, foram aqueles dois que referi: moderar o acesso e ter receita para pagar o serviço de radioterapia.

Só isto. A origem a esta.

Durante 10 anos, se isto não era um fundamento suficiente, o Partido Socialista teve oportunidade para reverter esta decisão, para alterar, mas não! Deixou, deixou, deixou e precisou chegar à oposição para se lembrar de apresentar esta proposta.

Na altura, para além dos fundamentos que referi, nas várias justificações que foram apresentadas pelo Partido Socialista, era dito o seguinte (o Partido Socialista é que dizia):

“Os que podem pagar devem pagar. Ajudar aqueles que não podem pagar um cêntimo, é este o nosso propósito de sempre. O Partido Socialista tem tido sempre esse cuidado de chamar atenção e aplicar medidas com o cuidado de as pessoas mais carenciadas não pagarem um cêntimo”.

E depois diziam algo que também para mim é preocupante; diziam, com aparente orgulho, 40% das pessoas não vão pagar, os carenciados não pagam, como se fosse uma boa notícia.

Temos 40% de pobres que não pagam.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

Eram estes os fundamentos que eram apresentados.

Devo clarificar, para terminar, o seguinte:

O que eu disse em comissão, e esclareci numa segunda intervenção, perante uma tentativa pouco séria, politicamente, de pôr na minha boca coisas que não tinha dito, de que não fiz qualquer juízo de valor sobre o impacto que isso tinha nas unidades de saúde.

Apenas informei, da mesma forma como informei o valor das taxas moderadoras por cada ato, o impacto que tinha em cada uma das unidades de saúde. Informei! Disse que era aquele impacto! Não qualifiquei, ao contrário daquilo que é aqui, de uma forma pouco séria, afirmado.

Não fiz qualquer tipo de apreciação. Como Membro do Governo e perante o Parlamento, fiz aquilo que era cumprir o meu dever, informar os deputados para terem toda a informação, saberem quanto é que custa a cada cidadão e qual é o impacto que tem no

Serviço.

A decisão é dos Senhores Deputados, pura e simplesmente. Mas é esta transparência e esta verdade que os senhores não entendem.

Alguma razão, será!

Devo dizer que quanto aos valores e às dívidas, eu percebo que para o Partido Socialista, para o socrático Partido Socialista que dizia que as dívidas não são para se pagar, essas questões financeiras não têm importância nenhuma.

O Partido Socialista é que sempre disse que as dívidas não são para pagar. Mas devo dizer, Senhor Deputado Tiago Lopes, que é este Governo (este governo!) que está a pagar as dívidas que os senhores deixaram durante anos.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

Este governo já pagou 25.000.000 de euros de dívida que os senhores deixaram. É este Governo que está a pagar dívidas aos enfermeiros, aos técnicos superiores de diagnóstico e terapêutica, aos farmacêuticos, aos médicos, de contagem de tempo de serviço. O processo dos médicos vamos iniciar agora, que os senhores deixaram por mais de uma década por resolver. É este Governo que está a pagar e é este Governo, por exemplo, que está a contratar mais médicos, é este governo que está a contratar mais enfermeiros, é este Governo que tem mais consultas, mais cirurgias, mais exames, do que o tempo que o senhor estava no Governo.

E devo dizer mais ainda. É um assunto que tem andado aqui meio fugidio, e é importante que se perceba.

No âmbito deste debate, em 2011, para justificar isso, o Partido Socialista (um assunto que foi muito debatido na altura, é uma coisa que parece esquecida, que é o dito SIS-ARD, não sei se se recordam do SIS-ARD) implementou o SIS-ARD, que era um sistema informático que parecia que, como foi dito pelo Secretário da altura, Sistema Integrado que envolve hospitais e centro de saúde, que ia resolver o problema desta falta de comunicação entre hospitais e centros de saúde.

Gastaram 12.000.000 de euros e é este Governo que vai resolver este problema, fazendo com que, passados 10 anos, os 12.000.000 de euros não serviram para nada. Também aqui está demonstrada a vossa credibilidade.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Deputado Carlos Silva (PS):** Que nível, Sr. Secretário!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Secretário Regional.

Tem a palavra o Senhor Deputado Pedro Neves.

**(\*) Deputado Pedro Neves (PAN):** Obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Eu acredito, obviamente, na humildade democrática do Senhor Deputado Bruto da Costa (acredito mesmo, não estou a ser irónico), mas eu acho que estamos a desviar completamente a nossa conversa e os argumentos para algo menor (é importante, mas é menor), entre o DRR e sobre a injustiça que nós vamos fazer.

Por isso eu pergunto também ao Senhor Deputado Bruto Costa, mas mais propriamente à Senhora Deputada Catarina Cabeceiras, do CDS, porque disse que querem, primeiro, comparar o continente à Região Autónoma dos Açores, para que a gente fique em pé de igualdade, mas ao ter um pé de igualdade, vamos fazer uma desigualdade enorme.

Por isso eu vou perguntar, neste caso também de uma forma humilde, o que é que nós vamos dizer aos faialenses?

O que é que nós vamos dizer aos angrenses?

O que é que nós vamos dizer aos ponta-delgadenses?

Isso, para mim, é a solução que eu queria que saísse deste Parlamento.

DRR, é importante, sim, mas é um mal menor desta iniciativa.

Obrigado, Senhor Deputado.

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

A Mesa neste momento, não tem mais inscrições.

Senhor Deputado Tiago Lopes, faça favor.

(\*) **Deputado Tiago Lopes (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Senhor Deputado João Bruto da Costa, porque é que não leu o ponto 5, da proposta da CAS ou do PSD, que nós, enfim, foi aqui de certa forma usurpada?

Porque é que não leu o ponto 5? Só leu o ponto 2.

É que não consegue esclarecer de que forma é que vai ser feita essa redução, ou seja, continuamos na mesma nesta neblina. Aquilo que está escamoteado é, de certa forma, a forma como iremos fazer aqui a redução das taxas moderadoras, quando até aqui eram isentos. Ponto.

Depois, Senhor Secretário, novamente para tentar fugir à questão central que nós temos aqui nesta Assembleia, que são as taxas moderadoras, falou novamente no passado, veio falar da dívida, vem falar das consultas, ...

**Secretário Regional da Saúde e Desporto** (*Clélio Meneses*): Mais consultas, mais cirurgias no presente!

**Deputado José Contente** (*PS*): Mas quem é que pagou a vossa dívida? Foi o Espírito Santo?

**O Orador**: Não nos explicou, Senhor Secretário, o porquê de ser contra as taxas, mas depois o seu partido apresentar uma proposta para rever as taxas.

**Secretário Regional da Saúde e Desporto** (*Clélio Meneses*): Mas quem é que disse que estou contra as taxas?

**O Orador**: O senhor disse na Comissão.

**Secretário Regional da Saúde e Desporto** (*Clélio Meneses*): Eu disse isso?

**O Orador**: “É uma proposta isolada, avulsa, residual.”

**Secretário Regional da Saúde e Desporto** (*Clélio Meneses*): Avulsa?

**O Orador**: “A intervenção que se possa fazer, que é necessário fazer, não se pode centrar apenas e só nas taxas moderadoras.” Clélio Meneses, na última reunião da Comissão de Assuntos Sociais.

**Secretário Regional da Saúde e Desporto** (*Clélio Meneses*): Mas onde é que diz que sou contra?

**O Orador**: Vamos para intervalo, o PSD apresenta uma proposta.

**Secretário Regional da Saúde e Desporto** (*Clélio Meneses*): Onde é que diz que estou contra?

**O Orador**: O que é que o senhor diz relativamente a isso? É a favor ou contra as taxas moderadoras?

Quer aliviar ou não a despesa das famílias açorianas? Ou está mais preocupado com a receita dos hospitais?

O Senhor Secretário está preocupado é com a receita dos hospitais e é isso que nos diferencia.

E relativamente à questão da digitalização, eu gostaria de perguntar ao Senhor Secretário, já que se meteu por essa via, o que é que é feito dos milhões do PRR relativamente a essa matéria? O que é que é feito?

A equipa de acompanhamento do PRR já chamou a atenção para o atraso medonho, que se está a verificar neste sector da saúde, naquilo que são as verbas, os milhões que vêm no âmbito do PRR. O que é que o senhor está a fazer?

Está preso no passado, Senhor Secretário.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra, Senhor Deputado João Bruto da Costa.

(\*) **Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Senhor Deputado Tiago Lopes, a nossa proposta que entregámos na Comissão e que a Comissão subscreveu e que está em debate (a nossa proposta, que apresentámos em Comissão – **a nossa proposta que apresentámos em Comissão**) e que a Comissão aprovou, votou favoravelmente, por maioria, e que está em debate, propõe a abolição das taxas moderadoras.

Eu vou dizer isto o mais devagar possível e direto, que é para não restarem dúvidas, porque o Senhor Deputado Tiago Lopes deixou aí uma data de dúvidas.

A nossa proposta apresentada em Comissão, e subscrita pela Comissão dos Assuntos Sociais, e que está em debate, propõe a abolição das taxas moderadoras nos serviços de urgência de todos os centros de saúde.

**Deputada Ana Luís (PS):** Nos serviços de urgência!

**O Orador:** A proposta do Partido Socialista, propõe continuarem a existir taxas moderadoras nas urgências dos centros de saúde de todas as ilhas dos Açores.

Portanto, o Senhor Deputado quando afirma, dessa tribuna, que nós é que somos a favor de cobrar taxas moderadoras e que a sua proposta é que não é, o Senhor Deputado, das duas, uma: ou não leu o que está em debate, ou aderiu à nossa proposta, ou já aderiu a alguma proposta de alteração que vem abolir as taxas moderadoras dos centros de saúde, ou então o Senhor Deputado está a insistir num equívoco que pretende transmitir aos açorianos fazendo pensar, talvez que não insulta a nossa inteligência, ao dizer que está a propor aquilo que é o contrário do que propõe.

O senhor propõe continuar a existir taxas moderadoras nos centros de saúde.

Nós propomos que acabem! É isso! Ponto final! Não tem mais debate sobre essa matéria.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, do PPM e dos Membros do Governo)*

**Deputado Nuno Barata (IL):** Uma injustiça com a maioria dos açorianos, é isso que os senhores propõem!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem agora a palavra o Senhor Secretário Regional da Saúde, faça o favor.

(\*) **Secretário Regional da Saúde e Desporto (Clélio Meneses):** Senhor Presidente, muito obrigado.



Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

De uma forma muito breve apenas para clarificar mais uma vez duas ou três questões, e em respeito pelos açorianos que nos estão a ouvir, porque de facto, ...

**Deputado José Contente (PS):** Já não estão!

**O Orador:** O respeito pelos açorianos é independentemente do tempo de estar em direto ou não direto. O Senhor Deputado José Contente é que faz sempre as suas abordagens, tendo em conta o impacto eleitoral que possam ter e, pelos vistos, os ponta-delgadenses já o demonstraram.

*(Risos do Deputado José Contente)*

**Deputado Francisco Coelho (PS):** E os praienses também, Sr. Secretário.

**Deputado José Contente (PS):** E o senhor está a perder votos! Eu estou de saúde!

**O Orador:** Com uma certa diferença e várias vezes. E várias vezes!

Mas para dizer o seguinte:

Quando evoquei o passado foi exatamente para demonstrar a origem daquilo que estamos aqui a discutir.

Estamos a discutir taxas moderadoras que foram implementadas pelo Partido Socialista e durante 10 anos o Partido Socialista manteve taxas moderadoras enquanto estava no Governo e agora passaram à oposição mantendo a mesma incoerência no debate sobre esta matéria.

**Deputado Carlos Silva (PS):** Qual é a posição do Secretário da Saúde?

**O Orador:** E tentando pôr, mais uma vez, na minha boca, coisas que eu não disse, o que não é sério. Eu nunca disse que era contra, nem a favor. Apenas debitei informação para o conhecimento dos Senhores Deputados. Foi apenas isso.

A interpretação é a sua e percebo que a vossa interpretação, sobre as minhas palavras, vá sempre de acordo ao vosso interesse e não à verdade.

**Deputada Ana Luís (PS):** Desmereceu a iniciativa!

**O Orador:** A verdade, para mim, é muito mais relevante do que o interesse de quem quer que seja.

**Deputado Carlos Silva (PS):** Qual é?

**O Orador:** Mas para concluir:

Esta é uma matéria que, na minha opinião (e na do Governo) não é determinante para aquilo que são os problemas de fundo da saúde desta região. Não é! É uma questão avulsa! É uma abordagem isolada e a iniciativa que o Grupo Parlamentar do Partido Socialista teve foi a iniciativa de tocar no Estatuto do Serviço Regional de Saúde, apenas e só, relativamente às taxas moderadoras.

**Deputado Carlos Silva (PS):** E a da CAS o que é?

**O Orador:** Os problemas estruturais, de fundo, que os senhores nos deixaram e que estamos a resolver no presente, porque, Senhor Deputado, quando eu digo que temos mais médicos, mais enfermeiros, mais técnicos superiores de diagnóstico e terapêutica, mais consultas, mais cirurgias e mais exames, isto é, no presente. Isto é presente.

É isso que os açorianos, em 2021 e em 2022, estão a sentir nas suas vidas, esperando que tenhamos mais tempo para continuar a resolver os problemas que os senhores nos deixaram.

**Deputado José Contente (PS):** O hospital digital!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, do PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigado, Senhor Secretário Regional.

Tem a palavra a Senhora Deputada Catarina Cabeceiras.

(\*) **Deputada Catarina Cabeceiras (BE)**: Obrigada, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente e Membros do Governo:

Começando aqui pelo fim, e aquilo que foi a intervenção do Senhor Deputado Neves, que questionou qual a nossa posição e focou a nossa proposta, na situação, em concreto, do Faial, a verdade é que o nosso entendimento é que realmente o serviço de atendimento de urgências dos hospitais, primeiro, é um serviço diferenciado daquele que é prestado nos centros de saúde, com recursos a outros meios, que nos centros de saúde não existem.

Depois, a verdade é que a pressão que existe nas urgências dos hospitais é muito superior àquela que se verifica na maior parte dos centros de saúde, quanto, por exemplo, no trabalho da Comissão, foi avançado o número, no Hospital do Divino Espírito Santo, por exemplo, em que havia mais de 400 consultas de urgência por dia.

Realmente entendemos que, neste momento, como já disse anteriormente, não significa que o próximo passo seja isentar até nos hospitais, mas a verdade é que neste momento entendemos que devemos dar primazia aos cuidados de saúde primários. É esta a nossa posição e por isso defendemos a iniciativa que saiu da Comissão em que vai abolir, caso seja aprovada, as taxas moderadoras nos serviços de urgência de todos os centros de saúde.

Depois, quanto à Senhora Deputada Alexandra Manes (apesar de já não ter tempo) aos elogios que fiz a Iniciativa Liberal, a verdade é que a Senhora percebeu tudo ao contrário. Foi exatamente isso.

Até porque a proposta de alteração que o Bloco de Esquerda apresenta à iniciativa, por exemplo, do Partido Socialista, vai ao encontro daquilo que a gente defende, que é realmente abolir as taxas moderadoras nos serviços de urgência dos centros de saúde.

Portanto, não foi nada disso, até porque também quanto à alteração que a Iniciativa Liberal apresenta discriminando todas as situações, eu própria

mencionei que da forma que estava, que remetia para a legislação nacional, existindo uma alteração, automaticamente ficava a região abrangida e, por esta via, não seria nesses termos.

Portanto, Senhora Deputada, está esclarecido.

Relativamente àquilo que o Senhor Deputado Tiago Lopes mencionou, e quanto à letra de lei, e que agora queremos escamotear tudo, o que queria perguntar, porque não consigo compreender, como é que em letra de lei, num texto que é exatamente igual num DRR, mas que foi feito efetivamente pelo Governo do Partido Socialista, não era para escamotear nada.

O mesmo texto, agora apresentado numa proposta de Decreto Legislativo Regional, já é para escamotear tudo e para o Governo fazer como quer. Não consigo perceber esse seu entendimento, porque é exatamente o mesmo texto, *ipsis verbis*, o mesmo texto.

Portanto, não consigo perceber como é que está sempre a querer levantar essa suspeita?

Depois quando levanta a suspeita...

**Presidente:** Senhora Deputada, agradeço que termine.

**A Oradora:** Termina já.

... de existirem situações em que os utentes estão isentos e vão deixar de estar. Como é que o senhor pode dizer isso, se, da forma que está a legislação atual, remete para a legislação nacional, e a proposta que está aqui a ser discutida, da Comissão, remete para a mesma legislação nacional?

Como é que pessoas que estão neste momento isentas vão deixar de o ser?

Não consigo perceber!

A verdade é que muitas vezes, na área da saúde, quando o senhor vem a debate, exatamente (e é esta a situação) em coisas que são iguais, antes num DRR não havia problema, mas agora, num Projeto Legislativo Regional, é que há o problema é que estamos a esconder tudo, e o Governo vai querer

fazer tudo como quer? Não consigo compreender. A única diferença é que o texto é igual e os proponentes são diferentes.

Muito obrigada.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, do PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem a palavra o Senhor Deputado Nuno Barata.

(\*) **Deputado Nuno Barata (IL):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Nós já percebemos o que é que a maioria parlamentar que suporta o Governo pretende fazer nesta legislatura e neste período legislativo. Foi isso mesmo que veio aqui fazer.

Uma bandeirinha, uma medidinha, para aparecer aos açorianos como aquele que quer resolver os seus problemas, com uma medidinha, com a bandeirinha.

Senhor Deputado Bruto da Costa, vou lembrar-lhe uma coisa: ...

**Deputada Catarina Cabeceiras (BE):** A sua posição é legítima, a dos outros não é verdadeira!

**O Orador:** ... a sua medida pode até ser muito justa para os utentes dos serviços de saúde, de alguns centros de saúde, mas a sua medida discrimina (discrimina!) negativamente a maioria dos açorianos que vão continuar a pagar a taxa moderadora nos hospitais: em Ponta Delgada, na Horta e Angra do Heroísmo.

A maioria dos açorianos são utentes precisamente desses três hospitais.

E o que se passa aqui é que o Governo passa a vida a promover (o Governo e a maioria que o suporta) discriminações entre açorianos e não pode haver açorianos de primeira e açorianos de segunda.

E os problemas que existem na urgência do HDES não se resolvem nem com mais taxas moderadoras, nem com menos taxas moderadoras, no serviço de urgência da Ribeira Grande, da Lagoa, ou seja de onde for. Não se resolve por aí!

E se quisessem ter resolvido esse assunto com mais seriedade, tinham-no resolvido e o Senhor Secretário já disse, e eu também já disse hoje aqui: é com outro tipo de medidas.

Agora, promover a desigualdade entre açorianos, é isso mesmo, é dizer que uns aqui, ali e acolá não pagam e outros, noutra sítio, pagam.

Agora o senhor diga-me uma coisa: o senhor sabe o que é que vai acontecer aos serviços de urgência da Ribeira Grande, ou da Lagoa, ou de Vila Franca do Campo, com esta aprovação, que o senhor tem aí?

Vai acontecer que as pessoas vão fugir do HDES todas para a Ribeira Grande (são 20 minutos de automóvel) e vai entupir os serviços de urgência da Ribeira Grande, ...

**Deputada Alexandra Manes (BE):** Com menos recursos!

**O Orador:** ... com os mesmos utentes e com menos recursos.

E, portanto, nós temos que ser sérios nessas situações.

Nós estamos tido o cuidado de ser responsáveis nas medidas que fazemos, nas medidas que trazemos aqui.

Para mim, seria muito mais fácil dizer aos açorianos que “não vão pagar taxas moderadoras, em parte nenhuma”. Ou então, “sim, senhor, não pagam taxas moderadoras nos serviços de urgência dos centros de saúde; vão só pagar nos hospitais, porque quem tem hospitais, pode pagar.”

Não é verdade! Não é verdade! Fazem o mesmo esforço que fazem outros nos centros de saúde. Não é verdade!

Há muita gente que vai ao serviço de urgência do Centro de Saúde da Ribeira Grande, da Madalena do Pico, ou de Santa Cruz das Flores, que tem mais possibilidades que a maioria daqueles que vão ao centro de saúde e que têm que recorrer ao serviço de urgência do HDES, ou do HSEIT, ou do Hospital da Horta.

E o Governo e a maioria que o suporta, não pode passar a vida a promover a desigualdade entre os açorianos.

É verdade que tem que tratar de forma diferente aquilo que é diferente, mas não pode promover desigualdade.

**Deputado António Lima (BE):** Está registado.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem agora a palavra o Senhor Deputado Pedro Neves.

(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Senhora Deputada Catarina Cabeceiras, apesar de compreender o seu argumento, pelo menos não cola. E não cola, porquê? Concordo que pode haver diferenciação relativamente à urgência do centro de saúde do hospital, depende também da urgência, depende, obviamente, do que é que está a acontecer à pessoa, mas não há escolha. E o problema é quando não há escolha.

Apesar de ser uma diferenciação, não há escolha neste caso, e estamos a falar dos concelhos com um hospital que, neste caso, pelo menos dois dos concelhos, é onde nós temos mais habitantes, são os concelhos mais populosos dos Açores, são aqueles que não vão estar isentos, e esse é o único problema do PAN.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Senhor Deputado João Bruto da Costa.

(\*) **Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Apenas retomando aquilo que eu acho que gostaria de salientar na nossa proposta.

Nós optámos por propor que, aquilo que é possível, em termos de revogar as taxas moderadoras, neste momento – e que achamos válido – era que as mesmas deixassem de ser praticadas nas urgências dos centros de saúde.

É verdade que ainda há casos específicos que se possa dizer que isso cria algum sentimento de discriminação.

E eu digo sentimento de discriminação, porque, na verdade, quando nós discriminamos um cidadão de Santa Cruz da Graciosa, por não pagar taxa de moderadora no centro de saúde, independentemente do seu nível de rendimento, é porque ele não tem qualquer outra alternativa. Absolutamente nenhuma alternativa!

**Deputada Ana Luís (PS):** Na Terceira tem e em São Miguel também tem.

**O Orador:** E é verdade, e eu concordo consigo, Senhor Deputado Nuno Barata, e o Senhor Secretário já o reafirmou, na nossa opinião nós caminharemos, certamente (estou confiante e esperançoso disso), para abolir as taxas moderadoras no Serviço Regional de Saúde.

Havendo confiança de que essa medida não trará dificuldades nas urgências hospitalares, eu estou certo de que será possível nós aqui aprovarmos essa medida.

O que nós propomos agora é, porventura, eventualmente de uma determinada perspetiva, visto como uma medida que discrimina cidadãos que se desloquem a centros de saúde e que possam mais facilmente ter acesso a um centro de saúde, nomeadamente em algumas ilhas.

Mas é verdade que é um passo melhor do que manter taxas moderadoras também para esses cidadãos e foi essa a nossa opção nesta medida que propomos.



É um passo que estamos a dar.

No futuro, e estamos confiantes que poderemos fazê-lo, dar um passo ainda maior na abolição das taxas moderadoras.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Senhora Deputada Catarina Cabeceiras, já não tem tempo.

(\*) **Deputada Catarina Cabeceiras (BE):** Para uma interpelação, Senhor Presidente.

**Presidente:** Faça favor.

(\*) **Deputada Catarina Cabeceiras (BE):** Para solicitar um intervalo regimental de 30 minutos.

**Presidente:** É regimental. Atendendo à hora, encerramos os nossos trabalhos por hoje.

Até amanhã. Boa noite a todos.

*Eram 19 horas e 35 minutos.*

(\*) Texto não revisto pelo orador

*Deputados que entraram durante a Sessão:*

**Partido Socialista (PS)**

**Lubélio de Fraga Mendonça**

*Partido Social Democrata (PSD)*

**Jaime Luís Melo Vieira**

*Partido Popular (CDS/PP)*

**Pedro Gabriel Correia Nunes Teixeira Pinto**

As redatoras: Sara Azevedo e Conceição Branco.